

**LISANDRA RODRIGUES VALQUARESMA**



**Ensino do Jornalismo em Portugal: adequação da formação ao mercado de trabalho**

**Universidade Fernando Pessoa**

**Porto, Julho de 2018**



**LISANDRA RODRIGUES VALQUARESMA**



**Ensino do Jornalismo em Portugal: adequação da formação ao mercado de trabalho**

**Universidade Fernando Pessoa**

**Porto, Julho de 2018**

**LISANDRA RODRIGUES VALQUARESMA**

Assinatura: \_\_\_\_\_



**Ensino do Jornalismo em Portugal: adequação da formação ao mercado de trabalho**

Trabalho apresentado à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação, sob orientação do Professor Doutor Ricardo Jorge Pinto.

## RESUMO

Esta tese enfatiza o caminho percorrido ao longo dos anos no que diz respeito ao ensino do jornalismo. São aqui apresentadas as várias dificuldades desde as primeiras intenções de se formular um curso de jornalismo, até 1979, data da implementação da primeira licenciatura em Comunicação Social. É ainda abordado, de forma geral, a iniciativa do curso de reciclagem que surgiu como vontade da classe jornalística após a criação da licenciatura. Por fim, ainda no primeiro capítulo, é dado algum destaque ao ensino jornalístico a partir dos anos 90, de modo a estabelecer e a compreender o ponto de evolução do ensino do jornalismo.

É apresentado, numa segunda parte deste trabalho, um retrato do ensino do jornalismo na atualidade, com a exposição dos cursos de jornalismo e comunicação existente no país. Desta forma, é igualmente apresentada uma análise aos planos curriculares de cada curso com vários aspetos importantes, como os seus objetivos principais, as saídas profissionais, as provas de ingresso, a apresentação e análise das disciplinas e muito mais.

É exposto um retrato do sistema mediático jornalístico português e, por fim, é mostrada uma análise dos resultados obtidos. Da utilização dos planos curriculares e a sua análise, bem como as entrevistas realizadas, é possível concluir que a maioria dos cursos de jornalismo/comunicação no país são de Ciências da Comunicação e que são, assim apresentados ao aluno, cursos mais abrangentes. Compreendeu-se também que a Universidade é e deve continuar a ser um local de pensamento, reflexão e preparação para o futuro. No seu todo, deve tentar, o mais possível, ser equilibrada a teoria com a prática, e tentar acompanhar a evolução do mundo da comunicação e do jornalismo.

## **ABSTRACT**

This thesis emphasizes the path taken over the years in the teaching of journalism. Here we present the various difficulties from the first intentions of formulating a journalism course, until 1979, the date of the implementation of the first degree in Social Communication. It is also approached, in general, the initiative of the recycling course that emerged as the will of the journalistic class after the creation of the degree. Finally, in the first chapter, journalism teaching has been emphasized since the 1990s, in order to establish and understand the evolutionary point of journalism teaching.

In a second part of this work, a portrait of current journalism teaching is presented, with the exhibition of journalism and communication courses in the country. In this way, an analysis is also presented on the curriculum plans of each course with several important aspects, such as its main objectives, professional exits, entrance exams, presentation and analysis of the disciplines and much more.

A portrait of the Portuguese journalistic media system is exposed and, finally, an analysis of the results obtained is shown. From the use of the curriculum plans and their analysis, as well as the interviews conducted, it is possible to conclude that most of the journalism / communication courses in the country are of Communication Sciences and that are thus presented to the student, more comprehensive courses. It was also understood that the University is and should continue to be a place of thought, reflection and preparation for the future. On the whole, it should try, as much as possible, to balance theory with practice, and try to keep up with developments in the world of communication and journalism.

## **AGRADECIMENTOS**

Não é tarefa fácil elaborar uma dissertação de mestrado. Desengane-se quem pensa o contrário. A realização de uma dissertação implica muito empenho, força de vontade, espírito de sacrifício e algumas dores de cabeça. Para a sua concretização é essencial mergulharmos em meses de muito trabalho, muita pesquisa e dedicação. No meu caso, oito meses de trabalho. Oito meses em que pude contar com a ajuda de algumas pessoas.

Em primeiro lugar, um agradecimento a todos os profissionais do meio jornalístico que disponibilizaram tempo de trabalho para me concederem entrevistas basilares para a realização deste trabalho. Sem as suas intervenções tudo seria mais difícil. Por isso, obrigada Hélder Silva, Vanessa Rodrigues, Miguel Conde Coutinho, Jorge Pedro Sousa e Luís Loureiro. Um especial agradecimento também a Maria Ferreira e Sara Campos pelas intervenções.

Agradecer ao meu orientador, professor Ricardo Jorge Pinto. Nele encontrei, não só um excelente orientador de dissertação, mas também um brilhante professor universitário. Obrigada por estes dois anos de ensinamentos, mas também por todas as memórias partilhadas por Nova Iorque e Washington. Viagens daquelas jamais se esquecem.

Por último, mas não menos importante, agradecer aos meus pais, Fernanda e José, que mais uma vez possibilitaram este passo enorme na minha formação. Agradecer ao meu namorado, Nuno, companheiro desta aventura e algumas vezes preterido em prol deste trabalho. Agradecer ainda à minha família por estar sempre lá, e em concreto à Ju e ao Tiago pela ajuda na formatação desta tese.

Obrigada, no fundo, por muitas vezes, me terem mostrado qual o caminho a seguir.

# Índice

INTRODUÇÃO .....	1
Capítulo I – As origens do ensino do jornalismo em Portugal.....	2
1.1. O caminho percorrido até à primeira licenciatura .....	3
1.2. A criação da primeira licenciatura em Comunicação social .....	6
1.3. Curso de Reciclagem.....	9
1.4. O ensino jornalístico a partir dos anos 90 .....	10
Capítulo II - O ensino do jornalismo na atualidade.....	11
2.1. Os cursos de Jornalismo e Comunicação existentes em Portugal .....	13
1) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior – Ensino Público .....	14
2) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade de Lisboa – Ensino Público ....	16
3) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho – Ensino Público ....	18
4) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa – Ensino Público .....	20
5) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Ensino Público.....	21
6) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade do Algarve – Ensino Público/Politécnico.....	22
7) Curso de Ciências da Comunicação do Instituto Universitário da Maia (ISMAI) – Ensino Privado .....	24
8) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões – Ensino Privado .....	25
9) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade Católica Portuguesa – Ensino Privado .....	28
10) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade Europeia – Ensino Privado .	29
11) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade Fernando Pessoa – Ensino Privado .....	30
12) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade Lusófona do Porto – Ensino Privado .....	32
13) Curso de Ciências da Comunicação e da Cultura da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Ensino Privado .....	34
14) Curso de Comunicação e Jornalismo na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Ensino Privado.....	37
15) Curso de Ciências da Comunicação: jornalismo, assessoria e multimédia da Universidade do Porto – Ensino Público.....	40
16) Curso de Jornalismo e Comunicação da Universidade de Coimbra – Ensino Público .....	43
17) Curso de Jornalismo do Instituto Superior Miguel Torga – Ensino Privado.....	45

18) Curso de Jornalismo do Instituto Politécnico de Lisboa (Escola Superior de Comunicação social) – Ensino Público/Politécnico.....	46
19) Curso de Jornalismo e Comunicação do Instituto Politécnico de Portalegre – Ensino Público/Politécnico.....	48
20) Curso de Comunicação Social e Cultural da Universidade Católica Portuguesa – Ensino Privado .....	49
21) Curso de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Coimbra – Ensino Público/Politécnico.....	50
22) Curso de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Setúbal – Ensino Público/Politécnico.....	51
23) Curso de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Tomar – Ensino Público/Politécnico.....	53
24) Curso de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Viseu – Ensino Público/Politécnico.....	56
Capítulo III – Retrato do Sistema Mediático Jornalístico Português .....	57
3.1. As publicações existentes em Portugal .....	59
Capítulo IV – Análise de Resultados .....	62
CONCLUSÃO .....	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	77
APÊNDICE 1 .....	81
APÊNDICE 2.....	83
APÊNDICE 3.....	85
APÊNDICE 4.....	88
APÊNDICE 5.....	90
APÊNDICE 6.....	92
APÊNDICE 7.....	93

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1 - Fonte: DGES .....	63
Tabela 2 - Disciplinas de prática jornalística por curso/instituição.....	72

## **INTRODUÇÃO**

Escolher investigar o ensino do jornalismo em Portugal revelou-se pertinente e motivador após a realização de um estágio curricular em 2017. Depois de anos a estudar jornalismo, demonstrou-se interessante pesquisar sobre este tema. Ou seja, qual o caminho percorrido pelos jornalistas até aos dias de hoje, as dificuldades encontradas, os feitos alcançados, as conquistas. Contudo, tornou-se igualmente importante realçar a evolução a nível de ensino jornalístico nas universidades e compreender o seu estado até aos dias de hoje. Desta forma, é apresentado um enquadramento teórico que contém elementos basilares para a compreensão deste tema e a sua evolução.

Após entendido o crescimento do ensino jornalístico, afigurou-se essencial abordar, também, o ensino do jornalismo na atualidade. Assim, para entender de melhor forma como se encontra o ensino do jornalismo em Portugal foi feito, num primeiro momento, uma seleção, descrição e caracterização dos planos curriculares dos cursos de comunicação e/ou jornalismo no país, de modo a obter um panorama daquilo que se ensina nas universidades e institutos aos jornalistas do futuro. Num segundo momento foram realizadas sete entrevistas divididas por entidades empregadoras, professores universitários e alunos estagiários. Com estas entrevistas, foi objetivo compreender os vários lados da questão. Ou seja, o lado de quem ensina, o lado de quem aprende, e ainda o lado de quem contrata.

Relativamente à metodologia de investigação, já acima enunciada, esta procurou debater os vários lados da questão. Em primeiro lugar, com a pesquisa bibliográfica, esclarecer a evolução do ensino jornalístico. Em segundo lugar, respetivamente no segundo capítulo, foi apresentada uma lista de cursos de jornalismo e/ou comunicação do país que foi restringida somente a cursos condizentes à comunicação e ao jornalismo. Depois, no terceiro capítulo, é apresentado, de forma geral, o retrato do sistema mediático jornalístico português. Por fim, já no quarto capítulo é exposta a análise dos resultados.

## **Capítulo I – As origens do ensino do jornalismo em Portugal**

Falar da história do ensino do jornalismo em Portugal é falar de uma história recente. Pautada por inúmeras contrariedades, condicionantes políticas e atrasos sociais, esta história do ensino jornalístico representa para o país “um caso ímpar de atraso na formação superior direcionada para o exercício do jornalismo” (Cascais, 2004, p. 1).

Existem muitas razões que podem ser apontadas para este atraso, já que “em 1968, Portugal era, porventura, o último país no Ocidente sem ensino do jornalismo institucionalizado” (Cascais, 2008, p. 2) Conforme aponta Graça (2007, p 128 e 129) isto é:

“fruto de um percurso atribulado e do papel menorizado dos jornalistas na sociedade portuguesa. Num país com enormes taxas de analfabetismo, nomeadamente no adulto, ainda as maiores da comunidade europeia, o diminuto consumo de jornais, a par com uma política limitadora da liberdade de expressão era conveniente ao sistema político manter o vazio, no que diz respeito à formação académica dos jornalistas portugueses.”

A existência da censura, em consequência do regime ditatorial que o país vivia, marca um dos principais fatores de bloqueio ao desenvolvimento do jornalismo. Segundo Correia e Baptista (2007) a conceção do regime, aliado aos efeitos preconizados pela censura fazem compreender por que razão “o jornalismo era uma profissão pouco atrativa e para a qual não se exigiam competências específicas”, já que não havia formação académica e o emprego nas redações era, muitas vezes, complementado com outros trabalhos (Correia e Baptista, 2007). O jornalismo na época de Salazar era mesmo “uma profissão de pouco prestígio, essencialmente burocrática, que oferecia poucas oportunidades para uma carreira interessante” (Mesquita e Ponte, 1996). Nesta fase “os jornais incómodos eram judicialmente processados ou apreendidos, textos ou partes de textos censurados, e alguns jornalistas e editores presos” (Sousa, 2008)

Enquanto chefe do regime em vigor, António de Oliveira Salazar tinha consciência da censura e do quanto isso representava um entrave no papel da imprensa. De acordo com Ferro (cit. in Veríssimo 2003) e numa pergunta feita por si a Salazar, este respondeu:

“Eu compreendo que a censura os irrite (...) porque não há nada que o homem considere mais sagrado do que o seu pensamento. Vou mais longe: chego a concordar que a censura é uma instituição defeituosa, injusta, por vezes, sujeita ao livre arbítrio dos censores, às variantes do seu temperamento, às consequências do seu mau humor. Uma digestão

laboriosa, uma simples discussão familiar, podem influir, por exemplo, no corte intempestivo de uma notícia ou na passagem de um artigo.”

Desta forma, a pesada interferência da censura na atividade jornalística impossibilitava o avanço, fazendo com que não houvesse a procura pela originalidade, não existisse informação que não fosse filtrada pela Secretaria de Estado e havia, na generalidade, medo pela constante repressão. (Correia e Baptista, 2007) (Sousa, 2008).

### **1.1. O caminho percorrido até à primeira licenciatura**

Durante muitos anos não existiu ensino do jornalismo em Portugal. Contrariamente ao que se via no estrangeiro, Portugal não possuía qualquer curso universitário para jornalistas nem havia, de igual meio, forma de conseguir algum tipo de formação académica. Por conseguinte, a única forma de acesso à profissão era através de conhecimentos pessoais, algo que aconteceu até meados dos anos 60 (Correia e Baptista, 2007).

Em Portugal, persistia a ideia de que o jornalismo se aprendia na tarimba, “através da prática exercida nas redações dos jornais e não através de formação específica” (Mendes, 2012, p. 31). Assim, por esta razão e outras enunciadas anteriormente, não existia qualquer tipo de formação académica. No entanto, apesar da existência da censura e de opiniões antagónicas sobre a prática do jornalismo, observava-se uma tendência de mudança. Desde o tempo de Salazar que “os jornalistas vislumbravam no ensino uma forma de elevar o seu estatuto e prestígio social” (Mesquita e Ponte, 1996, p. 5).

O primeiro curso de Comunicação Social, em Portugal, surgiu em 1979 na Universidade Nova de Lisboa. Todavia, até esta criação universitária muito aconteceu, pois “a introdução do ensino superior do jornalismo em Portugal não foi pacífica” (Sousa, 2009, p. 2).

Muitas tentativas foram feitas até 1979, muitas ideias e quase concretizações. No entanto, só no ano de 1979 o objetivo foi finalmente executado. Pois,

“numa época em que o regime político em vigor reprimia, censurava e abolia qualquer espécie de novidade que pudesse pôr em causa os seus ideais, não é de admirar que, somente depois de instaurada e algo consolidada a democracia, as reivindicações para a criação de um curso superior para jornalistas fossem ouvidas.” (Teixeira, 2012, p.2).

A primeira tentativa de realizar um curso de formação jornalística aconteceu em 1941 por iniciativa do Sindicato Nacional de Jornalistas, “preocupado que estava com a necessária elevação cultural e profissional dos jornalistas e urgente necessidade de requalificação escolar” (Graça, 2007, p. 129). Este, intitulado de “curso de formação jornalística de dois anos” (Mesquita e Ponte, 1996, p. 5) seria “constituído por disciplinas teóricas, conferências livres e exercícios práticos” (Mendes, 2012, p. 33). Para participar no curso o candidato teria ainda que “ter o 5º ano do liceu e ser português” (Mendes, 2012, p. 34). Para a sua realização, estava previsto que os alunos aprendessem exercícios práticos de jornalismo, “como a reportagem, a entrevista, o editorial, a crónica, os inquéritos, a biografia, os ecos e a secção de cidade” (Correia e Baptista, 2007, p. 410 e 411). No entanto, nada foi possível porque este curso representou uma tentativa frustrada, já que não foram reunidos os recursos necessários e o Estado não apoiou a iniciativa (Mendes, 2012).

Passaram 26 anos até acontecer uma segunda tentativa de concretizar um curso de jornalismo. Esta tentativa aconteceu em 1966 por iniciativa do Jornal “Diário Popular” que ambicionava recrutar jornalistas para a própria redação (Mendes, 2012). Era denominado de “I Curso de Iniciação Jornalística do DP” e foi construído tendo em conta duas vertentes essenciais. Em primeiro lugar, uma parte com um total de “15 aulas, dedicadas à imprensa em geral” e uma segunda parte dedicada à história e objetivos do Diário Popular (Correia e Baptista, 2007, p. 412). A frequência deste curso era limitada a 25 alunos e a avaliação final “consistia em dois dias de provas escritas e dois dias de provas orais” (Mendes, 2012, p. 35). Era objetivo desta formação que, após concluída a avaliação, fossem escolhidos três candidatos para integrarem a redação do “Diário Popular”, mas acabaram por ser quatro: Botelho Tomé, José Manuel Teixeira, Silas de Oliveira, e Fernando Correia” (Correia e Baptista, 2007, p. 413). O curso conseguiu, desta forma, recrutar quatro novos jornalistas e acabou por revelar sucesso neste que era o seu principal objetivo.

A segunda tentativa bem-sucedida de uma formação em jornalismo em Portugal aconteceu com o I Curso de Jornalismo organizado pelo Sindicato Nacional dos Jornalistas (Correia e Baptista, 2007). Com duração de quatro meses, este curso teve início a 21 de novembro de 1968 e funcionava em regime pós-laboral, quatro dias por semana. (Correia e Baptista, 2007) De acordo com Mendes (2012) os participantes do curso eram estudantes universitários, “um argumento que sustentava a necessidade de se constituir uma escola de jornalismo” (Mendes, 2012, p. 37). No entanto, do grupo de

integrantes do curso havia também “uma derivada heterogeneidade”, (Mendes, 2012, p. 38) uma vez que “havia jornalistas, bancários, funcionários públicos, empregados de escritório, tradutores, advogados, um padre, uma hospedeira da TAP” e muitos mais (Correia e Baptista, 2007, p. 419). Apesar da grande afluência, “o presidente do Sindicato reconheceu que o curso ficou aquém das expectativas dos alunos” (Mendes, 2012, p. 38).

Durante todo o regime de Salazar houve uma intenção de não avançar com a institucionalização do ensino do jornalismo, pois tal formação não convinha ao regime ditatorial. Desta forma, de acordo com Mesquita e Ponte (1996) só na fase marcelista “se verificaram mudanças na atitude governamental”. Assim, em 1970 foi apresentado ao Governo, pela direção do Sindicato dos Jornalistas, presidida por Silva Costa, um “Projeto de Ensino do Jornalismo”. Na verdade, o que diferenciava este projeto dos anteriores era “por um lado, a sua maturidade e, por outro, a preocupação de o filiar nas experiências de ensino do jornalismo que se praticava no estrangeiro” (Correia e Baptista, 2007, p. 422). De acordo com Teixeira (2012) com isto, o Sindicato deixou transparecer novas esperanças de conseguir fazer nascer um curso superior de jornalismo. Este projeto, orientado por uma comissão de jornalistas, “previa a fundação de um curso de Ciências da Informação, com dois níveis que formasse jornalistas multimédia num estabelecimento de ensino específico” (Sousa, 2009, p. 21). Estes dois níveis, em conformidade com Canavilhas (2009) representariam uma duração de 3 anos para bacharelato e 5 anos para licenciatura. É conhecida uma posição diferenciadora do marcelismo relativamente à imprensa, ao que antes sucedia com Salazar. Por isso, “a Assembleia aprovou um artigo sobre o ensino do jornalismo para assegurar a formação de profissionais de imprensa.” (Cascais, 2008, p. 3) Porém, nem tudo se revelou fácil já que o Sindicato Nacional dos Jornalistas “encontrou oposição em praticamente todo o lado, mesmo entre os jornalistas” (Correia e Baptista, 2007, p. 425). Na verdade, o governo de Marcelo Caetano “não estava objetivamente interessado em viabilizar a ideia nem a dar celeridade” ao projeto de jornalismo (Correia e Baptista, 2007, p. 425). Este curso possibilitaria a existência de 3 domínios que se chamariam “ciências da informação, técnica da informação, e cultura para a informação” (Sousa, 2009, p. 21) no entanto, uma vez mais “o projeto perdeu-se nas gavetas governamentais de um regime que temia a liberdade de imprensa” (Canavilhas, 2009, p. 58).

Ainda em 1970, o Instituto de Línguas e Administração (ISLA) incitou ao Ministério Nacional um pedido de aprovação para a abertura de uma Escola Superior de Meios de Comunicação Social (ESMC), (Correia e Baptista, 2007) que possibilitaria

curso como Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade (Sousa, 2009). Este curso com duração de 3 anos “foi aceite pelo poder político vigente e tinha patrocinadores que garantiam condições jurídicas e financeiras” para a sua manutenção (Mendes, 2012, p. 42). Deste modo, o banco Borges & Irmão, uns dos maiores grupos capitalistas nacionais, tornou-se peça fundamental para tornar o projeto financeiramente possível. (Correia e Baptista, 2007) Apesar de a ESMC não possibilitar que os seus cursos tivessem reconhecimento oficial (Sousa, 2009), a escola ainda “acolheu alguns jornalistas, interessados em aumentar e/ou consolidar os seus conhecimentos” (Teixeira, 2012, p. 409). Contudo, em 1975 a nacionalização da banca, após a sequência do 25 de Abril, “agravou a situação da escola, pois o governo não assumiu o destino” desta (Cascais, 2008, p. 10) que acabou por se extinguir na década de 80.

## **1.2. A criação da primeira licenciatura em Comunicação social**

Após anos de várias tentativas, eis que nasce em 1979 a primeira licenciatura em Comunicação Social “através do Decreto nº 128-A/79, de 23 de novembro, publicado no Diário da República, o Ministério da Educação cria na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa” o primeiro curso oficial de jornalismo (Mendes, 2012, p.53).

Apenas com o fim da ditadura e após todo o processo revolucionário nasceu o primeiro curso relacionado com jornalismo. No entanto, nos seus 3 primeiros anos, esta licenciatura em Comunicação Social “foi, juntamente com as de Antropologia e Sociologia, uma das variantes do curso de Ciências Sociais” (Mendes, 2012, p. 53). Ou seja, a licenciatura funcionou integrada num campo de estudo ligado às Ciências Sociais, o que comprova que o jornalismo, “como campo específico de estudo, continuava a ser uma utopia” (Teixeira, 2012, p. 411).

Esta primeira licenciatura, com orientação de Adriano Rodrigues, doutor em Ciências da Comunicação, era pautada por “um pendor marcadamente generalista e destinada a abranger um leque variado de saídas profissionais” (Graça, 2007, p. 131). Deste modo, após reunião da Comissão Consultiva, grupo de trabalho criado para sistematizar e decidir os pormenores do referido curso, foram decididas as possíveis saídas profissionais (Mendes, 2012). Por conseguinte, esta licenciatura formaria “profissionais da informação, investigadores, docentes, adidos de imprensa, e animadores culturais” (Mendes, 2012, p. 91).

O curso em Comunicação Social da Universidade Nova de Lisboa chegou mesmo a ter um folheto publicitário, onde eram facultadas várias informações relativas ao seu funcionamento, bem como toda a estrutura curricular para os 5 anos de ensino.

Programa curricular	
<b>1.º ANO</b> <ul style="list-style-type: none"><li>— Sociologia Geral</li><li>— Teoria e Método em Ciências Sociais</li><li>— Matemática e Estatística para as Ciências Sociais</li><li>— Introdução à Antropologia</li><li>— Introdução à Economia</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>— Seminário: «Problemas do Mundo de Hoje»</li><li>— <i>Disciplinas de opção:</i> Duas semestrais, a escolher entre as seguintes:<ul style="list-style-type: none"><li>— Sociologia Industrial e do Trabalho</li><li>— Sociologia da Arte</li><li>— Demografia Social e Políticas Demográficas</li><li>— Sociologia e Psicanálise</li><li>— Sociologia da Mudança</li><li>— Sociologia do Desenvolvimento</li><li>— Sociolinguística</li><li>— Sociologia da Família</li><li>— Sociologia das Religiões</li><li>— Sociologia da Saúde</li><li>— Sociologia das Migrações</li><li>— Sociologia dos Tempos Livres</li><li>— Informática</li><li>— Civilizações Africanas e Tropicais</li><li>— Análise Institucional</li><li>— Geografia de Portugal</li><li>— Arqueologia</li><li>— Métodos Quantitativos Aprofundados</li><li>— Ecologia Humana</li><li>— Etologia</li><li>— Sociobiologia</li><li>— Antropologia Filosófica</li><li>— Organizações Internacionais</li><li>— Sindicalismo</li><li>— Literatura Comparada</li><li>— Dinâmica Estrutural e Conjuntural</li></ul></li></ul>
<b>2.º ANO</b> <ul style="list-style-type: none"><li>— História Económica e Social Contemporânea</li><li>— Introdução ao Direito (semestral)</li><li>— Teoria da Comunicação</li><li>— Semiologia I</li><li>— Técnicas de Investigação e de Expressão Jornalística I</li></ul>	
<b>3.º ANO</b> <ul style="list-style-type: none"><li>— Direito e Deontologia da Comunicação Social</li><li>— Sociologia da Comunicação Social</li><li>— Psicossociologia</li><li>— História dos <i>Media</i> e Jornalismo Comparado</li><li>— Técnicas de Investigação e de Expressão Jornalística II (semestral)</li><li>— Gestão dos Meios de Comunicação Social (semestral)</li><li>— Sociologia Política dos Poderes e do Estado</li></ul>	
<b>4.º ANO</b> <ul style="list-style-type: none"><li>— História da Cultura Portuguesa</li><li>— Teoria do Texto e Análise Textual (semestral)</li><li>— Semiologia II (semestral)</li><li>— Antropologia Estética (semestral)</li><li>— Tecnologia dos Meios de Comunicação Social</li></ul>	
	<b>5.º ANO</b> <ul style="list-style-type: none"><li>— Estágio Profissional orientado pelo Departamento e pela instituição em que o estágio é realizado</li></ul> <p><i>Nota:</i> Os estudantes devem possuir conhecimentos pelo menos em duas línguas estrangeiras até ao fim do 4.º ano.</p>

*Programa curricular da primeira licenciatura em Comunicação Social. Fonte: Mendes (2012)*

De acordo com Mendes (2012), no que concerne às condições para o acesso ao curso, num documento solicitado por Adriano Rodrigues à Direção do Sindicato dos Jornalistas, foi decidido que os candidatos teriam que ter mais do que 25 anos de idade, ter igualmente 5 ou mais anos de profissão, possuir conhecimentos de inglês e/ou francês e ainda um currículo académico e profissional. Havia, ainda, a possibilidade de todos os jornalistas profissionais que frequentassem o curso e o obtivessem com aproveitamento, serem “dispensados do 5º ano, terminando o curso, e obtendo a respetiva licenciatura no fim dos 4 anos.”

Ao reparar na estrutura do curso, e como adianta Mendes (2012) o seu programa curricular atesta o enquadramento sociológico da licenciatura, pois “durante os 4 primeiros anos existiam 4 disciplinas obrigatórias ligadas diretamente à sociologia.” (Mendes, 2012, p. 107).

Mais tarde, com a licenciatura em funcionamento, esta passou a agregar outras disciplinas, especificamente disciplinas mais práticas, no sentido de abranger novas oportunidades de formação a nível superior. Neste sentido, “em meados da década de 90 o nome da licenciatura foi alterado para Ciências da Comunicação”, já que anteriormente era Ciências da Informação (Mendes, 2012, p. 107). Apesar da mudança de denominação, o objetivo inicial do curso seria mantido, pois estava centrado “no desenvolvimento do espírito crítico do aluno e não prepará-lo para o mercado de trabalho” (Mendes, 2012, p. 107).

Ao observar o plano de estudos desta primeira licenciatura e conforme Mendes (2012), rapidamente se percebe que o primeiro ano do curso era simplesmente introdutório, apenas com ensinamentos que “não possuíam relação com o jornalismo.” Como indica o autor acima referenciado, o segundo ano apresenta uma disciplina ligada ao jornalismo denominada de “Técnicas de Investigação e Expressão Jornalística I” e o terceiro ano representa detalhadamente as questões e pormenores mais ligadas à Comunicação Social com “Direito e Deontologia da Comunicação Social”, “Gestão dos Meios de Comunicação Social” e “Sociologia da Comunicação Social”. No entanto, este ano ainda acolhe duas unidades curriculares mais jornalísticas que são: “História do media e Jornalismo Comparado” e “Técnicas de Investigação e de Expressão Jornalística II”. Iniciado o quarto ano de estudos, a licenciatura permitia a eleição de duas disciplinas de opção de um leque de 26 à escolha, contudo, “nenhuma das 26 opções estava ligada ao ensino do jornalismo” (Mendes, 2012, p. 111).

Nesta altura, de uma forma algo lenta, a classe jornalística foi demonstrando mudanças no que ao pensamento do ensino diz respeito (Correia e Baptista, 2007) (Mendes, 2012). A ideia de que o jornalismo se aprendia unicamente na tarimba da profissão foi perdendo destaque, uma vez que a formação “tornou-se uma questão crucial para a credibilidade da classe e para a qualidade da democracia” (Correia, 1998, p. 1). Neste sentido, segundo João Carlos Correia (1998) a formação académica é essencial para se obter uma evolução profissional, mesmo perante todas as exigências que se colocam ao jornalista.

A criação da primeira licenciatura na Universidade Nova de Lisboa serviu de exemplo para o que se seguiu. (Canavilhas, 2009) Assim, nasceram mais cursos universitários ligados ao jornalismo como o do Instituto de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa no ano de 1980, e nesse mesmo ano, segundo Teixeira (2012) a Universidade Católica aventurou-se com o lançamento de uma pós-graduação

em Ciências da Comunicação. Mais tarde, em 1983, a Universidade do Minho arranca com uma especialização em Comunicação Social e em 1989 a Universidade da Beira Interior produz um curso com duração de 5 anos letivos (Canavilhas, 2009). Ainda em 1989, nasceu a primeira licenciatura em Ciências da Comunicação numa Universidade privada, a Universidade Autónoma de Lisboa (Teixeira, 2012).

### **1.3. Curso de Reciclagem**

Corria o ano de 1979 quando, após a concretização da licenciatura em Comunicação Social, emergiu, entre a classe jornalística, uma vontade de obter de igual forma um título académico.

Desde a implementação dos primeiros cursos relacionados com o jornalismo que “os jornalistas olharam para o ensino da comunicação ministrado nas universidades com grandes reservas e apreensões”, (Graça, 2007, p. 132) embora admitissem que representavam uma forma de qualificação profissional. Neste sentido, foi sugerido pela Universidade Nova de Lisboa “em resposta à pressão exercida pelos jornalistas” e à necessidade clara da sua formação, a criação de um curso de reciclagem para jornalistas (Mendes, 2012).

Essencialmente, o curso tinha como principal objetivo formar profissionais qualificados que pudessem integrar nos variados domínios da Comunicação Social. A par com a evolução das circunstâncias, a baixa escolaridade da classe jornalística e a ausência de reconhecimento à profissão, “aumentavam a importância em se conseguir um título académico” (Mendes, 2012, p. 126). O curso, que representava uma espécie de um pequeno exemplar do que era a licenciatura em Comunicação Social, tinha um conjunto de 20 disciplinas no seu plano curricular, mas “somente 3 delas possuíam uma relação direta com o jornalismo” (Mendes, 2012, p. 129).

Com a realização deste curso, os alunos ambicionavam obter uma “equiparação ao mesmo nível dos estudantes que concluíssem a licenciatura, mas com o tempo perceberam que isso não iria acontecer” (Mendes, 2012, p. 128). Deste modo, este acabou por se revelar num fator que levou ao insucesso do curso. No entanto, de acordo com Mendes (2012) muitos alunos acabaram por desistir com o avançar das aulas, pois o curso não correspondeu às expectativas e a elevada agenda de compromissos profissionais não era compatível com a frequência das aulas.

No fundo, apesar do curso de reciclagem em Comunicação Social se ter revelado um fracasso, representou um sinal de mudança, pois “o pós 25 de Abril abriu diversas possibilidades para a classe jornalística encontrar caminhos para vencer o atraso histórico que a ditadura impôs” (Mendes, 2012, p. 132).

#### **1.4. O ensino jornalístico a partir dos anos 90**

Ainda nos anos 80, mais concretamente em 1985, foi criada a Escola Superior de Jornalismo na cidade do Porto. Ao longo dos anos, a escola foi crescendo e acolheu inúmeros candidatos que pretendiam aprender jornalismo. Hoje, a escola não apresenta as mesmas bases de ensino iniciais, mas representa, sem dúvida, um marco histórico do ensino jornalístico. Atualmente chamada Escola de jornalismo do Porto, é meritória de um passado de notoriedade e reconhecimento, uma vez que é a escola mais antiga de comunicação social em Portugal. Fundada por sete jornalistas e quatro professores universitários, a escola recebeu mais de 1500 estudantes de jornalismo.

No entanto, é a partir da década de 90 que se regista “um crescimento explosivo” no ensino superior de jornalismo (Canavilhas, 2009) com o surgimento de variados cursos, tanto no ensino universitário privado, quanto no ensino politécnico público. De acordo com Graça (2007) este crescimento aconteceu após Portugal aderir à Comunidade Europeia, hoje chamada União Europeia.

Numa época em que se consagravam algumas distinções entre o ensino universitário e o politécnico, este último resultou da “integração das antigas escolas do ensino médio no ensino superior, visando uma preparação essencialmente técnica através de cursos de curta duração e de vocação profissional” (Cascais, 2008, p. 6).

A década de 1990 acabou por se revelar num ano de muito crescimento no que ao ensino jornalístico diz respeito. Esta década veio mesmo a “inundar o mercado de trabalho português de jovens escolarizados aspirantes a jornalistas” (Graça, 2007, p. 133). No entanto, este tempo revelou-se uma época de mudanças para a indústria das notícias já que “a paisagem mediática alterou-se significativamente” (Graça, 2007, p. 133). Com isto, começou um novo tempo em que vários grupos de comunicação se constituíram e, de acordo com variados interesses, se centralizaram em movimentos de concentração de propriedades em torno do meio.

Segundo Graça (2007), em 1994, existiam em Portugal 23 cursos superiores “num país sem tradição de ensino e investigação no campo dos media e do jornalismo.” (Graça,

2007, p. 134). Consequentemente, no fim dos anos 90 e início dos anos 2000, algumas universidades procederam a alterações, reestruturando os seus planos curriculares em acordo com a duração dos mesmos. Assim, conta Canavilhas (2009) que se ajustou o ensino para a duração de 4 anos com a denominação de Ciências da Comunicação. Já no ensino politécnico, este passa a proporcionar “as chamadas licenciaturas bi-etápicas (3+2 anos)” (Canavilhas, 2009, p. 59).

Apesar destas transformações, em 2005 tudo volta a mudar com a instauração do Processo de Bolonha. No entanto, sem distinções entre o ensino universitário e o ensino politécnico. Assim, “as licenciaturas passam a chamar-se cursos de 1º ciclo e têm a duração de 3 anos” (Canavilhas, 2009, p. 59). Já no que concerne a mestrado e doutoramento, o primeiro passa a ser conhecido por 2º ciclo com a duração de 2 anos e, por fim, o doutoramento passa a chamar-se 3º ciclo e tem a durabilidade de 3 anos, o que já acontecia anteriormente (Canavilhas, 2009).

Ao reparar no percurso percorrido até aqui compreende-se que houve uma evolução na classe jornalística com a implementação do ensino do jornalismo, não só na problemática antes defendida de que o jornalismo se aprendia na tarimba, como também no rejuvenescimento da classe “provocado pelo ingresso de jovens na profissão.” (Sousa, 2010) Com esta evolução,

“os novos profissionais viam-se cada vez menos como escritores de jornais, cada vez menos como boémios desenrascados que exerciam o sacerdócio jornalístico frequentemente a par de outras profissões, e cada vez mais como profissionais.” (Sousa, 2010)

Na verdade, segundo Graça (2007), a chegada às redações dos jovens escolarizados trouxe frescura à atividade jornalística, “fator determinante no início da recomposição e revalorização profissional dos jornalistas portugueses.”

## **Capítulo II - O ensino do jornalismo na atualidade**

O passar do tempo, com a existência do ensino jornalístico algo enraizado nas universidades portuguesas, acabou por trazer algumas novas realidades e certas preocupações. Em conformidade com o que refere Graça (2007) se em 1998 a classe jornalística afirmava a sua relutância relativamente aos cursos superiores e à sua construção, estão agora apreensivos com a situação problemática do mercado de trabalho. Tudo isto, pois há agora inúmeros licenciados em jornalismo, todos à procura de uma

oportunidade de emprego. Segundo esta autora, a discrepância entre a grande oferta de cursos superiores que se digiram ao jornalismo e a diminuta oferta de postos de trabalho na área é motivo de consternações, mas é “entendida como uma consequência natural da massificação do ensino superior a abranger a generalidade dos setores de atividade” (Graça, 2007, p. 137).

É indiscutível que a evolução no ensino superior de jornalismo teve um papel essencial no aumento do número de jornalistas no país. Assim, e como aponta Canavilhas (2009) em 1996 existiam em Portugal 414 jornalistas e em 2008 já se somava uma quantia de 6484 jornalistas com título provisório. Passados 10 anos, já em 2018, identifica-se um total de 5505 jornalistas, dos quais 2243 são mulheres e 3262 são homens, segundo dados da Carteira Profissional dos Jornalistas.

Como afirma Graça (2007) é necessário ter em atenção à situação em que se encontra o mercado de trabalho, pois tal obriga “a repensar a atividade jornalística desde a sua base, de quem tem acesso ao seu exercício e uma atenção aos mecanismos de inserção profissional” (Graça, 2007, p. 143). Os recém-licenciados quando terminam os seus cursos superiores e chegam ao mercado de trabalho constataam a realidade do desemprego, já que as poucas hipóteses surgem “sob a forma de estágios, não remunerados e com poucas hipóteses de garantir continuação sob a forma de emprego” (Teixeira, 2012, p. 415).

Na verdade, como adianta Graça (2007), de um modo geral, durante os primeiros anos do século XXI, no que se refere ao ensino do jornalismo, registou-se uma crescente oferta formativa. As universidades e os institutos privados abriram variados cursos na área das Ciências da Comunicação e Jornalismo, já que a procura por esta área em específico se revelava grande.

Cascais (2004) levanta, de uma forma clara, as diferenças entre a formação académica, aquela que é facultada pelas universidades, e a formação profissionalizante que é oferecida pelos centros de formação. Assim, o autor afirma que a formação profissional, embora seja a via mais prática para a especialização e atualização dos conhecimentos e competências práticas jornalísticas, não deve existir por si só. É sempre importante um complemento de formação, “seja universitária ou tarimbeira.” No que diz respeito à formação académica, esta atua como uma aproximação dos jornalistas ao público e aos cidadãos, o que se revela basilar na atividade profissional jornalística.

Apesar de já bastante enraizados nas universidades e institutos portugueses, os cursos de Ciências da Comunicação, Jornalismo e Comunicação Social continuam, ainda

hoje, a levantar algumas questões e dúvidas no que aos seus planos curriculares diz respeito. Graça (2007) conta que “a insuficiência de cadeiras profissionalizantes continua a ser matéria recorrente na crítica às diversas instituições” (Graça, 2007, p. 136). No entanto,

“apesar de se aceitar a observação quanto à necessidade de adequação dos cursos à evolução e constrangimentos dos novos media, por exemplo, no que diz respeito à preparação escolar para o uso das ferramentas tecnológicas, refuta-se claramente a tradicional dicotomia entre ensino e tarimba profissional.” (Graça, 2007, p. 136)

Por todas estas razões e como forma de analisar a situação do ensino jornalístico no país, será aqui apresentada a oferta formativa de ensino superior em Portugal no que diz respeito ao ano letivo 2017/2018.

### **2.1. Os cursos de Jornalismo e Comunicação existentes em Portugal**

No ano letivo 2017/2018 foi apresentado um total de 24 cursos de jornalismo e comunicação em Portugal, quer em universidades, quer em institutos, segundo a Direção Geral do Ensino Superior (DGES). O número total dos cursos apresentados advém de uma seleção realizada de acordo com os cursos mais característicos de jornalismo ou comunicação, pois estes foram escolhidos, uma vez que integram a área concreta do jornalismo ou da comunicação, quer no perfil de formação declarado pelo curso no seu respetivo site online, quer pelas saídas profissionais enunciadas.

Os referidos cursos assumem várias designações como Ciências da Comunicação, Ciências da Comunicação e da Cultura, Comunicação e Jornalismo, Ciências da Comunicação: jornalismo, assessoria e multimédia, Jornalismo e Comunicação, Jornalismo, Comunicação Social, e ainda Comunicação Social e Cultural.

Os 24 cursos, divididos por universidades e instituições, distribuídos ao longo de todo o país, representam uma larga oferta formativa para qualquer estudante de jornalismo e/ou comunicação. Aspectos basilares como os objetivos principais do curso, as provas de ingresso, as saídas profissionais, a apresentação das disciplinas lecionadas ao longo dos três anos da licenciatura são importantes para ajudar e elucidar qualquer estudante que deseje enveredar por tal via de formação.

Desta forma, segue-se a análise individual de cada um dos planos enunciados, bem como a sua apresentação de acordo com o que é disponibilizado em cada um dos *sites* das respetivas instituições. Nesta análise é ainda disponibilizado, em concreto, uma pesquisa e descrição de todas as disciplinas do curso, sejam de carácter mais geral, ou mais

específicas de ensino jornalístico. No entanto, tal não acontece em 10 cursos do total, já que estas informações não são disponibilizadas pelas instituições.

### **1) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior – Ensino Público**

O curso de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior e que tem Eduardo José Marcos Camilo como diretor do mesmo, procura formar os seus estudantes em diversas vertentes.

A licenciatura em Ciências da Comunicação nesta Universidade pretende promover uma preparação teórica e prática para as variadas profissões da área da comunicação e possibilita assim quatro saídas profissionais. Em primeiro lugar, no jornalismo, no que diz respeito à imprensa escrita, rádio e meios audiovisuais. Também na realização e produção na área do multimédia, no que implica o audiovisual, webdesign, e webjornalismo. Possibilita atividades de comunicação empresarial, como comunicação interna, publicidade e relações públicas. E, por fim, assessoria na área da comunicação institucional em gabinetes de relações públicas de instituições nacionais e autarquias.

Para frequentar este curso universitário, o aluno terá de optar por uma das seguintes provas de ingresso: filosofia, geografia, história ou português.

De acordo com o plano curricular, percebe-se, desde logo, que se trata de uma licenciatura generalista. Assim, oferece disciplinas variadas e pensadas tanto para o ramo de jornalismo como para o ramo de relações públicas.

O primeiro ano de estudos conta com dez disciplinas, divididas por dois semestres. O primeiro semestre apresenta História dos Media, Práticas de Expressão Portuguesa, Semiótica, Técnicas de Redação Jornalística e Publicidade e Relações Públicas. O segundo semestre oferece Metodologia do Trabalho Científico, Pensamento Contemporâneo, Sociologia da Comunicação, Teoria da Comunicação e Teoria da Linguagem.

Ao olharmos para este primeiro ano de Ciências da Comunicação percebemos que este tem cadeiras para os dois ramos do curso. Publicidade e Relações Públicas foca-se numa das vertentes do curso, assim como Técnicas de Redação Jornalística se dirige ao jornalismo. Este primeiro ano contém também duas disciplinas mais transversais como Práticas de Expressão Portuguesa e Pensamento Contemporâneo. Há também Metodologia do Trabalho Científico que torna-se verdadeiramente útil e fundamental para qualquer estudante universitário.

O segundo ano, também dividido pelos dois semestres apresenta Economia, História do Século XX, Epistemologia, Semiologia da Imagem e do Discurso, e uma disciplina de opção que o aluno deverá escolher. No segundo semestre existe Fotografia, Linguagem dos Media, Retórica, e duas disciplinas opcionais. Este segundo ano indica cadeiras mais transversais como Economia ou História do Século XX, mas também outras mais direcionadas para a comunicação como por exemplo Linguagem dos Media. No primeiro semestre, com uma disciplina de opção para eleger, o aluno poderá escolher Webjornalismo ou Produção de Imagem. No semestre que se segue terá de optar por duas que podem ser: Publicidade ou Teoria da Notícia, Géneros Jornalísticos ou Relações Públicas.

Por fim, o terceiro e último ano apresenta Públicos e Audiências, Sociedade e Comunicação, Teoria Política, História da Arte e uma opcional. No segundo semestre existe Cibercultura, Direito e Deontologia da Comunicação, Ética, e uma opcional. As cadeiras opcionais para o primeiro semestre deste último ano são Jornalismo Radiofónico ou Planificação da Comunicação. Para o segundo semestre é possível escolher Atelier de Jornalismo ou Atelier de Publicidade e Relações Públicas.

Ao analisar este plano de estudos deste curso da Universidade da Beira Interior compreende-se que é no seu geral um curso generalista. No entanto, torna-se mais específico a partir do segundo ano quando são oferecidas possibilidades de escolha na formação com as chamadas disciplinas de opção.

Pode-se ainda acrescentar que o curso oferece disciplinas mais abrangentes nos três primeiros semestres na área das Ciências Sociais e Humanas, como por exemplo, Pensamento Contemporâneo, Teoria da Linguagem ou Semiótica. Assim como também algumas do plano na Comunicação como Teoria da Comunicação ou Sociologia da Comunicação.

No que diz respeito em concreto às disciplinas específicas de prática do jornalismo lecionadas ao longo destes três anos de ensino, é possível descrever as suas características, bem como o que as representa no seu modelo de ensino. Desta forma, é apresentada uma descrição do conteúdo programático de cada uma delas.

A disciplina de Técnicas de Redação Jornalística é lecionada no primeiro ano do curso por cinco grandes temas. Em primeiro lugar, surge o grande tema da profissão do jornalista, no que implica a sua função, estatuto, saberes e deontologia. O segundo tema ensina vários aspetos da escrita jornalística, desde as fontes, o registo linguístico e ainda o estilo e a linguagem. O terceiro tema desta unidade curricular diz respeito às técnicas

de construção de textos jornalísticos, como por exemplo, saber selecionar, hierarquizar, escolher o ângulo ou até a técnica de pirâmide invertida ou a construção em blocos. Já o quarto conteúdo programático está assente em técnicas de relação com os leitores. Por fim, o quinto e último tema aborda os diferentes géneros jornalísticos, bem como as suas diferentes técnicas.

A unidade curricular de Linguagem dos Media tem como principal objetivo identificar a importância da linguagem na experiência social, destacando sempre a vertente da linguagem dos media jornalísticos e sociais. O seu conteúdo programático apresenta quatro grandes temas e são eles: a construção social da realidade; Estereótipo, tipificação e ideologia; Enquadramento, agendamento e priming; e por fim, Análise crítica do discurso dos media.

## **2) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade de Lisboa – Ensino Público**

O curso de Ciências da Comunicação da Universidade de Lisboa (ISCSP) apresenta-se como uma licenciatura que tem como objetivo principal oferecer “uma formação científica de base à prática profissional e de investigação em Comunicação.”

Com coordenação da professora doutora Sónia Sebastião, este curso está direcionado para dar resposta “às necessidades do mercado nas áreas da comunicação estratégica e do jornalismo”. Apresenta uma estrutura generalista que permitirá a compreensão de conhecimentos diversos na área em questão e ainda a possibilidade de opções de especialização.

Como saídas profissionais apresenta a possibilidade de serem criadas atividades de produção, edição e investigação jornalística em Órgãos de Comunicação Social, tanto na imprensa, como na televisão ou Internet; Atividades de Marketing, Publicidade, Comunicação de Produto e de Causas em Agências de Comunicação e em empresas; Funções de Relações Públicas em Consultoras de Comunicação, organismos públicos, em organizações sem fins lucrativos e empresas; Indústrias Criativas e Culturais; ou também investigação em Estudos de Comunicação.

Como condições de acesso ao curso é necessário ter concluído o ensino secundário e optar por uma das seguintes provas de ingresso: Geografia, História ou Português.

Esta licenciatura na Universidade de Lisboa apresenta no seu primeiro semestre do primeiro ano disciplinas como Sociologia Geral I, História dos Media, Economia, Princípios Gerais de Direito, Introdução à Análise de Dados e ainda uma disciplina de

opção que o aluno deverá selecionar de acordo com os seus interesses académicos. O segundo semestre contém Sociologia Geral II, Teorias da Comunicação, Semiologia, Análise de Dados, Estratégia e Gestão de Empresa e uma disciplina opcional.

Percebe-se de imediato neste primeiro ano curricular que há uma disciplina de continuação do primeiro semestre para o segundo que diz respeito à Sociologia Geral I e II e que não deixa de ser também transversal, juntamente com Economia, por exemplo.

O segundo ano, dividido obviamente por dois semestres, apresenta no primeiro, Metodologia das Ciências Sociais, Demografia, Media Digitais, Pesquisa de Marketing, Conteúdos e Audiências, e uma cadeira de opção. O segundo prende-se com disciplinas como Investigação e Expressão Jornalística, Televisão e Cinema, Inquéritos e Sondagens da Opinião Pública, Marketing, Psicologia Social, e uma disciplina opcional.

Neste segundo ano do curso é perceptível que há uma mistura de áreas entre o jornalismo e o marketing. Existem matérias direcionadas para os dois ramos, como também uma disciplina mais transversal como Psicologia Social.

No último ano desta licenciatura existe Técnicas de Imprensa, Rádio e Multimédia, Teoria da Cultura, Comunicação nas Organizações, uma disciplina denominada “Projeto”, e uma opcional. No segundo semestre do terceiro ano apresenta as disciplinas Sociologia Política e Comunicação, Agenda Internacional, Publicidade e Relações Públicas, Ética e Direito da Comunicação, uma disciplina chamada “Seminário/Estágio” e ainda uma opcional.

Ao analisar este plano curricular é possível perceber que existem disciplinas mais próximas do estudo do jornalismo como História dos Média, Investigação e Expressão Jornalística ou Técnicas de Imprensa. Por outro lado, há também algumas mais ligadas ao Marketing.

Uma das particularidades deste curso da Universidade de Lisboa é a existência de disciplinas de opção ao longo dos três anos e em todos os semestres. Assim, em cada semestre o aluno tem a oportunidade de escolher sempre uma disciplina a seu gosto. De um leque de oito opções o estudante deve escolher seis que podem ser: Psicologia, Segmentação de Mercados, Direito Político, Teoria da Imagem, Assessoria Mediática, Agenda Política, Comunicação Integrada e ainda Jornalismo Digital.

Outra das referências deste curso prende-se com a existência de uma oportunidade de estágio que não está à disposição de todas as Universidades e torna-se uma mais-valia para o estudante enquanto motor de conhecimento da sua área de estudo.

Este plano de estudos apresenta quatro disciplinas mais práticas de jornalismo que são Investigação e Expressão Jornalística, Televisão e Cinema, Técnicas de Imprensa, e Rádio e Multimédia.

Na primeira, Investigação e Expressão Jornalística, o seu conteúdo programático apresenta como primeiro grande tema o papel do jornalista, seguidamente de o facto e a notícia, Pesquisa, seleção e difusão de informação, organização da redação, géneros jornalísticos e, por último, planos de investigação e de informação.

Na disciplina de Televisão e Cinema, os alunos podem compreender, articular e executar os vários conceitos ligados ao trabalho em cinema e televisão, bem como toda a indústria que os rodeia.

Por outro lado, na unidade curricular de Técnicas de Imprensa os estudantes desta licenciatura têm a possibilidade de usufruir de aulas teóricas e práticas onde desenvolverão o processo de conceção da notícia, as suas técnicas de construção, assim como a titulação e a discussão informativa.

Em Rádio e Multimédia, são lecionadas matérias como a história da rádio, a sua lei, a produção do discurso radiofónico, instrumentos e produção radiofónica, como também aprender como fazer programas de rádio.

### **3) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho – Ensino Público**

A licenciatura em Ciências da Comunicação da Universidade do Minho apresenta-se como um curso flexível que contém uma filosofia experimentalista. Tem como diretor do curso o Professor Doutor Pedro Portela e permite dar a conhecer ao estudante três áreas: Audiovisual e multimédia, Jornalismo, e Publicidade e Relações Públicas.

Esta licenciatura foi criada em 1991 e tem, ao longo do tempo, conseguido alcançar bastante prestígio. Em 2004 foi-lhe reconhecida uma Taxa de Empregabilidade Excelente, no ano seguinte foi classificada como o melhor curso de comunicação de Portugal e em 2008 viu reafirmada a Classificação Excelente do seu Centro de Investigação.

Tem como saídas profissionais o jornalismo de imprensa, jornalismo de rádio, jornalismo de televisão e o jornalismo online. Está presente também na publicidade, direção criativa, planeamento de meios, relações públicas e direção de comunicação. Por outro lado também tem como saída profissional a assessoria de imprensa, gestão de imagem, realização, produção, guionismo, design de jogos e produção multimédia.

As disciplinas de ingresso neste curso são a geografia, o português e a matemática aplicada às ciências sociais.

O primeiro semestre do primeiro ano de estudos tem como disciplinas a História da Comunicação, Teorias da Comunicação, Design, Estética e Visualidade, Corpo e Performance, Comunicação, Imagem e Novos Media, e uma opcional. O segundo semestre apresenta Atelier de Audiovisual I, Atelier de Comunicação Estratégica I, Atelier de Jornalismo I, Corpo e Escrita, Comunicação, Som e Vídeo, e Métodos de Investigação em Comunicação.

Este primeiro ano revela-se até bastante prático com a existência de três ateliers e a oportunidade de escolher uma disciplina de opção logo no primeiro semestre do curso.

O primeiro semestre do segundo ano inicia com Atelier de Audiovisual II, depois tem Atelier de Comunicação Estratégica II, Atelier de Jornalismo II, Psicologia Social, Semiótica, e Sociologia da Comunicação. O segundo semestre apresenta Media e Culturas Contemporâneas, Comunicação Internacional, Estudos do Discurso, Design de Comunicação e de Publicação, Linguagens e Narrativas Audiovisuais I ou Escrita Jornalística ou Estratégia e Criatividade em Publicidade, e por fim, Linguagens e Narrativas Multimédia I, ou Jornalismo e Som, ou Criatividade em Relações Públicas.

Ao analisarmos este segundo ano curricular de imediato se compreende que os ateliers do primeiro ano continuam agora e correspondem, portanto, a disciplinas de continuação. O segundo semestre é pautado pela possibilidade de escolha em duas disciplinas de acordo com o ramo do curso pretendido.

O terceiro ano contém Públicos e Práticas Mediáticas, uma opção denominada de Opção UMinho, Economia Política da Comunicação, uma opcional, Linguagens e Narrativas Audiovisuais II ou Jornalismo e Vídeo ou Estratégia e Criatividade em Publicidade II, Linguagens e Narrativas Multimédia II ou Jornalismo Multimédia ou Estratégia e Criatividade em Relações Públicas II. O segundo semestre apresenta Comunicação, Mercados e Tendências, Literacia para os Media e Cidadania, Ética e Deontologia da Comunicação, uma disciplina de opção, e por fim, Projeto e Portefólio em Audiovisual e Multimédia ou Jornalismo ou Publicidade e Relações Públicas.

Ao observar este plano curricular percebe-se que logo a partir do primeiro semestre o aluno pode fazer opções de disciplinas, ou seja, pode optar por cadeiras específicas dos três ramos em oferta. Percebe-se ainda que apresenta várias disciplinas práticas, mais conhecidas por ateliers que vão existindo ao longo do curso como disciplinas de continuação. Estão presentes também um conjunto alargado de cadeiras no

âmbito das ciências sociais, como por exemplo, Psicologia Social ou Semiótica. No segundo semestre do último ano, o aluno tem de realizar o seu projeto e Portefólio na área que escolher.

#### **4) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa – Ensino Público**

Este curso de Ciências da Comunicação visa a formação de licenciados com competências profissionais e académicas no âmbito das linguagens e dos dispositivos da comunicação e das indústrias culturais, enquadradas numa perspetiva ampla e interdisciplinar. Assim, os licenciados neste curso da Universidade Nova de Lisboa ficam habilitados com os conceitos, as ferramentas e as metodologias necessárias ao exercício profissional nas diferentes áreas da comunicação.

Esta licenciatura tem coordenação de Maria Margarida Godinho e tem como saídas profissionais o Jornalismo, enquanto imprensa, rádio, televisão e novos medias; Empresas de Marketing, Publicidade e Relações Públicas; Organizações de Comunicação e Cultura; Gestão de redes sociais; Produtoras de Cinema e Televisão; Organização de Eventos Culturais; Comunicação Institucional; Empresas de Consultoria e Comunicação.

O plano curricular deste curso tenta conciliar as necessidades de formação, tanto na teoria como na prática, bem como a aquisição de competências profissionais, juntamente com a oportunidade de criar percursos personalizados a qualquer estudante de Ciências da Comunicação. Desta forma, apresenta uma estrutura que assenta em três tipos de unidades curriculares: disciplinas obrigatórias, disciplinas de opções condicionadas e ainda disciplinas livres.

De acordo com esta premissa da Universidade, o plano de estudos apresenta um total de vinte cadeiras obrigatórias que pertencem ao tronco comum e que todos os alunos devem frequentar. Elas são: Comunicação e Ciências Sociais; Direito e Deontologia da Comunicação; Discurso dos Media; Economia; Filmologia, Filosofia da Comunicação; História dos Media; Mediação dos Saberes; Métodos Quantitativos; Mutação dos Media; Retórica e Argumentação; Semiótica; Sistémica e Modelos da Informação; Sociologia da Comunicação; Teoria da Comunicação; Teoria da Imagem e da Representação; Teoria da Notícia; Teoria Política; Teorias do Drama e do Espetáculo; e por fim, Textualidades.

Em referência a este troco comum percebe-se que existem disciplinas do grupo das Ciências Sociais e Humanas como Métodos Quantitativos, Teoria Política ou Semiótica. E existem também várias do campo da comunicação como por exemplo,

Filosofia da Comunicação ou Deontologia da Comunicação que se revelam mais generalistas e depois há Discurso dos Meios ou Teoria da Notícia que são de certa forma mais específicas.

#### **5) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Ensino Público**

A licenciatura em Ciências da Comunicação na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro tem como diretora de curso Inês Mendes Moreira Aroso e pretende fornecer várias competências aos seus estudantes como a conceção estratégica de campanhas de marketing para empresas, organizações e instituições sem fins lucrativos; a gestão de recursos humanos, técnicos e financeiros envolvidos nas ações de comunicação e marketing; o desenvolvimento de processos criativos aplicados ao mundo empresarial; a organização e a promoção de eventos relacionados com os produtos ou serviços das organizações; e também o desenvolvimento de projetos radiofónicos, televisivos e editoriais impressos e digitais.

O primeiro ano de estudos apresenta no seu primeiro semestre Análise Social da Comunicação, História da Comunicação, Imagem, Som e Narrativa Audiovisual, Profissões e Rotinas Produtivas em Comunicação e Teorias da Comunicação. O segundo semestre contém Marketing, Metodologia da Investigação, uma disciplina opcional, relações Públicas, Semiótica e Retórica da Comunicação.

O ano que se segue tem disciplinas como Cinema e Documentário, Design Gráfico, Imprensa, Jornalismo e Psicologia Crítica no primeiro semestre. Por outro lado, no segundo existe Direito da Comunicação, uma cadeira opcional, Protocolo Patrocínio e Mecenato, Publicidade e, por fim, Rádio.

Já o terceiro e último ano apresenta no seu semestre inicial Agência de Comunicação, Análise e Relato de Dados, Estudos Comportamentais e Comunicação, uma cadeira opcional, Pesquisa de Opinião, e Planeamento de Comunicação. Já o segundo semestre tem Empreendedorismo, Meios de Comunicação e Audiências, uma disciplina de opção, Televisão e Webdesign.

Para complementar este leque de disciplinas oferecido no plano curricular, cada estudante vê-se possibilitado a eleger quatro unidades curriculares opcionais que podem ser: Ferramentas e Aplicações Multimédia, Plataformas Sociais e Cooperativas, Expressão Dramática, Literatura e Jornalismo, Textualidades, Inglês, Inglês Técnico, Laboratório de Comunicação, e Cibercultura.

Ao analisar este plano de estudos é possível reparar que as disciplinas estão genericamente distribuídas ao longo dos três anos do curso. O primeiro ano é pautado por várias cadeiras no âmbito do estudo da comunicação como Análise Social da Comunicação ou História da Comunicação. Mas existem também algumas mais específicas como Marketing ou Relações Públicas, o que se vem a intensificar no segundo ano da licenciatura.

Este plano curricular apresenta disciplinas mais direcionadas com a prática jornalística, como por exemplo, Imprensa, Jornalismo e, já no último ano, Televisão.

A unidade curricular de Imprensa pretende ensinar os princípios do estilo jornalístico impresso, os vários géneros jornalísticos, características do fotojornalismo, infografia, design de imprensa, os vários aspetos do processo jornalístico e ainda cartoons.

Já na disciplina de Jornalismo, o estudante terá de aprender o que é o jornalismo, desde a notícia, ao lead, e ao discurso do acontecimento. Terá de estudar também sobre o tema da imprensa como o estilo codificado, os títulos, e também aprender a escrever para ser lido.

No que diz respeito à disciplina de Televisão são abordados temas como a história da televisão, tanto a nível internacional como português, a linguagem audiovisual, o jornalismo televisivo e as suas técnicas, aprender o jornalismo televisivo na prática com a produção de várias peças, e ainda outros conteúdos audiovisuais como por exemplo, a comunicação institucional, a assessoria e a televisão ou também as redes sociais e os diretos.

#### **6) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade do Algarve – Ensino Público/Politécnico**

A licenciatura em Ciências da Comunicação da Universidade do Algarve tem como principal objetivo proporcionar uma formação diversificada de acordo com as mais gerais facetas da comunicação. Apresenta uma estrutura curricular diversa onde são abordadas várias questões em vertentes como social, histórica, tecnológica, linguística, psicológica, científica, filosófica, cultural e mediática. Por outro lado, são também abordados conteúdos de carácter mais prático.

Para entrar neste curso é necessário aceder com umas das seguintes provas de ingresso: Português, História e Português, ou Inglês e Português.

No que diz respeito às saídas profissionais os licenciados em Ciências da Comunicação podem exercer a sua atividade profissional em áreas como o jornalismo de imprensa, rádio e televisão, produção de informação, produção e realização audiovisual, produção de conteúdos multimédia, consultadoria em empresas de assessoria de imprensa, comunicação, imagem e publicidade, organização e gestão de informação em empresas e instituições de âmbito nacional e regional, como serviços públicos, autarquias ou instituições bancárias com necessidades de comunicação com o público utente, relações públicas e gabinetes de imagem, comunicação interna e organizacional, dinamização de espaços culturais, tais como espaços museológicos, cineclubes e galerias de arte, conceção e implementação de projetos de intervenção cultural, organização e gestão da informação em entidades públicas, privadas, cooperativas e associativas com vocação cultural, e, por fim, crítica cultural em órgãos de comunicação social.

O primeiro semestre do ano primeiro apresenta como disciplinas História dos Media, Comunicação Audiovisual, Introdução aos Perfis Comunicacionais, Teorias da Comunicação, e uma disciplina opcional referente a uma língua estrangeira. Já o segundo semestre oferece Língua Portuguesa, Métodos de Investigação em Comunicação, Cultura Literária, e duas cadeiras de opção que o aluno terá depois que escolher.

O segundo ano contém Semiótica, Informática e Tecnologias em Comunicação, Técnicas de Expressão Verbal, História Contemporânea, e Economia dos Media. O segundo semestre apresenta Discurso dos Media, Sociologia da Comunicação, Projeto Multimédia, Expressões Artísticas Contemporâneas e uma disciplina de opção.

O último ano contém no seu primeiro semestre Literacia dos Media, Psicologia da Comunicação, Filosofia da Comunicação, Ética e Deontologia da Comunicação e uma disciplina opcional. O segundo semestre deste último ano é inteiramente dedicado ao Estágio ou Trabalho de Projeto a realizar pelo aluno.

Este plano curricular apresenta uma vasta lista de disciplinas do campo da comunicação, como Teorias da Comunicação ou Métodos de Investigação em Comunicação. No que se refere a outras disciplinas, expõe também uma preocupação visível com a aprendizagem ou melhoramento de línguas estrangeiras. Logo no primeiro ano, no primeiro semestre, está presente uma disciplina de opção que recai sobre a escolha de uma língua que pode ser inglês, espanhol ou francês. Esta disciplina tem depois continuação no semestre seguinte.

O terceiro ano do curso é totalmente dedicado à realização do estágio ou trabalho de projeto, o que é possível perceber dada a importância do mesmo.

Este plano apresenta a disciplina de Discurso dos Media que se revela importante na prática jornalística e oferece, no seu conteúdo programático, os media como objeto de estudo do ponto de vista discursivo, a produção discursiva nos vários géneros jornalísticos, a objetividade e noticiabilidade dos media informativos, a informação, a opinião e o espetáculo no jornalismo televisivo. Contém também a questão tecnológica na reconfiguração da produção dos discursos mediáticos, bem como a estratégia de persuasão na publicidade e no entretenimento.

#### **7) Curso de Ciências da Comunicação do Instituto Universitário da Maia (ISMAI) – Ensino Privado**

O curso de Ciências da Comunicação do Instituto Universitário da Maia tem como principal objetivo fornecer profissionais orientados para o desempenho de funções polivalentes no vasto campo da Comunicação, seja no domínio das organizações, seja no que à comunicação social diz respeito.

Esta licenciatura tem como coordenador de curso Luís Humberto Jardim Marcos e apresenta as seguintes saídas profissionais: Técnico superior de comunicação, Técnico superior de marketing e publicidade, Jornalista, Consultadoria de Comunicação, Assessoria de Imprensa ou Copy-Desk.

Alguns docentes deste curso do ISMAI integram a Unidade de Investigação Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, classificada como “Excelente” em avaliação internacional no âmbito do FCT.

Este curso exige como provas de ingresso Filosofia, História, Inglês, ou Português.

Ao olhar para o plano curricular percebe-se que esta licenciatura começa por ser geral no primeiro ano e especializa-se depois nos dois restantes anos. Desta forma, existe um tronco comum de disciplinas que é igual para os três ramos do curso. O primeiro ano no seu primeiro semestre contém Estudos Linguísticos, Introdução às Ciências Sociais, Práticas de Comunicação I, Sociologia da Informação, Tecnologias de Paginação e Imagem Vetorial e uma disciplina de opção referente a uma língua estrangeira que poderá ser ou inglês ou francês. O segundo semestre apresenta Fotografia e Imagem Matricial, História dos Media, Laboratório de Comunicação digital I, Práticas de Comunicação II, uma disciplina de opção que pode ser a continuação da aprendizagem da língua estrangeira ou então uma escolha nova sobre Semiótica do Texto e da Imagem Estática, e depois há ainda possibilidade de escolher outra disciplina. Esta já pode ser entre

Psicologia Cultural, Ecologia e Ambiente, Organização e Gestão de Empresas ou Gestão Estratégica de Recursos Humanos.

O segundo ano do curso apresenta no primeiro semestre *Áudio Digital*, *Cultura Contemporânea*, *Laboratório de Comunicação Digital II*, *Métodos e Técnicas de Investigação I*, e *Teorias da Comunicação*. Já para o segundo semestre existe *Vídeo Digital*, *Europa e Comunidade Internacional*, *Opinião Pública e estudos de Audiência*, *Direito da Comunicação*, *Métodos e Técnicas de Investigação II*, e uma cadeira de opção que poderá ser *Laboratório de Jornalismo*, *Laboratório de Comunicação Organizacional* ou *Laboratório de Marketing e Publicidade*.

O terceiro ano já referente ao ramo de jornalismo apresenta no primeiro semestre *Tecnologias para a Internet*, *Géneros Jornalísticos*, *Jornalismo de Rádio*, *Jornalismo de Televisão*, *Produção de Conteúdos Multiplataforma I*, e *Seminário Ágora*. O segundo semestre contém *Tecnologias de Informação Online e Redes Sociais*, *Produção de Conteúdos Multiplataforma II*, *Cibercultura*, e depois a hipótese de escolher entre realizar um estágio ou um projeto que o aluno terá de desenvolver.

Com este plano de estudos é fácil perceber que a licenciatura começa por ser geral e com disciplinas mais genéricas para os três ramos, e depois especializa-se no segundo e terceiro ano de acordo com as preferências do estudante. Há ao longo de todo o plano uma lista de disciplinas que constituem uma relação entre o campo da comunicação e o campo das tecnologias.

As opções nas áreas específicas do curso permitem uma construção de um perfil académico delineado em consonância com o ramo escolhido e que culmina numa experiência de estágio.

#### **8) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões – Ensino Privado**

O curso de Ciências da Comunicação da Universidade Autónoma de Lisboa tem como seu principal objetivo proporcionar um ensino que seja estimulante, rigoroso e que se adapte às variadas necessidades dos alunos. A Universidade procura interligar a teoria com a prática, promovendo a leitura e a reflexão em torno de temas fulcrais da área comunicacional.

Este curso tem como diretor Reginaldo Rodrigues de Almeida e pretende, entre vários objetivos, promover a aquisição de competências e conhecimentos necessários para a atuação profissional na área da comunicação, seja na produção, análise ou na gestão

de conteúdos e produtos comunicacionais, fomentar competências técnicas e tecnológicas que permitam a elaboração de conteúdos para diferentes meios de comunicação, quer na imprensa, na rádio, na televisão ou no digital, aprofundar conhecimentos especializados que possibilitem a atuação profissional nas áreas do Jornalismo, Publicidade e Marketing e Relações Públicas.

Esta licenciatura tem como provas de ingresso português, história ou filosofia.

O primeiro semestre do ano inicial apresenta como disciplinas Sociologia da Comunicação, Comunicação e Cultura em Língua portuguesa, Media, Economia e Gestão, Introdução ao Jornalismo e uma disciplina opcional que poderá ser ou Métodos do Trabalho Científico ou Pensamento Político e Social. O segundo semestre apresenta Teorias da Comunicação Media e Sociedade, Introdução à Publicidade, Técnicas Redatoriais em Jornalismo e uma cadeira de opção que o aluno terá de escolher entre Mundo Contemporâneo ou Psicologia Social e das Organizações.

O segundo ano inicia com Semiótica da Comunicação, Comunicação Política, Cibercultura, Atelier de Escrita Criativa Multimédia e uma disciplina de opção entre Organizações Internacionais ou Direitos Humanos e Direito Humanitário. O segundo semestre contém Psicologia da Comunicação, Comunicação Visual, Opinião Pública e Estudos de Mercado, Direito, Deontologia e Ética da Comunicação, e por último, Atelier de Imprensa e Jornalismo Online.

O último ano apresenta no seu primeiro semestre Desafios Atuais da Comunicação, Comunicação Organizacional, Jornalismo de Especialidade, Atelier de Televisão I, e Atelier de Rádio I. Por outro lado, o segundo semestre é constituído apenas por ateliers que são: Atelier de Comunicação e Marketing, Atelier de Televisão II, e Atelier de Rádio II. Há ainda também uma disciplina dedicada ao Projeto Final.

Ao reparar neste plano de estudos percebe-se que existem várias cadeiras do campo da comunicação como Comunicação Visual ou Comunicação Organizacional. No entanto, é também atribuído algum destaque ao marketing e à publicidade. No que diz respeito ao jornalismo existem três disciplinas mais específicas, como por exemplo, Teorias Redatoriais em Jornalismo, Jornalismo de Especialidade e Introdução ao jornalismo.

Verifica-se também que as disciplinas opcionais estão presentes nos três primeiros semestres do curso e que o último ano se revela o mais prático com a existência de vários ateliers, a par com a importância atribuída ao Projeto Final que tem de ser realizado por cada aluno.

A disciplina Técnicas Redatoriais em Jornalismo, presente no segundo semestre do segundo ano, aproxima-se mais da prática do jornalismo como muitas outras que se incluem neste plano curricular. Assim, esta unidade curricular pretende, de acordo com o seu conteúdo programático, lecionar os diversos géneros jornalísticos e adequar a escrita a cada um; ensinar as técnicas da escrita jornalística e os seus pormenores; bem como mostrar a construção de um título, uma legenda, tendo em conta o género jornalístico e o público a que se dirige.

Em Atelier de Imprensa e Jornalismo Online, o estudante discursará sobre temas como o planeamento de um projeto editorial; deverá aprofundar a escrita de géneros jornalísticos informativos e opinativos; desenvolver conceitos como “jornalismo participativo”, “gatekeeping”, “agenda-setting”, “ciberjornalismo” e “convergência multimédia”; e, por fim, dominar técnicas de jornalismo de dados.

No terceiro ano do curso existe a disciplina de Jornalismo de Especialidade, na qual se leciona os conceitos básicos para uma definição do discurso do jornal de acordo com a transdisciplinaridade. Esta disciplina coloca também em perspetiva o papel do jornalismo e do jornalista em diferentes contextos, a linguagem de diferentes meios, e ainda a distinção entre jornalismo generalista e jornalismo de especialidade.

Seguidamente, em Atelier de Televisão I, o aluno deve ser capaz de dominar várias técnicas e conceitos para realizar uma produção, elaboração e apresentação de um direto televisivo, uma reportagem e ainda um boletim informativo de televisão. É aqui também ensinado a vertente da produção e elaboração de conteúdos no que diz respeito à publicidade em termos televisivos.

Em outro atelier, neste caso o Atelier de Rádio I, o conteúdo programático debruça-se sobre o saber realizar e produzir um programa de rádio, bem como conteúdos áudio; realizar reportagens e entrevistas em contexto radiofónico; concretizar um spot ou uma autopromoção; assim como editar peças e colocar áudio na web e redes sociais.

Já no segundo semestre do último ano, em continuação do Atelier anterior, surge o Atelier de Televisão II que vem aprofundar conhecimentos do anterior desde a uma correta elaboração de uma reportagem, desde a escrita televisiva à sonorização do texto e à sua edição e muitos mais aspetos do mundo da televisão.

Também no último ano e respetivo segundo semestre, aparece Atelier de Rádio II que, assim como o de Televisão, tem como intuito aprofundar e melhorar competências e conhecimentos.

### **9) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade Católica Portuguesa – Ensino Privado**

O curso de Ciências da Comunicação da Universidade Católica Portuguesa tem vários objetivos formados como proporcionar aos diplomados uma adequada formação cultural, indispensável ao desempenho de funções comunicacionais; formar técnicos especializados na compreensão e uso dos mecanismos de comunicação na atual economia de mercado globalizada; e formar também gestores e estrategas na área comunicacional, com competências criativas, analíticas e críticas, no campo das organizações e das relações interpessoais.

Este curso exige como provas de ingresso disciplinas como Inglês, Português ou História. Relativamente às saídas profissionais estas inserem-se no Jornalismo, na Comunicação Empresarial, Comunicação Institucional, Publicidade e Marketing, Comunicação Multimédia, Animação, e Programação de Atividades Culturais.

O primeiro ano do curso apresenta no primeiro semestre Teorias da Comunicação, História da Comunicação e dos Media, Técnicas de Expressão de Português, Língua Portuguesa, uma disciplina de opção referente a uma língua estrangeira e, por fim, Cultura Clássica. O segundo semestre contém Teorias e Práticas de Jornalismo, Comunicação e Argumentação, Tecnologias de Informação e Comunicação, Estatística, uma disciplina opcional referente à continuidade da aprendizagem da língua estrangeira do semestre anterior, Cultura Portuguesa e Práticas de Comunicação.

O segundo ano apresenta Sociologia da Comunicação, Teoria e Análise do Discurso, Semiótica e Análise da Imagem, Atelier de Jornalismo Impresso, uma cadeira optativa de uma língua estrangeira, Cristianismo e Cultura, e Práticas de Comunicação. Por outro lado, o segundo semestre inicia com Psicologia Social, Comunicação, Cognição e Media, Atelier de Jornalismo Radiofónico, Atelier de Multimédia I, Opção de língua estrangeira, uma disciplina de opção e, por fim, Práticas de Comunicação.

O terceiro ano apresenta no primeiro semestre Comunicação Empresarial, Marketing e Relações Públicas, Atelier de Jornalismo Televisivo, Teorias e Práticas da Publicidade, Economia e Gestão, e uma disciplina de opção. O segundo semestre contém Ética e Direito da Comunicação, Movimentos do Pensamento Contemporâneo, Atelier de Multimédia II, uma cadeira optativa e a necessidade da realização de Estágio ou Projeto.

Ao reparar neste plano de estudos percebe-se que é constituído por três anos algo genéricos. No primeiro ano é visível uma preocupação com a Língua Portuguesa, com a

existência de disciplinas como Técnicas de Expressão do Português, Língua Portuguesa ou até mesmo Cultura Portuguesa.

No segundo e terceiro anos desta licenciatura estão presentes vários ateliers que representam, assim, disciplinas mais práticas.

Ao longo de todo o curso há articulação de disciplinas que se inserem nas Ciências da Comunicação, Ciências da Linguagem ou até nas Ciências da Cultura e da Literatura.

#### **10) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade Europeia – Ensino Privado**

O curso de Ciências da Comunicação da Universidade Europeia apresenta-se como sendo inovador, transversal e abrangente. Pretende abordar variadas questões na área da Comunicação, como o jornalismo, comunicação organizacional, new media, publicidade, relações públicas e marketing.

A coordenadora do curso é Joana Ramalho e esta Universidade apresenta como provas de ingresso Economia, Geografia ou Português.

O primeiro ano desta licenciatura começa com História Contemporânea, Fundamentos da Comunicação, Psicologia da Comunicação, Direito da Comunicação, Sistemas Informáticos I, e, por fim, Ciência, Fontes e Métodos. O segundo semestre contém Economia e Globalização, Sociologia da Cultura e da Comunicação, Fundamentos do Jornalismo, Métodos Quantitativos, Sistemas Informáticos II, e Criatividade e Pensamento Crítico.

O segundo ano inicia com Estudos Culturais, Fundamentos das Relações Públicas, Géneros Jornalísticos, Fundamentos da Publicidade, Inglês I, Ética e Deontologia Profissional. O segundo semestre apresenta Escrita Criativa, Cibercultura, Internet e Redes Sociais, Cultura e Tecnologias Audiovisuais, Mercados Mediáticos, Públicos e Audiências, Inglês II e uma disciplina de opção.

O terceiro ano apresenta no primeiro semestre Guionismo, Cultura e Tecnologias, Multimédia, Jornalismo Radiofónico, Semiótica, Social Media e uma disciplina de opção. O segundo e último semestre contém Fábrica de Projetos, Laboratório de Comunicação Digital e Multimédia, Laboratório de Comunicação Organizacional, Jornalismo Televisivo, Laboratório de Social Media, e uma cadeira de opção.

O plano de estudos de Ciências da Comunicação desta Universidade apresenta um primeiro e segundo anos, de certa forma, mais gerais. O primeiro semestre do ano um foca-se em disciplinas do campo da comunicação como Fundamentos da Comunicação

ou Direito da Comunicação, enquanto do segundo semestre advêm disciplinas mais gerais como Economia e Globalização ou Criatividade e Pensamento Crítico.

O terceiro ano revela-se o mais específico na medida em que oferece cadeiras mais concretas Jornalismo Radiofónico, Jornalismo Televisivo ou até Social Media. No segundo semestre existem também dois laboratórios de comunicação dando a consciência de disciplinas mais práticas.

Esta licenciatura apresenta disciplinas mais práticas do jornalismo com Géneros Jornalísticos, Jornalismo Radiofónico e Jornalismo Televisivo. Desta forma, será descrito o conteúdo programático de cada uma destas.

Em primeiro lugar, Géneros Jornalísticos é uma cadeira do segundo ano de estudos e é aqui que os alunos desenvolvem projetos de construção de portefólio com vários trabalhos inéditos tendo em conta os géneros jornalísticos e que servem para divulgação em plataformas multimédia.

Em Jornalismo Televisivo os alunos experimentam uma aproximação à prática televisiva, desde as bases teóricas à produção e realização de peças jornalísticas de televisão, quer entrevistas e reportagens, quer apresentação em estúdio. Os conhecimentos desta unidade curricular serão postos à prova no final com a concretização de um telejornal, permitindo mostrar todo o trabalho desenvolvido ao longo das aulas.

A disciplina de Jornalismo Radiofónico não apresenta conteúdo programático.

### **11) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade Fernando Pessoa – Ensino Privado**

O curso de Ciências da Comunicação da Universidade Fernando Pessoa tem como principal objetivo formar comunicadores nas áreas do jornalismo, relações públicas, marketing e publicidade. Revela-se uma licenciatura orientada para a empregabilidade e que procura ser um equilíbrio entre o estudo teórico das várias disciplinas e a formação a nível prático. Pretende também criar comunicadores com diversas características como o espírito criativo, crítico e empreendedor.

A Universidade Fernando Pessoa deseja, no final do primeiro ciclo deste curso, que os seus alunos estejam aptos e capazes para o exercício da sua atividade profissional. Esta pode ser em Jornalismo, quer seja na imprensa, rádio, televisão ou na internet; na Assessoria de Comunicação; Marketing; Publicidade; e Produção e realização audiovisual e multimédia.

Como provas de ingresso são pedidas as seguintes disciplinas: Filosofia, Português, Inglês ou História.

A coordenação do curso está a cargo de Eduardo Paz Barroso e Sandra Tuna.

Relativamente ao primeiro ano do curso, o primeiro semestre apresenta como disciplinas Gramática da Comunicação I (história e expansão da língua portuguesa), Inglês I, Teoria e História da Comunicação e do Jornalismo, Comunicação e conteúdos para multimédia, e, ainda, Teoria e História das Relações Públicas, da Publicidade ao Marketing. Já o segundo semestre contém Gramática da Comunicação II (notícia e crónica), Inglês II, Grandes Temas da História e do Jornalismo, Comunicação Digital e Hipermedia, e uma disciplina de opção.

O segundo ano apresenta Gramática da Comunicação III (entrevista e reportagem), Escrita Publicitaria I, Estética da Comunicação, Marketing: técnicas e estratégias, e uma cadeira opcional. O segundo semestre oferece Gramática da Comunicação IV (editorialismo e articulismo), Escrita Publicitária II, Design Gráfico e Comunicação na Web, Relações Públicas e Assessoria de Comunicação, e uma disciplina de opção.

O terceiro ano começa com Gramática da Comunicação V (economia política), Ética, Direito e Deontologia da Comunicação, Semiótica da Comunicação, Estágio I (relações públicas, publicidade e marketing), e uma disciplina de opção. O segundo semestre apresenta Gramática da Comunicação VI (cultura e ciência); Constituição Portuguesa e União Europeia, Novos Media, inovação e criatividade (blogs, twitter, facebook, youtube...), Estágio II (jornalismo) e, por fim, um projeto de graduação.

Ao testemunhar este plano de estudos rapidamente se percebe que se constitui por diversas disciplinas de continuação. A disciplina Gramática da Comunicação, por exemplo, existe em seis semestres que formam a licenciatura. Está dividida por temas a serem debatidos, alguns mais gerais, outros mais específicos da comunicação. Também a língua inglesa ganha destaque quer no primeiro semestre do primeiro ano, quer no segundo, assim como a Escrita Publicitária que se divide ao longo do segundo ano do curso.

Para além de disciplinas mais específicas das áreas de ensino desta licenciatura, como Grandes Temas da história e do jornalismo, Escrita Publicitária ou Marketing: técnicas e estratégias, existem outras mais gerais como Constituição Portuguesa e União Europeia.

Uma das particularidades da licenciatura em Ciências da Comunicação da Universidade Fernando Pessoa é a concretização de um projeto de graduação. Para além do estágio a ser realizado, o aluno tem de efetuar um projeto de graduação sobre um tema da sua área de estudo. Isto representa uma particularidade do curso visto que é pouco habitual em licenciaturas.

## **12) Curso de Ciências da Comunicação da Universidade Lusófona do Porto – Ensino Privado**

O curso de Ciências da Comunicação da Universidade Lusófona do Porto tem como objetivo de base formar profissionais atualizados, rigorosos e criativos. Pretende também facultar uma formação que integre os saberes teóricos aos domínios mais práticos. O curso que tem Luís Miguel Loureiro como diretor possibilita assim mais que um percurso na área da comunicação, ou seja, através do jornalismo, ou da comunicação aplicada.

Esta licenciatura requer como provas de ingresso o Português, Filosofia, História ou Matemática Aplicada às Ciências Sociais.

O plano de estudos deste curso inicia o seu primeiro semestre do primeiro ano com Computação, Comunicação Interpessoal, História dos Meios de Comunicação, Introdução ao Pensamento Contemporâneo e Técnicas de Expressão Escrita. O segundo semestre, por sua vez, apresenta Arte, Cultura e Comunicação, Computação, Multimédia e Interatividade, Metodologias de Análise do Texto e do Discurso, Métodos de Pesquisa e de Investigação, e Teorias e Modelos da Comunicação.

O segundo ano contém no primeiro semestre Comunicação e Assessoria, Direito da Comunicação e da Informação, Ética e Responsabilidade Social dos Media, Metodologias de Análise de Imagem, e Públicos e Audiências. O segundo semestre oferece Cibercultura, Retórica, Sociologia dos Media e da Opinião Pública, Tecnologias da Imagem e, História do Jornalismo, esta última para quem enveredar pelo ramo do jornalismo.

O terceiro ano, já com a escolha do ramo de jornalismo feita, inicia com Géneros Jornalísticos, Redação Jornalística, Técnicas de Expressão Radiofónica, Técnicas de Expressão Televisiva e, Teorias do Jornalismo. O segundo semestre apresenta Ciberjornalismo, Investigação Jornalística, Jornalismo Especializado, Jornalismo Televisivo, e uma disciplina de opção.

Com este plano curricular percebe-se que é facultado ao aluno uma escolha de acordo com a variante do curso pretendida e um maior leque de opções, sendo os três primeiros semestres constituídos por um tronco comum. Desta forma, a primeira disciplina de especialização em Comunicação e Jornalismo só aparece no quarto semestre. Os primeiros dois anos da licenciatura são de formação nas áreas das Ciências da Comunicação e da cultura, encontrando-se o terceiro ano organizado com cadeiras de especialização em Comunicação e Jornalismo, e Comunicação Aplicada, tanto no que diz respeito ao Marketing, à Publicidade e às Relações Públicas.

O terceiro ano desta licenciatura é quase inteiramente composto por disciplinas com grande prática jornalística como Géneros Jornalísticos, Redação Jornalística, Técnicas de Expressão Radiofónica, Técnicas de Expressão Televisiva, Ciberjornalismo, Investigação Jornalística, Jornalismo Especializado e Jornalismo Televisivo.

Em Géneros Jornalísticos o aluno debate o conceito de género, bem como cada um deles, desde a génese histórica à evolução e redefinição. Esta unidade curricular passa também pelo poder da visualidade do jornalismo, como o jornalismo de dados, as narrativas transmediáticas e o jornalismo participativo.

A disciplina de Redação Jornalística passa por uma pequena abordagem aos diferentes géneros jornalísticos, esclarece a escrita jornalística, o estilo, a gramática e a ortografia. Dá grande destaque à notícia e às suas regras de construção, não esquecendo a elaboração de textos para a internet.

Em Técnicas de Expressão Radiofónica é lecionado a história da rádio desde os primórdios à atualidade, as características da comunicação radiofónica, bem como a sua oralidade e escrita. São aqui também abordadas as técnicas de construção do texto jornalístico e não jornalístico e ainda a rádio na internet.

Na unidade curricular de Técnicas de Expressão Televisiva faz-se a análise histórica da televisão, bem como a sua narrativa. Dá-se importância à realização e produção em televisão, à preparação da reportagem, aos vivos e diretos televisivos, e por fim, ao alinhamento do jornal televisivo.

Em Ciberjornalismo, de acordo com o conteúdo programático, leciona-se a história e a atualidade do jornalismo online, assim como as suas tendências. Aprende-se a escrever para o online, as ferramentas digitais, o espaço público e os médias alternativos.

Ainda no último ano, já no segundo semestre, é lecionada Investigação Jornalística em que se debate o que é verdadeiramente a investigação jornalística e, conseqüentemente, os seus limites. É realizada uma abordagem prática ao processo de

investigação e à reportagem de investigação. São ainda debatidos temas como as fontes de informação e a decisão de publicar.

Em Jornalismo Especializado é abordado o estado atual do jornalismo, o jornalismo desportivo, o jornalismo económico, o jornalismo cultural e de lazer, o jornalismo social, o fotojornalismo, e ainda as tendências futuras na especialização jornalística.

Na última disciplina do terceiro ano, Jornalismo Televisivo, o aluno aprofunda conhecimentos como a construção da narrativa televisiva, os géneros da informação em televisão, os critérios de noticiabilidade e ainda a forma correta de preparar uma reportagem.

### **13) Curso de Ciências da Comunicação e da Cultura da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Ensino Privado**

Este curso da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias junta, para além das Ciências da Comunicação, a vertente cultural. Esta licenciatura tem como objetivo formar nas principais áreas que existem no grupo das Ciências da Comunicação e tem três percursos alternativos que são a especialização em Comunicação Aplicada, especialização em Jornalismo, e uma especialização em Gestão da Cultura e das Artes.

Para uma componente prática, esta licenciatura oferece uma orientação voltada para a aquisição de competências específicas. O seu diretor de curso é Luís Cláudio Ribeiro e como provas de ingresso exige Português, Filosofia, História ou Matemática Aplicada às Ciências Sociais.

O primeiro ano deste curso, sendo que é um ano com tronco comum de disciplinas, apresenta no primeiro semestre História dos Meios de Comunicação, Introdução à Computação, Metodologias de Análise de Imagem, Redação Jornalística, Sociologia dos Meios de Comunicação, e Técnicas de Expressão Escrita. O segundo semestre, por outro lado, contém Arte, Cultura e Comunicação, Géneros Jornalísticos, História do Jornalismo, Introdução ao Marketing, Metodologias de Análise do Texto e do Discurso e, Teorias e Modelos da Comunicação.

O segundo ano, também de tronco comum, oferece no seu primeiro semestre Computação de Imagem Digital, Comunicação Interpessoal, Cultura Visual, Gestão da Comunicação, Política e Comunicação, e Teoria dos Media. O segundo semestre inicia com Artes, Contemporâneas, Cibercultura, Computação Multimédia e Interatividade,

Comunicação Interna, Cultura, Redes e Globalização, e Responsabilidade Social dos Media.

O terceiro ano, já no ramo de jornalismo, apresenta Jornalismo de Investigação, Jornalismo Digital, Jornalismo Económico, Jornalismo Político, Jornalismo Radiofónico, e Teorias do Jornalismo. Por outro lado, o segundo semestre contém Jornalismo e Instituições Europeias, Jornalismo Televisivo, Seminário de Jornalismo, e um Atelier de Projeto/Estágio.

Este plano curricular contempla um tronco comum nos dois primeiros anos com disciplinas mais abrangentes do campo das Ciências da Comunicação, mas também algumas mais teóricas. Assim, é possível encontrar algumas relacionadas com a comunicação, como História dos Meios da Comunicação, Redação Jornalística, Teorias e Modelos da Comunicação ou Gestão da Comunicação. Por outro lado, há cadeiras mais ligadas à cultura, como por exemplo, Arte, Cultura e Comunicação, Artes Contemporâneas, ou Cibercultura.

Diferentemente dos dois primeiros anos, o último representa a especialização possível no curso. No ramo referente ao Jornalismo o ano é inteiramente dedicado ao estudo e prática do Jornalismo. E contempla ainda um atelier de projeto/estágio.

Este plano de estudos apresenta algumas disciplinas mais direcionadas à prática jornalística como Redação Jornalística, Técnicas de Expressão Escrita, Géneros Jornalísticos, Jornalismo de Investigação, Jornalismo Digital, Jornalismo Económico, Jornalismo Político, Jornalismo Radiofónico e Jornalismo Televisivo.

A disciplina de Redação Jornalística tem, no seu conteúdo programático, a conceção do jornalismo e do ser jornalista. Aborda a diversidade dos media, a identidade profissional do jornalista, agente produtor de informação, a organização e funcionamento da redação, as fases da atividade jornalística, a especificidade da escrita jornalística e ainda, a estrutura do texto jornalístico, desde a sua entrada ao desenvolvimento e à finalização.

Em Técnicas de Expressão Escrita, o aluno abordará e recordará vários conceitos gramaticais como interferências contextuais, situacionais e ontológicas, a pontuação da língua portuguesa, as concordâncias, os diferentes predicados da língua portuguesa, os pronomes, orações relativas, a pontuação e as figuras de sintaxe.

Na disciplina de Géneros Jornalísticos contempla-se o tratamento dos géneros jornalísticos consoante as publicações, bem como os seus parâmetros de análise. Esta cadeira dá ainda destaque ao título jornalístico e à sua importância e, por fim, aborda cada

um dos géneros individualmente: a notícia, o fait divers, a entrevista, o perfil, a reportagem, o editorial, o artigo de opinião, o bilhete, a crítica, o eco, a crónica, o artigo de análise, e o inquérito.

O conteúdo programático de Jornalismo de Investigação passa pela questão sobre o que é verdadeiramente investigar, é feita uma resenha histórica do jornalismo de investigação, debate-se o jornalismo de investigação na democracia, assim como a sua prática. Dá-se atenção ainda às fontes de informação, às pressões sobre jornalistas e redações, às ferramentas digitais, e à privacidade e segurança do jornalismo de investigação num mundo digital.

Em Jornalismo Digital explora-se as características específicas do mundo digital, os novos modelos de escrita consoante os géneros jornalísticos e a organização da informação. É dado destaque também às ferramentas de investigação e pesquisa usadas pelos jornalistas na era digital, assim como são debatidos os problemas éticos e deontológicos que surgem na era digital.

Na cadeira de Jornalismo Económico, os alunos irão conhecer os conceitos essenciais da economia como, por exemplo, o PIB o seu crescimento, a inflação, o saldo de contas externas e ainda o tema do desemprego. Deverão também ter que adquirir conhecimentos mínimos de conceitos contabilísticos e sobre o funcionamento dos mercados financeiros.

O conteúdo programático de Jornalismo Político passa pela argumentação na mediatização da política, a ideologia do jornalismo político e a análise mediática. São transmitidas noções de política e de jornalismo político, assim como um parecer empírico para as novas dinâmicas da comunicação política. Por fim, são abordados alguns modos de funcionamento da democracia portuguesa, bem como sistemas políticos, eleitorais e de governo.

Em Jornalismo Radiofónico é feita uma abordagem à rádio no jornalismo, desde a edição de notícias, à reportagem e entrevista na rádio, bem como outros géneros jornalísticos. São transmitidas práticas fundamentais de edição de som, assim como de montagem e mistura de reportagens. São ainda exploradas algumas características de microfones segundo a direccionalidade e a fonte de alimentação.

A disciplina de Jornalismo Televisivo é retratada com uma forte incidência nos ensinamentos de ética e prática do jornalista de televisão, assim como é debatida a importância da profissão no mundo atual. Aprende-se a escrita televisiva, assim como a formação pelo uso da palavra.

#### **14) Curso de Comunicação e Jornalismo na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Ensino Privado**

O curso de Comunicação e Jornalismo da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias visa, acima de tudo, ensinar a pensar a atividade jornalística. Esta licenciatura acredita na articulação da formação teórica com a prática e, por isso, divide-se em duas vertentes. Assim, existe uma especialização em Comunicação consoante os meios, quer seja imprensa, televisão, rádio ou digital. E depois no que diz respeito às variadas áreas de conhecimento: jornalismo desportivo, jornalismo económico, jornalismo de ciência, jornalismo político e fotojornalismo. Estas duas vertentes complementam-se na interligação do jornalismo e as denominadas comunidades online.

Esta licenciatura tem Carla Rodrigues Cardoso como diretora do mesmo e exige como disciplinas de ingresso Português, História, Filosofia ou Matemática Aplicada às Ciências Sociais.

Este curso apresenta no primeiro semestre do seu primeiro ano Direito da Comunicação e da Informação, História Contemporânea Geral, Inglês I, Pensamento Computacional, Redação Jornalística e Técnicas de Narrativa. O segundo semestre apresenta, por seu turno, Computação de Imagem Digital, Fotojornalismo, Géneros Jornalísticos, História Contemporânea de Portugal, Inglês II, e Técnicas de Expressão Escrita.

O segundo ano inicia com Computação Multimédia e Interatividade, Inglês III, Jornalismo Digital, Jornalismo Político, Técnicas de Expressão Radiofónicas, e Teorias do Jornalismo. O segundo semestre apresenta História de Jornalismo e da Opinião Pública, Inglês IV, Metodologias da Análise de Imagem, Metodologias de Análise do Texto e do Discurso, uma disciplina de opção, e, por fim, Técnicas de Expressão Televisivas.

O terceiro ano inicia com Jornalismo de Investigação, Jornalismo Desportivo, Jornalismo e Comunidades Online, Jornalismo Televisivo, Mercados e Gestão dos Media, e por fim, uma cadeira opcional. O segundo semestre apresenta Análise dos Media, Jornalismo de Ciência, Jornalismo Económico, Jornalismo Radiofónico, Responsabilidade Social dos Media, e Seminário de Jornalismo/Estágio.

Ao reparar neste plano curricular percebe-se que atribui, desde logo, importância à aprendizagem da língua inglesa, representando-a em quatro momentos diferentes ao longo dos dois primeiros anos.

Compreende-se também que a formação de base é nas Ciências da Comunicação com disciplinas como Direito da Comunicação e da Informação ou Teorias do Jornalismo. Por outro lado, há também algumas disciplinas de expressão jornalística no plano como Redação Jornalística ou Géneros Jornalísticos.

O último ano do curso apresenta a possibilidade de um seminário de jornalismo e estágio. Este terceiro ano acaba por ser igualmente aquele que é mais específico, ou seja, aquele que contém diferentes cadeiras para as distintas especializações em jornalismo, de acordo com todas as áreas de conhecimento.

Este plano curricular oferece disciplinas mais direcionadas para a prática jornalística como Redação Jornalística, Fotojornalismo, Géneros Jornalísticos, Técnicas de Expressão Escrita, Jornalismo Digital, Jornalismo Político, Técnicas de Expressão Radiofónicas, Técnicas de Expressão Televisivas, Jornalismo de Investigação, Jornalismo Desportivo, Jornalismo e Comunidades Online, Jornalismo Televisivo, Jornalismo de Ciência, Jornalismo Económico e, por fim, Jornalismo Radiofónico.

Em Redação Jornalística contempla-se a identidade profissional do jornalista, a organização e funcionamento da redação, as diferentes formas de ser jornalista e as suas fases de atividade. São também abordadas as agências noticiosas, a diversidade dos media, e as funções e cargos redatoriais. Por último, é lecionado o grafismo e a sua relevância, assim como alguns constrangimentos a que a profissão de jornalista está sujeito.

A disciplina de Fotojornalismo apresenta um conteúdo programático algo alargado e que passa pela definição do que é fotografia, a importância da luz, a constituição da máquina fotográfica, ou até a temperatura de cor. Dá-se ainda destaque a programas da máquina fotográfica, ao sensor digital, e à relação entre a velocidade de obturação e o diafragma.

Na unidade curricular de Géneros Jornalísticos faz-se um tratamento dos géneros tendo em conta as publicações e os parâmetros de análise dos mesmos como o texto, o lugar da imagem, o título jornalístico. Aprende-se também a importância da peça jornalística em relação aos diversos géneros jornalísticos existentes.

A disciplina de Técnicas de Expressão Escrita não apresenta conteúdo programático.

Na disciplina de Jornalismo Digital analisa-se a expansão e o impacto da internet na prática jornalística, bem como os primeiros passos dos meios de comunicação no novo suporte e as suas aplicações na investigação jornalística. Leciona-se a escrita digital, como o lead, o corpo da notícia, a construção e seleção das notícias, as fontes de informação e sua fiabilidade. Há ainda a possibilidade de conhecer o *backoffice* de um *site*, a publicação de posts, notícias, vídeos e fotos.

Em Jornalismo Político faz-se a caracterização da política e de como esta se organiza, desde uma breve história da Ciência Política, às principais instituições políticas, passando pela relação entre órgãos de poder e repercussões mediáticas. Aborda-se os principais sistemas políticos eleitorais bem como alguns dos seus elementos. Leciona-se marketing político e discute-se os media como importantes construtores e recetores da agenda política.

A disciplina Técnicas de Expressão Radiofónicas apresenta as características da comunicação radiofónica, bem como a sua linguagem, desde a enunciação do texto, às técnicas de construção dos textos, critérios de escolha e hierarquia. Dá-se destaque aos noticiários na rádio, à reportagem e à entrevista.

Em Técnicas de Expressão Televisivas trata-se a televisão como produto de comunicação e consumo. Aborda-se a informação televisiva perante a era digital e multimédia, assim como a linguagem televisiva como resultado de sistemas de áudio, visual e escrito. Ensina-se técnicas e estratégias de programação, como também práticas de apresentação em estúdio, práticas de entrevista e o direto em televisão.

Na unidade curricular de Jornalismo de Investigação faz-se a caracterização e definição do jornalismo, discutindo-se consequentemente a margem de liberdade que existe. Distingue-se o conceito de jornalismo de investigação e investigação jornalística. Contempla-se os géneros jornalísticos que participam na investigação jornalística, como também o enquadramento ético e deontológico.

A cadeira de Jornalismo Desportivo insurge-se no debate do conceito de acontecimento desportivo. Faz-se, em outro ponto, uma retrospectiva do jornalismo desportivo, assim como se identifica tendências e problemas de acordo com as especificidades dos diferentes suportes jornalísticos.

A disciplina de Jornalismo e Comunidades Online traduz a história dos media digitais, o jornalismo na era da internet e debate a ética jornalística online. Esta disciplina dá também algum destaque às redes sociais e ao seu lugar no jornalismo.

Em Jornalismo Televisivo aborda-se a formação superior do jornalista, daí serem facultados fundamentos teóricos sobre a comunicação. É praticada a escrita televisiva, a técnica de captação de imagem, áudio e edição. Por fim, é praticado o exercício de apresentação, entrevista, reportagem e debate.

Na unidade curricular de Jornalismo de Ciência é feita, de forma geral, a definição do jornalismo de ciência. É lecionada a sua história, critérios de noticiabilidade, o seu fator jornalístico e científico e o papel do jornalista cientista. São transmitidos conceitos fundamentais em ciência, a objetividade e verdade em ciência e no jornalismo, e também a linguagem científica e jornalística.

Em Jornalismo Económico o aluno deve conhecer os conceitos macroeconómicos basilares como o PIB, a inflação, o desemprego e o saldo de contas externas. Aqui é importante saber reconhecer o Orçamento de Estado, os saldos orçamentais, bem como as receitas e as despesas. Torna-se também fundamental saber distinguir o conceito dívida e de défice. Nesta disciplina é essencial contactar com mercados de dívida e fazer notícias sobre a emissão de dívida pública. Por fim, são aqui lecionados conceitos mínimos sobre contabilidade que permitem ler relatórios ou informações financeiras genéricas.

Na disciplina de Jornalismo Radiofónico pratica-se a edição de notícias. Dá-se importância à escrita radiofónica, como as técnicas de elaboração, o rigor e comunicação de textos. Há destaque na reportagem e entrevista e, no entanto, sem nunca esquecer os restantes géneros jornalísticos.

### **15) Curso de Ciências da Comunicação: jornalismo, assessoria e multimédia da Universidade do Porto – Ensino Público**

A licenciatura em Ciências da Comunicação: jornalismo, assessoria e multimédia da Universidade do Porto tem como objetivo combinar uma formação na área das Humanidades juntamente com as áreas das novas tecnologias da informação e da comunicação.

Este curso pretende proporcionar aos seus alunos o acesso a um variado leque de saídas profissionais, como por exemplo no jornalismo radiofónico, escrito, televisivo e online. Também aposta no que diz respeito aos gabinetes de imprensa e de imagem, passando também pela produção de diversificados conteúdos multimédia.

Nesta licenciatura os alunos terão de frequentar um tronco comum nos primeiros quatro semestres e depois optar por um ramo específico a partir do quinto semestre. Ou seja, devem escolher ou jornalismo, ou assessoria, ou multimédia.

Este curso tem como diretor Hélder Bastos e tem como prova de ingresso a disciplina de português. Apresenta também um pré-requisito de capacidade visual e motora.

O primeiro ano deste curso apresenta no seu primeiro semestre História do Mundo Contemporâneo, Metodologia de Investigação, Técnicas de Expressão de Português, Tecnologias dos Media, e Teorias da Comunicação. O segundo semestre contém, por outro lado, Comunicação Empresarial, Design e Comunicação Visual, História Contemporânea de Portugal, Introdução à Economia, Técnicas de Expressão Jornalística I – Audiovisual, Técnicas de Expressão Jornalística I – Imprensa, Técnicas de Expressão Jornalística I – Online.

O segundo ano oferece no primeiro semestre Comunicações Digitais e Internet, Marketing, Semiótica da Comunicação, Técnicas de Expressão Jornalística II – Online, Técnicas de Expressão Jornalística II – Imprensa, e uma disciplina opcional. O segundo semestre apresenta Atelier de Multimédia, Ética e Deontologia Profissional, Relações Públicas, Técnicas de Expressão Jornalística II – Audiovisual, e uma cadeira opcional.

Referentes a este segundo ano, os dois semestres apresentam, cada um deles, uma disciplina de opção. Para o primeiro semestre é possível escolher Ciência Política, Economia Política, Gestão da Informação para a Comunicação, História do Jornalismo, ou Introdução ao Direito. Por sua vez, para o segundo semestre do segundo ano pode-se eleger Comunicação Política, História e Teoria do Cinema, Psicossociologia da Comunicação, Públicos e Audiências, Relações Internacionais, ou Teorias da Imagem.

É no terceiro ano do curso que o aluno escolhe o ramo que pretende seguir. Quem eleger jornalismo terá Atelier Integrado de Jornalismo, Economia dos Media, Jornalismo Comparado, e Laboratórios de Som e Imagem, e, por fim, uma cadeira opcional. Já o segundo semestre é todo ele dedicado ao projeto de jornalismo que cada aluno terá de realizar.

Para a disciplina opcional do primeiro semestre do último ano estão disponíveis as seguintes opções: Argumento e Estruturas Narrativas, Comércio Eletrónico e Marketing Digital, Fotojornalismo, Gestão de Projeto e de Plano de Negócio. Infografia, ou Novos Media.

Neste plano curricular é possível perceber que são abordadas algumas áreas científicas como Ciências da Informação com a disciplina Gestão da Informação para a Comunicação; Ciências da Linguagem com Técnicas de Expressão de Português; e as Ciências da Comunicação com disciplinas como Teorias da Comunicação ou Comunicações Digitais e Internet.

De acordo com os três anos do curso, repara-se que apenas o terceiro é o mais específico, até com a presença do Atelier Integrado de Jornalismo que o ajuda a tornar mais prático.

As disciplinas mais práticas do jornalismo presentes neste plano de estudos são as seguintes: Técnicas de Expressão Jornalística I – Audiovisual, Técnicas de Expressão Jornalística I – Imprensa, Técnicas de Expressão Jornalística I – Online. Depois no segundo ano existem Técnicas de Expressão Jornalística II – Online, Técnicas de Expressão Jornalística II – Imprensa, Técnicas de Expressão Jornalística II – Audiovisual. Há ainda um Atelier Integrado de Jornalismo.

Em Técnicas de Expressão Jornalística I – Audiovisual faz-se um breve panorama relativamente à evolução sonora da rádio desde os primórdios ao século XXI, fala-se das características, audiências e funções da rádio, dos seus critérios noticiosos e da sua linguagem. Aborda-se também a televisão no que diz respeito aos seus modelos de implantação e à sua escrita em função da imagem. Aprende-se a construção de um jornal televisivo e o valor da notícia em televisão.

Na disciplina de Técnicas de Expressão Jornalística I – Imprensa percorre-se a história da imprensa, as suas tipologias e o seu contexto nas sociedades modernas. Fala-se nos modelos de organização de uma redação, bem como se dá destaque à reportagem e à notícia.

O plano curricular de Técnicas de Expressão Jornalística I – Online aborda de forma geral o tema da internet, com passagem pela sua evolução, enquadramento histórico e a cibercultura. Foca-se também no jornalismo online com as ferramentas úteis e necessárias, as técnicas de pesquisa e a fiabilidade das informações online. Contempla ainda o ciberjornalismo, desde a origem ao desenvolvimento, as potencialidades, características, bem como os desafios das novas modalidades.

Já no segundo ano letivo, há a continuação das disciplinas anteriores. Por isso, em Técnicas de Expressão jornalística II – Online leciona-se o jornalismo participativo, diferenciando o profissional do amador, as questões éticas e legais e ainda a particularidade dos blogues. Existem ainda matérias sobre a prática do ciberjornalismo,

desde a narrativa hipertextual e hipermédia, às normas e estilos ciberjornalísticos, e ainda à produção para diferentes suportes.

Na disciplina de Técnicas de Expressão Jornalística II – Imprensa trata-se a imprensa e a democracia, em questões como o papel dos jornalistas e a função da imprensa em sociedades democráticas. Debate-se também a importância da entrevista, da crónica e do artigo.

Em Técnicas de Expressão Jornalística II – Audiovisual debate-se a importância do som na rádio, o registo sonoro, a notícia com registo sonoro, e ainda a captação e equipamentos de montagem e difusão. Já na vertente de televisão, explana-se a reportagem e o discurso televisivos, o papel do pivot, o discurso icónico e não icónico, bem como a aprendizagem de como se constroem peças televisivas.

Em Atelier Integrado de Jornalismo discute-se individualmente a imprensa, a rádio, a televisão e online, tem em conta as especificidades de cada um.

## **16) Curso de Jornalismo e Comunicação da Universidade de Coimbra – Ensino Público**

O curso de Jornalismo e Comunicação da Universidade de Coimbra pretende, de acordo com vários objetivos, fornecer variados conhecimentos práticos e teóricos quer na área concreta do jornalismo, quer em comunicação. Pretende ainda desenvolver em cada estudante a capacidade para refletir autónoma e criticamente, ao mesmo tempo que desenvolve capacidades essenciais à área de formação.

Como saídas profissionais apresenta a possibilidade de jornalista, repórter, assessor de imprensa, profissional de comunicação organizacional, professor, investigador, técnico superior de administração pública, quadro superior da administração pública.

Tem Rita Joana Basílio de Simões como coordenadora desta licenciatura e as provas de ingresso devem ser Filosofia, ou História ou Português.

O plano de estudos deste curso é constituído por algumas regras a ter em atenção. Correspondendo a três áreas denominadas de “Área de Iniciação”, “Área de Formação Geral”, e “Área de Concentração Complementar”, os alunos têm de frequentar determinadas disciplinas de acordo com cada uma destas áreas.

A Área de Iniciação obriga a que o estudante cumpra um total de 18 ECTS que servem de preparação para a transição que é feita do secundário para o ensino universitário e que se inserem no primeiro semestre do primeiro ano do curso. Com isto,

é objetivo oferecer uma introdução às áreas de saber e proporcionar instrumentos básicos aos alunos para a exigência do mundo universitário. Neste sentido, existe um total de doze unidades curriculares que o aluno tem de frequentar.

Seguidamente, existe a Área de Formação Geral que é composta por 24 ECTS e que assegura uma melhor preparação a cada estudante na vertente especializada. Estes podem ser cumpridos em qualquer momento do curso, desde que seja a partir do segundo semestre.

A Área de Concentração Complementar corresponde a um total de 30 ECTS e que pertencem a domínios científicos distintos da área de especialização.

Desta forma, de acordo com as regras acima referidas os alunos terão à sua disposição as seguintes disciplinas: Discurso e Comunicação, Sociologia da Comunicação, Deontologia do Jornalismo e da Comunicação, Produção Noticiosa, Comunicação Audiovisual, Comunicação Organizacional, Direito da Comunicação, Géneros Jornalísticos, Introdução ao Multimédia, Introdução à Comunicação Política, Laboratório de Produção, Língua Portuguesa, Media e Cultura Contemporânea, Teorias da Comunicação, História dos Media, Imagem e Comunicação, Jornalismo Multimédia, Jornalismo Radiofónico, Jornalismo Televisivo, Projeto, Relações Públicas, Socioeconomia dos Media, Teorias do Jornalismo, e, por fim, Técnicas de Redação.

Neste plano de estudos, compreende-se que a sua base está na área da comunicação e do jornalismo. Pois, apresenta, na maioria, unidades curriculares que ensinam aspetos do jornalismo e da comunicação.

Há uma grande variedade de disciplinas, quer disciplinas mais teóricas, quer disciplinas mais práticas, como por exemplo, Deontologia do Jornalismo e da Comunicação ou, num sentido mais prático, Técnicas de Redação.

Neste plano de estudos, as disciplinas mais práticas de jornalismo são: Produção Noticiosa, Géneros Jornalísticos, Jornalismo Multimédia, Jornalismo Radiofónico, Jornalismo Televisivo, e Técnicas de Redação.

Na disciplina de Produção Noticiosa explana-se a notícia, a entrevista e a reportagem. Debate-se ainda o perfil jornalístico e também as fontes de informação no processo noticioso.

Em Géneros Jornalísticos debate-se os diferentes géneros, desde os géneros informativos, géneros interpretativos e géneros ligeiros. Aborda-se ainda as diferentes linhas editoriais, os diversos leads, títulos e legendas.

Na unidade curricular de Jornalismo Multimédia discute-se a criação de projetos multimédia, os principais conceitos da linguagem audiovisual, assim como as polémicas em torno de novas práticas jornalísticas. Fala-se também de jornalismo assistido por computador e jornalismo de precisão.

Na disciplina de Jornalismo Radiofónico desenvolve-se o tema da produção de informação na rádio, desde a planificação do trabalho, à escrita informativa, à gravação, edição e pós-produção. Dá-se destaque aos géneros informativos na rádio, como o noticiário, a entrevista, a reportagem e o documentário.

Em Jornalismo Televisivo aborda-se a televisão enquanto fenómeno e produto de comunicação. Elaboram-se estratégias de programação e debate-se a reportagem televisiva. Discorrem-se temas como sensacionalismo, públicos e audiências e jornalismo televisivo contemporâneo. Por fim, dá-se destaque à reportagem e entrevista em televisão, ao discurso televisivo e às principais formas de narração televisiva.

A disciplina de Técnicas de Redação ocupa-se da textualidade e dos princípios constitutivos do texto, assim como os seus conceitos, coerência e estrutura narrativa. Aborda as etapas do processo de redação, o comunicado de imprensa, o artigo de opinião, a crónica, o perfil e a notícia como narrativa.

### **17) Curso de Jornalismo do Instituto Superior Miguel Torga – Ensino Privado**

O curso de jornalismo do Instituto Superior Miguel Torga tem como um dos seus vários objetivos elucidar os estudantes de jornalismo para as questões éticas e deontológicas que são importantes no exercer desta profissão.

Esta licenciatura de jornalismo tem como coordenadora Carla Sofia de Carvalho Figueiredo e tem como disciplinas de ingresso Filosofia, História, Inglês ou Português.

Relativamente a saídas profissionais, este curso apresenta a possibilidade de jornalista de imprensa, jornalista radiofónico, jornalista televisivo, jornalista para a Web, gestor de conteúdos, fotojornalista.

No primeiro ano de estudos e, mais concretamente no primeiro semestre, são apresentadas as disciplinas de Arte e Técnicas de Titular, Géneros e Estilos Jornalísticos, História Social e Política Contemporânea, Teorias da Comunicação Mediática, e Teorias da notícia. O segundo semestre prossegue com História dos Media, Representações dos Media, Análise Semiótica, Oficina de Língua Portuguesa, e Fotojornalismo.

O segundo ano inicia com Jornalismo Digital, Introdução à Economia, Laboratório de Jornalismo Radiofónico, Media, Cultura e Sociedade, e Sondagens e Estudos Estatísticos. Por sua vez, o segundo semestre deste ano contém Ética e Deontologia no Jornalismo, Laboratório de Imprensa, Análise e Interpretação da Imagem, Comunicação e Sociedade, e uma disciplina de opção.

Por fim, o terceiro ano apresenta no primeiro semestre Design Gráfico Informativo, Laboratório Jornalismo TV, Investigação Científica dos Media, e duas disciplinas optativas. O segundo semestre é inteiramente dedicado ao Seminário e Estágio a realizar.

Das três disciplinas de opção que existem no segundo e terceiro anos, os alunos devem escolher três de um grupo de dez. São elas: Imagem Digital, Composição e Edição Infográfica, Jornalismo Internacional, Jornalismo e Assessorias de Comunicação, Produção, Realização e Edição de Audiovisual, Edição de Vídeo Digital, Guionismo, Inglês para jornalismo, Estudos Europeus, e, por último, Ciência Política e Direito Constitucional.

Este plano curricular representa o estudo da comunicação e do jornalismo, onde se inserem também conhecimentos das Ciências Sociais e Humanas.

Com este conjunto de disciplinas é possível reparar que há cadeiras de jornalismo distribuídas ao longo dos três anos e que há uma preocupação com a língua portuguesa, visto que este plano contém uma disciplina denominada Oficina de Língua Portuguesa.

É de notar igualmente a existência de Laboratórios a partir do segundo ano e que conferem um lado mais prático ao curso.

O último semestre do curso é inteiramente dedicado à realização do Estágio.

### **18) Curso de Jornalismo do Instituto Politécnico de Lisboa (Escola Superior de Comunicação social) – Ensino Público/Politécnico**

O curso de Jornalismo do Instituto Politécnico de Lisboa tem como um dos seus principais objetivos formar profissionais para que sejam capazes de enfrentar o mercado de trabalho da forma mais preparada e consciente possível. É ainda importante que adquiram variados conhecimentos tanto ao nível comunicacional como cultural.

Este curso tem como coordenadora Fernanda Bonacho e exige Geografia, Português ou História como uma das provas de ingresso.

Quanto a saídas profissionais há a possibilidade do jornalismo profissional, no que diz respeito à imprensa, televisão, rádio, agência ou multimédia; Produção de conteúdos para publicações jornalísticas institucionais em suporte impresso ou digital; Investigação na área dos *media* e do jornalismo; ou Atividades que tenham como núcleo central a transmissão pública de conteúdos jornalísticos.

O primeiro ano deste curso apresenta no primeiro semestre Teorias da Comunicação, Estatística, História e Política do Mundo Contemporâneo, Inglês para Jornalismo, Laboratório de Jornalismo I, e Língua e Expressão do Português. O segundo semestre contém Comunicação e Linguagem, Análise Social, Portugal Contemporâneo, Ética e Deontologia do Jornalismo, Laboratório de Jornalismo II, e Técnicas de Expressão de Português.

O segundo ano começa com Sociologia da Comunicação, Análise Económica, Análise do Discurso Jornalístico, História dos Media, Narrativas e Guião para Jornalismo, e, por fim, Atelier de Captação e Edição Audiovisual. O segundo semestre apresenta Direito da Comunicação, Linguagens Visuais, Teorias do Jornalismo, Laboratório de Jornalismo III, Atelier de Jornalismo Radiofónico, Atelier de Jornalismo Televisivo.

O terceiro ano inicia o seu primeiro semestre com Comunicação Intercultural, Sistema dos Media, Atelier de Jornalismo Multiplataforma, Jornalismo Visual, e duas disciplinas opcionais. O segundo semestre deste ano contém Cultura e Media, Jornalismo Internacional, Empreendedorismo, Jornalismo e Industrias Criativas, Sociologia Política, Desafios Contemporâneos, e uma disciplina opcional.

Este plano curricular apresenta uma formação bastante específica em comunicação e jornalismo pelas variadas e específicas disciplinas que oferece. Logo desde o primeiro semestre do primeiro ano que são facultados laboratórios, o que diz muito sobre a prática do curso.

Por outro lado, há uma preocupação com as línguas, uma vez que há a disciplina de Técnicas de Expressão do Português, e uma direcionada para o estudo do Inglês para o Jornalismo.

Ao longo de todo o plano contempla-se a existência de três laboratórios, três disciplinas de opção que possibilitam o aluno a escolher o seu percurso mais ideal, e a oportunidade de quatro ateliers.

## **19) Curso de Jornalismo e Comunicação do Instituto Politécnico de Portalegre – Ensino Público/Politécnico**

O curso de Jornalismo e Comunicação do Instituto Politécnico de Portalegre apresenta um leque variado de objetivos gerais. Entre eles, fornecer aos alunos uma formação abrangente na área científica da comunicação, possibilitar a opção de cada um perseguir o seu caminho em duas áreas diversificadas como o jornalismo ou a comunicação empresarial, ou ainda permitir uma conclusão da licenciatura que possibilite o exercício da profissão nas mais variadas vertentes da comunicação e do jornalismo.

Esta licenciatura tem Joaquim Luís Rodrigues Bonixe como coordenador da mesma e exige as seguintes provas de ingresso: português, história ou geografia.

Relativamente às saídas profissionais o curso em questão pretende formar técnicos capazes para o exercício da profissão, seja a desempenhar funções de jornalista nos diversos meios de comunicação social, ou como técnicos de comunicação empresarial, de assessoria de imprensa, publicidade ou relações públicas.

O primeiro ano do curso apresenta no primeiro semestre uma disciplina de opção, Edição Eletrónica, Língua Estrangeira I, Temas do Mundo Contemporâneo, Língua Portuguesa, e Teoria da Comunicação. Já no segundo semestre existe Língua e Cultura Portuguesa, Semiótica Textual, uma disciplina de opção, Comunicação e Linguagens Audiovisuais, Comunicação e Retórica, e Comunicação Multimédia e Narrativas Digitais.

O segundo ano inicia com Introdução ao Direito, História dos Media, Ciência Política, Discurso dos Media, Organizações e Empresas Mediáticas, e ainda Novos Media, Cultura e Sociedade. O segundo semestre marca a escolha do ramo a seguir. Em jornalismo o semestre inicia com uma cadeira optativa, Oficina de Jornalismo, Discurso Jornalístico, Deontologia do Jornalismo, e Teoria da Notícia.

Por fim, o terceiro ano apresenta Oficina de Jornalismo Radiofónico, Comunicação Social Local e Regional, Oficina de Jornalismo Televisivo, Oficina de Ciberjornalismo, e Jornalismo Especializado. O segundo semestre contém Métodos e Técnicas de Investigação, e a vertente de Estágio e Projeto que o aluno deve realizar.

Ao olhar para o plano curricular acima referido é visível que o curso dá oportunidade ao estudante de fazer escolhas logo desde o início, ou seja, desde o primeiro semestre do primeiro ano.

É perceptível também que há uma preocupação com a aprendizagem de línguas, com a cadeira de uma língua estrangeira e ainda o aperfeiçoamento da língua materna com Língua Portuguesa, ou Língua e Cultura Portuguesa.

A partir do segundo ano, momento em que é feita a escolha do ramo pretendido, começam a surgir as disciplinas mais específicas do jornalismo. No último semestre a presença da cadeira Métodos e Técnicas de Investigação revela importância por ser de grande utilidade para qualquer estudante universitário.

## **20) Curso de Comunicação Social e Cultural da Universidade Católica Portuguesa – Ensino Privado**

O curso de Comunicação Social e Cultural da Universidade Católica Portuguesa apresenta uma formação baseada em teoria articulada com a vertente prática sempre equilibrada com as diferentes áreas de especialização.

Nesta universidade para além da centralidade das Ciências da Comunicação, cada aluno tem a possibilidade de desenvolver competências e conhecimentos em áreas compatíveis das suas profissões, como por exemplo, Economia, Direito, Ética, ou até Estudos de Cultura.

O programa desta licenciatura em Comunicação Social e Cultural é constituído por um ano de tronco comum que apresenta disciplinas introdutórias referentes a temas da área da comunicação. É a partir do segundo ano que o aluno pode fazer escolhas.

Este curso tem Cátia Ferreira como coordenadora e apresenta uma grande valorização na aprendizagem de línguas estrangeiras.

Como saídas profissionais este curso apresenta a hipótese de jornalismo e produção de conteúdos, seja em imprensa, televisão, rádio ou online; Assessoria de Imprensa; Investigador na área dos media e do jornalismo.

O primeiro ano do curso apresenta no seu primeiro semestre Língua Portuguesa I, Língua Inglesa I, Língua Estrangeira I, Métodos e Técnicas de Investigação em Ciências Sociais ou Tradição dos Grandes Livros, Cristianismo e Cultura, Escrita para os Media ou Cultura Portuguesa, e História dos Media ou Introdução à Comunicação. Por outro lado, o segundo semestre oferece Língua Portuguesa II, Língua Inglesa II, Língua Estrangeira II, Métodos e Técnicas de Investigação em Ciências Sociais ou Tradição dos Grandes Livros, História dos Media ou Introdução à Comunicação, Ética e Deontologia da Comunicação, e Escrita para os Media ou Cultura Portuguesa.

O segundo ano começa com Língua Inglesa III, Língua Estrangeira III, História Contemporânea I, e Edição Multimédia. Já no segundo semestre existe Língua Inglesa IV, Língua Estrangeira IV, Estatística para as Ciências Sociais, História Contemporânea II, Teorias da Comunicação, e Edição Multimédia.

O terceiro ano apresenta no primeiro semestre Comunicação Digital, Teorias da Cultura, Públicos e Audiências, e Economia. Já no segundo semestre existe Comunicação Digital, Sociologia da Comunicação, Direto da Comunicação e Diretos Fundamentais.

Neste plano curricular, os alunos devem, a partir do segundo ano, completar cada semestre com disciplinas à sua escolha. Desta forma, os alunos podem optar por estudar disciplinas de uma outra área de especialização que possam revelar interesse, como também disciplinas de outras licenciaturas da Universidade quando estas respeitam a coerência da área de estudo.

As unidades curriculares presentes no plano de estudos revelam uma enorme preocupação com a aprendizagem de línguas estrangeiras, assim como a melhoria da língua materna. Várias disciplinas como Língua Inglesa ou Língua Estrangeira lecionadas ao longo de quatro semestres revelam assim a oportunidade de aprofundar a aprendizagem de dois idiomas.

Esta licenciatura apresenta a disciplina de Escrita para os Média que acaba por ser a mais prática do ensino do jornalismo. Aqui, introduz-se técnicas e práticas de produção de comunicação social. Discutem-se alguns fundamentos das diversas formas de comunicação, focando-se na escrita e na forma de atuação em cada um dos meios.

## **21) Curso de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Coimbra – Ensino Público/Politécnico**

O curso de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Coimbra tem como principal objetivo formar profissionais conscientes das exigências da profissão. Este curso que opera em seis semestres apresenta dois percursos alternativos: um em jornalismo e informação, e o outro em criação de conteúdos para os novos media.

Este curso tem como coordenadora Carla Susana Ribeiro e exige Português, História ou Geografia como provas de ingresso.

No que diz respeito às saídas profissionais, estas podem ser como jornalista de imprensa, rádio, televisão e multimédia; como produtor e realizador de audiovisual; como operador de câmara e editor de vídeo e áudio; como produtor e gestor de conteúdos

multimédia para plataformas online; e como docente e investigador de ciências da comunicação.

O primeiro ano deste curso apresenta no seu primeiro semestre Atelier de Análise dos Media, Expressão Escrita para a Comunicação Social, História Contemporânea de Portugal, uma disciplina de opção, Psicologia Social dos Grupos e Equipas de Trabalho, e Teorias da Comunicação. No segundo semestre existe Atelier de Redação Jornalística, Géneros Jornalísticos, Iniciação à Produção Audiovisual, uma cadeira de opção, Psicologia Social da Comunicação, e Sociologia da Comunicação.

No segundo ano, o primeiro semestre contém, Atelier de Cibercultura, Comunicação Organizacional, Jornalismo de Imprensa, Metodologias de Investigação Científica na Comunicação Social, uma disciplina de opção, e Sociologia dos Media. O segundo semestre apresenta Atelier de Jornalismo Radiofónico, Direito da Comunicação Social, História dos Media, Jornalismo Digital, Jornalismo Televisivo, e Literacia Visual.

O terceiro ano inicia com Atelier de Investigação, Deontologia da Comunicação Social, Fotojornalismo, uma cadeira opcional, Representação e Cultura Visuais, e Técnicas De Jornalismo Radiofónico. O segundo semestre é inteiramente dedicado ao Estágio/Projeto.

Este plano de estudos deste respetivo curso é composto por um tronco comum para os dois ramos do curso no primeiro ano. A especialização ocorre a partir do segundo ano e para quem eleger Jornalismo e Informação as disciplinas pertencem ao campo das Ciências da Comunicação.

O plano apresenta disciplinas mais específicas como Atelier de Análise dos Media, Expressão Escrita para a Comunicação social, e outras mais gerais como História Contemporânea de Portugal, Psicologia Social da Comunicação ou Sociologia da Comunicação.

O último semestre do terceiro ano é inteiramente dedicado ao Estágio e à realização do projeto final, o que revela a importância atribuída a este último fator.

## **22) Curso de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Setúbal – Ensino Público/Politécnico**

O curso de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Setúbal preocupa-se em formar profissionais de jornalismo e técnicos de informação e comunicação, visando a aquisição de competências para o desenvolvimento de diversos trabalhos na área da comunicação.

Esta licenciatura tem Marta Alves e Ricardo Nunes como coordenadores do curso e exige como provas de ingresso a disciplina de Português mais uma a escolher que poderá ser Economia, Filosofia, História, ou Geografia.

Como saídas profissionais este curso proporciona opções de profissionais de jornalismo, quer no setor da imprensa como na rádio, e ainda técnicos de informação e comunicação.

O primeiro ano apresenta no primeiro semestre Antropologia Cultural, Artes Performativas, Atualidade nos Media, Comunicação Empresarial, Educação para os Media, e Gestão da Informação, e, por fim, História dos Media. Já o segundo semestre contém Contextos Profissionais, Língua e Prática Textual, Teoria da Imagem, Teorias do Jornalismo e duas disciplinas de opção.

O segundo ano oferece no primeiro semestre Géneros Jornalísticos, História Contemporânea e Cidadania, Língua e Comunicação profissional, Matemática para a Comunicação Social, Retórica e Argumentação, Sociologia da Comunicação, e uma disciplina opcional. Por outro lado, no segundo semestre existe Ciberculturas, Ciência e Teoria Política, Industrias Culturais, Linguagens do Audiovisual, Teoria e Modelos da Comunicação, e uma cadeira opcional.

O terceiro ano apresenta o primeiro semestre constituído por Cinema e Televisão, Economia, Gestão e Empreendedorismo, Ética e Deontologia Profissional, Marketing Cultural, Seminário de Investigação e Projeto de Comunicação. O segundo semestre inicia com Comunicação nos Media Sociais, Discurso dos Media, e, por fim, a realização do estágio.

Neste plano curricular são perceptíveis as disciplinas mais direcionadas para o jornalismo como Teorias do Jornalismo, Géneros Jornalísticos, ou Teorias e Modelos da Comunicação.

A disciplina Matemática para a Comunicação Social é pouco usual nos planos curriculares de jornalismo, porém neste ganhou o seu espaço e revela a sua importância.

Este plano curricular apresenta três disciplinas mais práticas de jornalismo que são Atualidade nos Media, Géneros Jornalísticos, e Cinema e Televisão.

Em Atualidade nos Media aborda-se a agenda noticiosa, os seus constrangimentos que podem afetar o exercício do jornalismo, os critérios de noticiabilidade e as fontes de informação. Dá-se também destaque à linguagem jornalística com a sua narrativa e enquadramento noticioso. No entanto, não se esquece também a escrita jornalística com os elementos básicos da notícia.

Na disciplina de Géneros Jornalísticos faz-se a definição e prática dos diferentes géneros, assim como se aborda a rádio e a televisão enquanto jornalismo audiovisual. Debate-se ainda o online enquanto novo género. Faz-se a interpretação de jornais e ensina-se o artigo, o editorial e a coluna de opinião.

A unidade curricular de Cinema e Televisão debate o cinema e a televisão antes do digital e, agora, na era digital. Aborda conseqüentemente as questões técnicas, culturais, sociais, políticas e estéticas do mundo televisivo e cinematográfico.

### **23) Curso de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Tomar – Ensino Público/Politécnico**

O curso de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Tomar tem como principal objetivo fornecer uma formação cultural, científica e tecnológica, equilibrada numa estrutura curricular adequada.

Neste curso, para além de um tronco comum, cada estudante pode fazer o seu percurso de acordo com o ramo escolhido, ou Jornalismo, ou Comunicação Empresarial, frequentando disciplinas específicas que mais acharem fazer sentido.

No que diz respeito a saídas profissionais estas orientam-se de acordo com o percurso feito pelo aluno e estão voltadas para entidades públicas e privadas, tanto no perfil de jornalismo como de comunicação empresarial. São várias as opções, como empresas de comunicação jornalística, gabinetes de comunicação, autarquias locais, empresas de diferentes setores que precisem de serviços de comunicação e também fundações ou associações.

Relativamente ao plano de estudos desta universidade, esta apresenta um total de seis disciplinas por semestre, sendo que, no total, vinte e sete são obrigatórias. Cada aluno deve fazer seis unidades curriculares opcionais, uma vez que estas estão distribuídas entre o segundo e o sexto semestre ao longo de todo o curso.

No que diz respeito ao último semestre, há aqui a oportunidade de os estudantes optarem entre um estágio curricular ou um projeto de empreendedorismo.

Para o primeiro ano deste curso, há uma grande oferta de disciplinas, quer para o ramo de jornalismo, quer para o de Comunicação Empresarial. Assim, na área mais concreta do jornalismo, existe à disponibilidade de cada aluno as seguintes disciplinas: Fotojornalismo, Comunicação online, Discurso dos media, Géneros jornalísticos, Espanhol aplicado ao jornalismo, Francês aplicado ao jornalismo, Alemão aplicado ao jornalismo, Jornalismo económico, Jornalismo desportivo, Cibercultura, Cultural visual

e paginação, Realização e produção televisiva, Realização e produção radiofónica, Discursos e formatos televisivos, Discursos e formatos radiofónicos.

No segundo ano de estudos, existe uma disciplina de Atelier I, Teorias da Comunicação, Atelier II, Análise de audiências, Tecnologias do audiovisual, Laboratório de jornalismo, e Desafios da globalização.

No terceiro ano, mais uma vez na área do jornalismo, existe uma cadeira de Escrita Digital, Ética e Direito da Comunicação, e Atelier III. Por outro lado, existe também a possibilidade de um Projeto de Empreendedorismo e a realização de um estágio.

Este plano de estudos oferece um variado leque de opções de cadeiras específicas de jornalismo como Jornalismo Económico, Jornalismo Desportivo, Laboratório de jornalismo, ou Escrita Digital. No entanto, existem outras ainda que pertencem mais concretamente às Ciências da Comunicação, como Ética e Direito da Comunicação, ou Discurso dos Media.

No último ano de estudos, esta Universidade oferece a oportunidade de realização de um Estágio, bem como a preparação de um Projeto de Empreendedorismo, o que se torna importante neste plano curricular.

Este plano curricular tem várias disciplinas práticas de jornalismo que são: Fotojornalismo, Discurso dos Media, Géneros Jornalísticos, Espanhol Aplicado ao Jornalismo, Francês Aplicado ao Jornalismo, Alemão Aplicado ao Jornalismo, Jornalismo Económico, Jornalismo Desportivo, Realização e Produção Televisiva, Realização e Produção Radiofónica, Discursos e Formatos Televisivos, Discursos e Formatos Radiofónicos, e Laboratório de Jornalismo.

Na disciplina de Fotojornalismo trata-se a fotografia como informação, a manipulação de fotografias e a ética subjacente no repórter fotográfico. Aborda-se a fotografia na entrevista e na reportagem e ainda a edição de imagens.

Na unidade curricular de Discursos dos Media há uma contextualização histórica até à atualidade. Distingue-se os diferentes tipos de jornais e o seu discurso, bem como o discurso televisivo e radiofónico. Há ainda espaço para o discurso publicitário e o discurso de imagem.

Em Géneros Jornalísticos são abordados cinco grandes temas que passam pela notícia, a entrevista, a reportagem, a opinião e os suportes de imagem. A abordagem da notícia debruça-se sobre as *fake news*, a entrada, o lead, os títulos, as regras de construção, e os tipos de notícias. Sobre a entrevista fala-se sobre os seus diferentes tipos, a sua preparação, condução e redação. Na reportagem indica-se os seus estilos, a procura de

informação, a escolha do ângulo, e a sua preparação. Na parte opinativa abordam-se as características, regras, estilos e tipos de opinião que vão desde o editorial à crítica. Nos suportes de imagem não são esquecidos os desenhos, a caricatura e o *cartoon*.

A disciplina de Espanhol Aplicado ao Jornalismo não apresenta conteúdo programático.

Na disciplina de Francês Aplicado ao Jornalismo ensinam-se informações e vocabulário do domínio dos media, assim como enunciados orais e escritos ligados aos media. Aqui fala-se sobre a situação atual dos media em França, assim como da imprensa escrita, da televisão e da rádio.

Na unidade curricular de Alemão Aplicado ao Jornalismo debatem-se variados temas como a imprensa escrita, as notícias do mundo, a rádio, a televisão, a era digital e o futuro do jornalismo.

A disciplina de Jornalismo Económico não apresenta conteúdo programático

A disciplina de Jornalismo Desportivo não apresenta conteúdo programático.

Na disciplina de Realização e Produção Televisiva inicia-se com discussão sobre as fases da produção. É lecionada a história da televisão, desde o seu nascimento, passando pelos sistemas televisivos até ao estúdio virtual. Por fim, é abordada a realização televisiva com uni-câmara e multi-câmara.

Em Realização e Produção Radiofónica desenvolvem-se temas sobre sistemas de edição, produção e programação de rádio. É ainda dada atenção à animação de programas e à conceção de alinhamentos e guiões de trabalho.

Na unidade curricular de Discursos e Formatos Televisivos é realizada uma explanação de vários aspetos relacionados com o tema desde os planos, o enquadramento, a cor, as técnicas de imagem, os formadores audiovisuais e o HD. No entanto, também não se esquece a escrita televisiva com a sua característica escrita para a imagem.

Na disciplina de Discursos e Formatos Radiofónicos são ensinados alguns conceitos basilares de iniciação, a escrita jornalística, a importância do som em rádio, a produção e edição de noticiários, e ainda o discurso radiofónico nos géneros jornalísticos.

Em Laboratório de Jornalismo debate-se a questão do que é notícia, os valores de noticiabilidade, e ainda a escrita jornalística.

## **24) Curso de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Viseu – Ensino Público/Politécnico**

O curso de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Viseu tem estabelecido um variado leque de objetivos a serem cumpridos. Entre eles, conhecer a estrutura dos meios de comunicação e dos seus principais formatos enquanto expressão de contextos sociais e mudanças culturais; desenvolver uma atitude estratégica proporcionada pelo conhecimento dos elementos que se interrelacionam no sistema da comunicação; ou adquirir capacidade analítico-crítica e reflexivo-interpretativa, obtendo competências no campo da investigação académica.

Esta licenciatura tem Pedro Coutinho como coordenador e exige as seguintes provas de ingresso: economia, história ou português.

Relativamente às suas saídas profissionais, este curso apresenta a possibilidade no jornalismo, quer seja imprensa, rádio ou televisão; produção de informação; jornalismo online; comunicação institucional; e organização e gestão de empresas e instituições.

O primeiro ano deste curso apresenta no seu primeiro semestre Sistemas e Modelos da Comunicação, Teoria da informação e Comunicação, Técnicas de Comunicação Escrita e Oral em Línguas Estrangeiras, Géneros Jornalísticos, Temas de História Contemporânea, Laboratório Audiovisual, e ainda Informática e Comunicação. No segundo semestre existe Atelier de Jornalismo, Metodologia de Investigação em Comunicação, Língua e Cultura Portuguesa, História dos Media, Psicologia Social, Línguas Estrangeiras Aplicadas à Comunicação Social, e uma disciplina de opção.

O segundo ano inicia com Semiótica da Comunicação, Línguas e Culturas Estrangeiras, Atelier de Rádio, Sociologia da Comunicação, Fotografia, Gestão de Recursos Humanos, e uma cadeira optativa. O segundo semestre contém Realização Televisiva, Políticas de Informação e Comunicação na EU, Narrativas Digitais, Cibercultura, Atelier Multimédia, Organização e Tratamento de Dados, e uma disciplina de opção.

O terceiro ano apresenta Atelier de TV/Cinema, Ciberjornalismo, Cultura Visual, Comunicação de Marketing, Jornalismo Especializado, Escrita Criativa, e uma cadeira opcional. O segundo semestre inicia com Pragmática da Comunicação, Assessoria de Comunicação, uma opcional, e por fim, a realização de um estágio.

Neste plano curricular existem várias disciplinas direcionadas no campo geral da comunicação, e é atribuída uma especial atenção à aprendizagem de línguas estrangeiras

aplicadas à Comunicação Social, como Técnicas de Comunicação Escrita e Oral em Línguas Estrangeiras, ou ainda Línguas Estrangeiras Aplicadas à Comunicação Social.

É também dada a oportunidade a cada estudante de fazer escolhas no seu percurso logo a partir do segundo semestre do primeiro ano com a escolha de disciplinas opcionais.

### **Capítulo III – Retrato do Sistema Mediático Jornalístico Português**

“O jornalismo é a moderna cartografia. Cria um mapa que permite aos cidadãos navegarem na sociedade.” É desta forma que Bill Kovach e Tom Rosenstiel definem o jornalismo no livro “Os Elementos do Jornalismo”, publicado em Portugal em 2004. De facto, por muitas mudanças que o jornalismo tenha sofrido ao longo dos anos, a sua finalidade continua a mesma.

É indiscutível o poder e influência dos media nas sociedades, o que revela a sua importância. Ter informação e controlar a informação é talvez o maior exercício de poder e influência na sociedade, o que não é nada de novo, visto que os media são considerados o quarto poder, após o poder executivo, legislativo e judicial. Assim como ter informação é ter o poder de influenciar, os media têm o poder de criar e moldar a opinião pública.

Apesar desta influência e capacidade de esclarecer cidadãos nas mais diversas questões, os media e a profissão de jornalista acaba por ser uma profissão pouco prestigiada. Em Portugal, segundo Traquina (2007) são vários os fatores que ajudaram no fraco desenvolvimento da profissão, como por exemplo, a fragilidade das liberdades políticas, baixos vencimentos e ainda uma situação geral de baixo prestígio social. De acordo com um relatório produzido pelo Sindicato dos Profissionais de Lisboa em 1925, Traquina (2007) conta que a situação profissional era até então “muito má”, pois a maioria dos jornalistas portugueses viviam com duas profissões, apesar de trabalharem em jornalismo, o que já vimos anteriormente no início do capítulo I. Segundo este relatório, na época, existiam no país cerca de 300 jornalistas.

Olhando para o ano em que nos encontramos, segundo a Comissão da Carteira Profissional de Jornalista, existem, até à data de 9 de maio de 2018, em Portugal, 5505 jornalistas com título ativo. Deste total, 3262 dos titulares são homens e 2243 são mulheres.

Com o objetivo de analisar vários aspetos sobre o mundo dos profissionais do jornalismo, foi desenvolvido pelo CIES (Centro de Investigação e Estudos de Sociologia)

do ISCTE em parceria com o Sindicato dos Jornalistas e o Obercom (Observatório da Comunicação), um estudo que analisou as condições laborais dos jornalistas portugueses, os principais desafios e constrangimentos da profissão, as práticas quotidianas, os desafios do jornalismo, entre outras. Com o título “Jornalistas e Condições Laborais: retrato de uma profissão em transformação”, este estudo sustentou-se em 1494 inquiridos através da plataforma online Qualtrics, entre 1 de maio e 13 de junho de 2016.

Este estudo, com um total de 78 questões, conseguiu reunir várias conclusões importantes sobre as condições laborais dos jornalistas portugueses. Em primeiro lugar, percebeu-se que, em questões de género, a diferença é comparativamente equilibrada, com um valor de 51,8% para homens e 48,2% para mulheres. Apesar do sexo feminino registar o valor menor, percebe-se que houve, ao longo das décadas, um largo crescimento da presença das mulheres na profissão, visto que há três décadas o valor situava-se abaixo dos 20%, o que comprova uma crescente feminização na atividade jornalística.

Relativamente à área geográfica que reúne mais profissionais, esta acaba por ser a capital. Lisboa é a zona onde quase dois terços dos jornalistas portugueses exercem a sua profissão, o que é comprovado pela cidade ser a capital do país e por ser o local onde se concentram os maiores grupos de comunicação social.

No que diz respeito, de forma geral, à trajetória e carreira profissional, e mais concretamente à idade com que entraram na profissão, os jornalistas portugueses, na sua maioria, cerca de 63,7%, iniciou a carreira entre os 21 e 25 anos de idade.

Inquirindo-se sobre a remuneração mensal média líquida, 69% detém salários entre os 501€ e os 1500€. Em termos médios, o vencimento médio líquido mensal ronda os 1113€. No entanto, há ainda, de acordo com os resultados, dois lados opostos: 5% dos inquiridos tem vencimentos superiores a 2500€ e, por outro lado, 7% auferem rendimentos inferiores a 300€.

Mais concretamente sobre as condições laborais existentes na profissão em Portugal, concluiu-se que 64,7% dos inquiridos cumpre entre 35 e 40 horas de trabalho por semana em relação às horas previstas nos seus contratos de trabalho.

Já no que diz respeito a horas extraordinárias, só 3,9% diz ser remunerado por tal motivo. Por outro lado, 10,2% afirma ser compensado com tempo de descanso, e por outro, a maioria, 63,4% não recebe qualquer compensação pelo trabalho extraordinário.

De acordo com estes dados recolhidos em 2016, mais de 80% dos inquiridos não tem progressão na carreira há mais de 4 anos. Contudo, há ainda quem não progrida há

mais de uma década, cerca de 28,4%, e também quem tenha a carreira congelada há 7 anos, perto de 29,4%.

Do total dos inquiridos, 64,2% admite, em determinado momento, ter ponderado o abandono do jornalismo. As três principais razões são os baixos rendimentos, a degradação da profissão ou condições de trabalho, e ainda a precariedade contratual.

Relativamente à formação académica, 79,6% dos inquiridos detêm diploma de ensino superior, sendo que 43,3% com licenciatura, 13,4% com mestrado e 1,5% com doutoramento. No entanto, 20,4% não possui qualquer formação universitária.

Ainda na ordem da formação académica, 54% dos inquiridos acredita não ser fundamental formação superior para ser jornalista. Por outro lado, 39,2% concorda que é necessária formação superior.

Este estudo que teve como foco a criação de um retrato das condições laborais dos jornalistas foi produzido pelos investigadores Gustavo Cardoso, Miguel Crespo, Joana Azevedo e João Sousa.

### **3.1. As publicações existentes em Portugal**

De acordo com Jorge Pedro Sousa (2006) o conceito de comunicação social traduz-se em algo “vago” e “abstrato”. Desta forma, acaba por ser um pouco difícil defini-lo. No entanto, este é normalmente associado ao sistema jornalístico em geral. Segundo o autor, este conceito abarca “todas as atividades organizadas e deliberadas de produção, difusão e receção mediada de mensagens” (Sousa, 2006, p. 127)

Na verdade, em Portugal, existe um vasto leque de meios de comunicação, quer a nível nacional, quer a nível regional. Estes, passam desde logo pela imprensa escrita e online, pela televisão e pela rádio. Assim, será aqui demonstrada, de forma geral, as publicações informativas existentes em Portugal.

Em primeiro lugar, a nível nacional, no que diz respeito a jornais diários pode-se listar o Jornal de Notícias, o Correio da Manhã, o Público, o Diário de Notícias, e ainda o Jornal i. No que concerne a jornais semanais, existem em banca o SOL, e o Expresso. Já em termos de jornais desportivos portugueses destacam-se, desde logo, três fundamentais: a Bola, Record, e o Jogo. Relativamente a jornais económicos, de maneira nacional, destaca-se o Jornal de Negócios e o Jornal Económico. Existem também duas revistas informativas denominadas de Visão e Sábado. Por fim, conhecem-se ainda o Observador e o ECO como jornais digitais.

Em termos televisivos, existem quatro grandes estações de televisão a produzirem jornais de informação diários que são a RTP, a SIC, a TVI e a CMTV. No entanto, estes possuem também os seus próprios canais 100% informativos como a RTP3, a SIC Notícias e a TVI24.

Em termos radiofónicos, as principais emissoras são a TSF, a Rádio Renascença e a Antena 1.

No panorama regional, existem variados meios de comunicação locais por todo o país. Entre jornais, televisões e rádios mais pequenas, a escolha é variada. De acordo com o estudo “A imprensa local e regional em Portugal” produzido pela ERC (Entidade Reguladora para a Comunicação Social) em 2010, são muitos os distritos portugueses que possuem um número elevado de publicações.

Segundo dados extraídos do referido estudo, o distrito de Leiria, contempla as seguintes publicações: A Voz do Domingo, A Voz do Mar, Correio Popular, Diário de Leiria, Gazeta das Caldas, Jornal da Marinha Grande, Jornal das Caldas, Jornal de Leiria, Notícias do Centro, O Correio de Pombal, Oeste Online, O Portomosense, Região da Nazaré, Região de Leiria.

No distrito de Braga, existem: Barcelos Popular, Cidade Hoje, Comércio de Guimarães, Comércio de Vieira, Correio do Minho, Diário do Minho, Ecos de Basto, Entre Vilas, Jornal de Barcelos, Notícias de Guimarães, O Balcão, O Geresão, O Jornal de Vieira, O Povo de Basto, O Povo Famalicense, Povo de Fafe, Povo de Guimarães, RV Jornal.

Relativamente ao distrito de Viana do Castelo as publicações também são muitas. Existem as seguintes: A Aurora do Lima, Betânia do Lima, Caminha 2000, Devagar Começa Seixas, Ecos da Meadela, Falcão do Minho, Jornal Alto Minho, Jornal Serra e Vale, Mirante Gondarém, Monte do Castelo, Notícias da Barca, Notícias de Viana, Notícias dos Arcos, O Caminhense, O Coura, Povo da Barca.

Já no distrito do Porto, conta-se uma média de 21 publicações. São elas: A Voz de Ermesinde, Entre-as Margens – O Jornal de Vila das Aves, Imediato, Jornal de Lousada, Jornal A Verdade, Jornal da Trofa, Jornal de Matosinhos, Jornal de Vila do Conde, Jornal dos Carvalhos, Jornal Maia Hoje, Jornal Paiva, Notícias de Gaia, Notícias de Penafiel, O Comércio de Leixões, O Gaiense, O Penafidense, Primeira Mão, Repórter de Gondomar, Repórter de Valongo, Repórter do Marão, Voz Portucalense.

No distrito de Coimbra existem publicações como: As Beiras, Auri Negra, Comarca de Arganil, Diário de Coimbra, Fábrica de Conteúdos, Trevim, Voz da Figueira, Voz de Mira, Voz de Serpins.

Já no distrito de Santarém as publicações são: Cidade de Tomar, Correio do Ribatejo, EOL Entroncamento Online, Jornal 4 Semanas, Notícias de Ourém, O Mirante, O Templário, Região de Rio Maior, Rio Maior Notícias, TV4 Santarém, Voz da Minha Terra.

No distrito de Setúbal há publicações como Jornal da Moita, Jornal de Azeitão, Jornal de Setúbal, Jornal do Montijo, Jornal do Pinhal Novo, Jornal do Seixal, Jornal Região de Pegões, Notícias de Almada, Notícias do Barreiro, Notícias do Seixal, Nova Morada, O Condense, O Rio, Raio de Luz, Rostos, Setúbal na Rede, Setubalense, Voz de Almada, Voz do Barreiro.

Relativamente a Évora, este distrito soma as seguintes publicações: Altitude, Brados do Alentejo, Diário do Sul, Folha de Montemor, Terras Brancas.

Em Portalegre existe a Mensagem, Alto Alentejo, Distrito de Portalegre, Fonte Nova – Bissemanário da Região de Portalegre, Linhas de Elvas, Mensageiro de Alter, Notícias de Arronches, Notícias de Sousel, Revista Pormenores.

No distrito de Vila Real, existem: A Voz de Trás-os-Montes, Desporto em Resumo, Jornal do Norte, Mensagem Aguiarenses, Negócios de Valpaços, Notícias de Barroso, Notícias de Chaves, Notícias de Vila Real, TV Tribuna Valpacense, Voz de Chaves.

Já no distrito de Bragança existem publicações como Informativo, Jornal Nordeste, Jornal O Guerra Zoelae, Mensageiro Notícias, Terra Fria Revista Digital, Voz do Nordeste.

Em Castelo Branco o Ensino Magazine, Gazeta do Interior, Iniciativas & Negócios, Jornal do Fundão, Povo da Beira, Reconquista são as principais publicações.

Em relação ao distrito da Guarda existem algumas publicações como A Guarda, A Neve, Correio de Unhais, Ecos da Marofa, Nordeste do Alvouco da Serra, O Interior, Pinhel Falcão, Terras da Beira, Terras do Coa, Vilar Formoso.

Em Lisboa existem publicações como Alvorada, Cidade Viva – O Jornal de Algueirão – Mem Martins, Correio de Oeiras, Emigrante – Mundo Português, Expresso do Oriente, Jornal da Região, Jornal de Sintra, Notícias de Alverca, Vida Ribatejana.

No distrito de Viseu existem várias publicações: Caminho, Defesa da Beira, Diário de Viseu, Douro Hoje, Gazeta Rural, Horizonte Vilacovense, Jornal Beirão, Jornal

da Beira, Jornal de Tondela, Jornal do Centro, Miradouro, Notícias de Viseu, O Penalvense, Planalto, Terras de Santa Maria Madalena, Terras do Demo, Torre de Tondela, Voz de Povolide, Voz de São João de Lourosa, Voz de Torreideita e Boaldeia.

No distrito de Aveiro há várias publicações. São elas: Activo, A Voz de Esmoriz, A Voz do Cambra, Balada da União, Binário Topo de Gama, Correio da Feira, Correio de Azeméis, Correio do Vouga, Defesa de Espinho, Diário de Aveiro, Eco de Vagos, Feira Norte, Jornal d'Angeja, Jornal da Bairrada, Jornal de Espinho, Jornal de Válega, Jornal S. João de Vêr, Labor.pt, Logos, Mais Alerta, Notícias de Lourosa, Notícias do Cambra, O Ilhavense, O Jornal de Estarreja, O Ponto, Praça Pública, Região Bairradina, Região de Águeda, Soberania do Povo, Strada.pt, Terras de Vagos, Timoneiro.

Já no distrito de Beja existem quatro principais publicações: Correio do Alentejo, Diário do Alentejo, Mais Alentejo, Revista 30 Dias.

Por fim, Faro apresenta as seguintes publicações: A Gazeta de Salir, Algarve Resident, A Melhor Opção, Barlavento, Brisas do Sul, Correio de Lagos, Correio Meridional, Diário Online, Ecos da Serra, Focus Algarve, Jornal Carteira, Notícias de Albufeira, Notícias de S. Braz, O Algarve, O Louletano, Observatório do Algarve, Postal do Algarve, Região Sul, Vila's do Bispo.

## **Capítulo IV – Análise de Resultados**

Após feita a análise individual a cada um dos planos curriculares acima enunciados, é agora importante obter algumas respostas. Assim, é possível descrever de que forma se encontra o ensino do jornalismo no país.

<b>CURSO</b>	<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>ENSINO</b>
<b>Ciências da Comunicação</b>	Universidade da Beira Interior	PÚBLICO
<b>Ciências da Comunicação</b>	Universidade de Lisboa (Instituto superior de Ciências Sociais e Políticas)	PÚBLICO
<b>Ciências da Comunicação</b>	Universidade do Minho	PÚBLICO
<b>Ciências da Comunicação</b>	Universidade Nova de Lisboa (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas)	PÚBLICO

<b>Ciências da Comunicação</b>	Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Escola de Ciências Sociais e Humanas)	PÚBLICO
<b>Ciências da Comunicação</b>	Universidade do Algarve (Escola Superior de Educação e Comunicação)	POLITÉCNICO PÚBLICO
<b>Ciências da Comunicação</b>	Instituto Universitário da Maia	PRIVADO
<b>Ciências da Comunicação</b>	Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões	PRIVADO
<b>Ciências da Comunicação</b>	Universidade Católica Portuguesa (Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais)	PRIVADO
<b>Ciências da Comunicação</b>	Universidade Europeia	PRIVADO
<b>Ciências da Comunicação</b>	Universidade Fernando Pessoa	PRIVADO
<b>Ciências da Comunicação</b>	Universidade Lusófona do Porto	PRIVADO
<b>Ciências da Comunicação e da Cultura</b>	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias	PRIVADO
<b>Comunicação e Jornalismo</b>	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias	PRIVADO
<b>Ciências da Comunicação: jornalismo, assessoria e multimédia</b>	Universidade do Porto (Faculdade de Letras)	PÚBLICO
<b>Jornalismo e Comunicação</b>	Universidade de Coimbra	PÚBLICO
<b>Jornalismo</b>	Instituto superior Miguel Torga	PRIVADO
<b>Jornalismo</b>	Instituto Politécnico de Lisboa (Escola Superior de Comunicação Social)	POLITÉCNICO PÚBLICO
<b>Jornalismo e Comunicação</b>	Instituto Politécnico de Portalegre	POLITÉCNICO PÚBLICO
<b>Comunicação Social e Cultural</b>	Universidade Católica Portuguesa	PRIVADO
<b>Comunicação Social</b>	Instituto Politécnico de Coimbra	POLITÉCNICO PÚBLICO
<b>Comunicação Social</b>	Instituto Politécnico de Setúbal	POLITÉCNICO PÚBLICO
<b>Comunicação Social</b>	Instituto Politécnico de Tomar	POLITÉCNICO PÚBLICO
<b>Comunicação Social</b>	Instituto Politécnico de Viseu	POLITÉCNICO PÚBLICO

*Tabela 1 - Fonte: DGES*

Em primeiro lugar, olhando para a tabela número 1, percebe-se, desde logo, que a denominação entregue aos cursos é diversificada, embora a maioria recaia nas Ciências

da Comunicação. De um total de 24 cursos presentes nesta tabela, 12 são apelidados de Ciências da Comunicação, ou seja, metade deles. No entanto, existem ainda dois que obtêm o nome de Ciências da Comunicação e da Cultura, e Ciências da Comunicação: jornalismo, assessoria e multimédia. Ora, isto é recordado por Jorge Pedro Sousa (Apêndice 4) que na entrevista concedida para esta dissertação aponta que “antes de mais nada quase não há cursos que se intitulem de jornalismo em Portugal”, pois “o jornalismo tem-se apresentado na generalidade das ofertas educativas, em termos de licenciaturas, nas universidades como uma componente das Ciências da Comunicação.” Segundo a pesquisa realizada, cursos que se dominem unicamente de jornalismo existem dois: o do Instituto Politécnico de Lisboa, e o do Instituto Superior Miguel Torga. Seguidamente, existem 5 cursos de comunicação social, e dois de jornalismo e comunicação.

Quando um aluno vai iniciar a sua vida universitária, este procura eleger a melhor universidade, aquela que, no seu ponto de vista, oferece o melhor curso. Deste modo há quem prefira um curso mais abrangente, que possibilita maiores saídas profissionais, alargados conhecimentos de comunicação, e não apenas saberes específicos de jornalismo. Deste modo, analisando os planos curriculares das universidades e institutos, é fácil reparar que estes são, na sua maioria, planos de formação generalista. Isto é comprovado pela existência de 12 cursos de Ciências da Comunicação em contrariedade dos 2 cursos específicos de jornalismo e 5 de comunicação social. No fundo, o perfil deste licenciado acaba por ser um perfil generalista. E será este futuro jornalista que as entidades empregadoras querem e procuram?

Numa tentativa de reunir as maiores competências e requisitos que um jornalista deve possuir, foram entrevistados três profissionais do jornalismo de acordo com o meio em que estão inseridos. De acordo com o mundo televisivo, Hélder Silva (Apêndice 2) considera como principal requisito o domínio da atualidade. Para o jornalista da RTP, “para qualquer jornalista que chega a uma redação de televisão este *background* é fundamental”. Para além disto, é considerado bastante importante a cultura geral e ainda “a destreza em frente às câmaras e a escrita televisiva.” Mas, se por um lado esta destreza deve ser basilar na formação do jornalista, por outro, esta não é uma prioridade de todos os cursos que ensinam jornalismo. Dos 24 cursos analisados, apenas 17 apresentam disciplinas relacionadas com o mundo televisivo. Isto é comprovado pelo jornalista (Apêndice 2) pois confessa que “há universidades que não estão preparadas para dotar os alunos de capacidades como, por exemplo, a destreza em frente às câmaras. Eu já dei aulas em universidades que não tinham câmaras”.

Relativamente à rádio, Vanessa Rodrigues (Apêndice 3), jornalista da TSF, aponta que são procurados “profissionais que tenham cultura geral, que estejam atentos às grandes questões do país e do mundo, que tenham espírito crítico e que, acima de tudo, sejam cidadãos envolvidos, inquietos e curiosos e, nesse enquadramento, que saibam então utilizar as ferramentas do jornalismo para fazer bom jornalismo.” Olhando para as disciplinas de rádio que estão presentes nos planos curriculares, pode dizer-se que apenas 16 universidades ou institutos oferecem ensinamentos radiofónicos. No entanto, a jornalista defende que “alguns estudantes já vêm mal preparados anteriormente, mesmo do ponto de vista pessoal: quer seja na falta de espírito crítico, quer seja na falta de uma cultura jornalística, como a leitura diária de notícias sobre o que se passa no país e no mundo”.

Na vertente do jornalismo de imprensa, Miguel Conde Coutinho (Apêndice 1) editor do Jornal de Notícias, indica imediatamente aquele que é o principal requisito para trabalhar num jornal: saber escrever. Apesar de considerar a escrita uma premissa básica no trabalho jornalístico, Miguel Conde Coutinho admite que “muitos jovens candidatos a jornalistas chegam à redação e não sabem escrever uma frase”. Assim, olhando para os planos de estudo analisados, conclui-se que apenas 15 apresentam disciplinas ligadas à escrita e redação para a imprensa. Ora, isto torna-se surpreendente para o editor, pois não entende “como é que há alunos que acabam o curso sem saberem escrever uma frase de início ao fim”, o que também acontece com a escrita de uma notícia para a imprensa. Apesar de ser essencial a sua realização, “há pessoas que passam anos em cursos de jornalismo sem sequer escreverem notícias, pois essa é a realidade que me chega às mãos”. Para além disto, são apontadas outras condições importantes na formação do futuro jornalista. Assim, o editor do JN afirma ser “basilar ter alguma desenvoltura e capacidade de iniciativa” e continua, “acho importante não se atrapalhar, saber lidar com as ferramentas, é preciso saber usar o *Photoshop*, saber inglês, é preciso ter à vontade para fazer um telefonema para a polícia. É necessário todo um saber técnico que vai desde o domínio da língua ao domínio das ferramentas, e quando digo ferramentas não é o *Word*, mas sim programas de edição de vídeo, áudio e imagem, imagem estática e fotografia. É fundamental estar à vontade com a linguagem habitual dos gestores de conteúdos na Web. Todas estas coisas são fundamentais. Não é aceitável, por exemplo, que não se saiba fazer um *link* dentro de um artigo. Isto tudo tem que fazer parte da preparação técnica de um jornalista”.

Olhando para todos os requisitos acima descritos, é importante analisar aquilo que as universidades e institutos oferecem, bem como perceber qual o seu papel na formação do aluno. Luís Loureiro (Apêndice 5), professor universitário de Ciências da Comunicação, afirma que “nos últimos anos a estrutura dos cursos universitários se tornou mais adequada à formação do que se espera de um jornalista”. No entanto, tal opinião não é partilhada por Jorge Pedro Sousa (Apêndice 4) que declara que “para o exercício do jornalismo, muitos cursos de Ciências da Comunicação, talvez não tenham os conteúdos mais apropriados para a formação no atual contexto de mercado”. No aspeto da formação que a universidade possibilita há, na generalidade, uma opinião de que a universidade é importante e ajuda a pensar, ou seja, contempla outras características que não só as ferramentas técnicas. Assim, Luís Loureiro (Apêndice 5) adianta que “um curso universitário não deve ser um curso de formação profissional”, do mesmo modo que Jorge Pedro Sousa (Apêndice 4) afirma que “as instituições de ensino superior têm sempre uma responsabilidade de formar as pessoas de uma forma mais consistente e de alguma maneira também mais geral”. Da mesma opinião são os jornalistas, por exemplo, Vanessa Rodrigues (Apêndice 3) que reconhece que “o curso de jornalismo serve para transmitir as ferramentas da atividade jornalística, partilhar as rotinas e as grandes questões, ajudar a pensar”, e também Miguel Conde Coutinho (Apêndice 1) que é da opinião que “as universidades e os cursos de formação são bastante importantes mas cabe à universidade ser relevante tendo em conta o mercado de trabalho”.

Partilhando a mesma opinião de que a universidade é um local de pensamento, é defendida a ideia de que é importante haver, em qualquer curso, um equilíbrio entre os ensinamentos teóricos e os ensinamentos práticos. Tal ideia é partilhada por Miguel Conde Coutinho (Apêndice 1), Jorge Pedro Sousa (Apêndice 4), Vanessa Rodrigues (Apêndice 3), e Luís Loureiro (Apêndice 5). Assim, Miguel Conde Coutinho garante que não é “apologista de que a formação jornalística seja só prática”, Jorge Pedro Sousa, afirma também que “as instituições de ensino superior não podem desistir dessa formação mais abrangente que passa por transmitir alguns conceitos teóricos que são importantes para qualquer profissional da comunicação”, Vanessa Rodrigues diz que as universidades “que apostam em aliar a componente teórica à componente prática fornecem mais ferramentas e possibilidades de o estudante poder criar portfólio e treinar competências”, e Luís Loureiro partilha a mesma ideia afirmando que “os cursos de comunicação anteriormente ao processo de Bolonha eram cursos na maior parte muito teóricos nas

universidades públicas... porém, há algumas universidades privadas que acho que avançaram demasiado na componente prática”.

Relativamente à análise das disciplinas presentes nos planos curriculares, é possível compreender várias questões. Em primeiro lugar, dos 24 cursos analisados, apenas 1 não contempla alguma disciplina sobre ética, direito ou deontologia na comunicação. Ou seja, todas as universidades e institutos atribuem importância a essa disciplina menos o Instituto Politécnico de Viseu. Ora, isto não é compatível com a opinião de Miguel Conde Coutinho (Apêndice 1) que afirma que “há fundamentos teóricos, éticos, legais que são fundamentais”. Em segundo lugar, em relação à importância da aprendizagem de uma língua estrangeira, 6 dos 24 cursos refletem essa preocupação nas suas disciplinas obrigatórias, sendo o inglês a língua eleita. No entanto, dois cursos, o do Instituto Universitário da Maia e o da Universidade Católica Portuguesa, apresentam a oportunidade do inglês nas suas disciplinas de opção. Sendo que, esta língua é considerada bastante importante no mundo da comunicação e é admitido como um requisito por Miguel Conde Coutinho (Apêndice 1). Contudo, há universidades que oferecem também a possibilidade de aprender outras línguas como o Espanhol o Francês ou até o Alemão. Por último, relativamente a disciplinas de pendor mais digital, repara-se que 16 cursos do total de 24 dão destaque, nas suas disciplinas obrigatórias, ao mundo digital na comunicação.

No que diz respeito às disciplinas consideradas mais práticas de formação jornalística, todas as universidades e institutos as contemplam nos seus planos curriculares. Assim, foi realizada uma análise a essas mesmas disciplinas de modo a perceber o que é lecionado em cada uma delas. No entanto, esta intenção, apenas foi possível realizar em 14 dos 24 cursos aquando da sua descrição acima apresentada. Esta impossibilidade aconteceu devido à inexistência de informação nas páginas de 10 universidades e institutos que não facultam tais informações. Deste modo, é apresentada uma tabela que realça as disciplinas de formação jornalística nos cursos de todo o país.

<b>Curso e Instituição</b>	<b>Disciplinas mais direcionadas para a prática jornalística, consultadas nos sites das instituições</b>	<b>Disciplinas potencialmente mais direcionadas para a prática jornalística. Disciplinas sem consulta, pois os sites das instituições não disponibilizam tais informações</b>
<b>Ciências da Comunicação</b> – Universidade da Beira Interior	1. Técnicas de redação jornalística 2. Linguagem dos Media	
<b>Ciências da Comunicação</b> – Universidade de Lisboa	1. Investigação e expressão jornalística 2. Televisão e cinema 3. Técnicas de imprensa 4. Rádio e multimédia	
<b>Ciências da Comunicação</b> – Universidade do Minho		1. Atelier de jornalismo I 2. Atelier de jornalismo II
<b>Ciências da Comunicação</b> – Universidade Nova de Lisboa		1. Discurso dos media
<b>Ciências da Comunicação</b> – Universidade de Trás-os-Montes	1. Imprensa 2. Jornalismo 3. Televisão	
<b>Ciências da Comunicação</b> – Universidade do Algarve	1. Discurso dos media	
<b>Ciências da Comunicação</b> – Instituto Universitário da Maia		1. Géneros jornalísticos 2. Jornalismo de rádio 3. Jornalismo de televisão 4. Ciberjornalismo
<b>Ciências da Comunicação</b> – Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões	1. Técnicas redatoriais em jornalismo 2. Atelier de imprensa e jornalismo online 3. Jornalismo de especialidade 4. Atelier de televisão I 5. Atelier de rádio I 6. Atelier de televisão II 7. Atelier de rádio II	
<b>Ciências da Comunicação</b> – Universidade Católica		1. Teorias e práticas de jornalismo 2. Atelier de jornalismo impresso

		<p>3. Atelier de Jornalismo radiofónico</p> <p>4. Atelier de multimédia I</p> <p>5. Atelier de jornalismo televisivo</p> <p>6. Atelier de multimédia II</p>
<p><b>Ciências da Comunicação</b> – Universidade Europeia</p>	<p>1. Géneros jornalísticos</p> <p>2. Jornalismo televisivo</p>	<p>1. Jornalismo radiofónico</p>
<p><b>Ciências da Comunicação</b> – Universidade Fernando Pessoa</p>		<p>1. Gramática e comunicação II (notícia e crónica)</p> <p>2. Gramática e comunicação III (entrevista e reportagem)</p> <p>3. Gramática e comunicação IV (editorialismo e articulismo)</p>
<p><b>Ciências da Comunicação</b> – Universidade Lusófona do Porto</p>	<p>1. Géneros jornalísticos</p> <p>2. Redação jornalística</p> <p>3. Técnicas de expressão radiofónica</p> <p>4. Técnicas de expressão televisiva</p> <p>5. Ciberjornalismo</p> <p>6. Investigação jornalística</p> <p>7. Jornalismo especializado</p> <p>8. Jornalismo televisivo</p>	
<p><b>Ciências da Comunicação e da Cultura</b> – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias</p>	<p>1. Redação jornalística</p> <p>2. Técnicas de expressão escrita</p> <p>3. Géneros jornalísticos</p> <p>4. Jornalismo de investigação</p> <p>5. Jornalismo digital</p> <p>6. Jornalismo económico</p> <p>7. Jornalismo político</p> <p>8. Jornalismo radiofónico</p> <p>9. Jornalismo televisivo</p>	
<p><b>Comunicação e Jornalismo</b> – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias</p>	<p>1. Redação jornalística</p> <p>2. Fotojornalismo</p> <p>3. Géneros jornalísticos</p> <p>4. Jornalismo digital</p> <p>5. Jornalismo político</p> <p>6. Técnicas de expressão radiofónicas</p> <p>7. Técnicas de expressão televisivas</p>	<p>1. Técnicas de expressão escrita</p>

	<p>8. Jornalismo de investigação</p> <p>9. Jornalismo desportivo</p> <p>10. Jornalismo e comunidades online</p> <p>11. Jornalismo televisivo</p> <p>12. Jornalismo de ciência</p> <p>13. Jornalismo económico</p> <p>14. Jornalismo radiofónico</p>	
<p><b>Ciências da Comunicação: jornalismo, assessoria e multimédia</b></p> <p>– Universidade do Porto</p>	<p>1. Técnicas de expressão jornalística I – audiovisual</p> <p>2. Técnicas de expressão jornalística I – imprensa</p> <p>3. Técnicas de expressão jornalística I – online</p> <p>4. Técnicas de expressão jornalística II – online</p> <p>5. Técnicas de expressão jornalística II – imprensa</p> <p>6. Técnicas de expressão jornalística II – audiovisual</p> <p>7. Atelier integrado de jornalismo</p>	
<p><b>Jornalismo e Comunicação</b></p> <p>– Universidade de Coimbra</p>	<p>1. Produção noticiosa</p> <p>2. Géneros jornalísticos</p> <p>3. Jornalismo multimédia</p> <p>4. Jornalismo radiofónico</p> <p>5. Jornalismo televisivo</p> <p>6. Técnicas de redação</p>	
<p><b>Jornalismo</b></p> <p>– Instituto Superior Miguel Torga</p>		<p>1. Géneros e estilos jornalísticos</p> <p>2. Fotojornalismo</p> <p>3. Jornalismo digital</p> <p>4. Laboratório de jornalismo radiofónico</p> <p>5. Laboratório de imprensa</p> <p>6. Laboratório de jornalismo TV</p>
<p><b>Jornalismo</b></p> <p>– Instituto Politécnico de Lisboa</p>		<p>1. Inglês para jornalismo</p> <p>2. Laboratório de jornalismo I</p> <p>3. Laboratório de jornalismo II</p> <p>4. Análise do discurso jornalístico</p> <p>5. Narrativas e guião para jornalismo</p>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>6. Laboratório de Jornalismo III</li> <li>7. Atelier de jornalismo radiofónico</li> <li>8. Atelier de jornalismo televisivo</li> <li>9. Atelier de jornalismo multiplataforma</li> <li>10. Jornalismo visual</li> <li>11. Jornalismo internacional</li> <li>12. Jornalismo e indústrias criativas</li> </ul>
<p><b>Jornalismo e Comunicação</b> – Instituto Politécnico de Portalegre</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>1. Oficina de jornalismo</li> <li>2. Discurso jornalístico</li> <li>3. Deontologia do jornalismo</li> <li>4. Oficina de jornalismo radiofónico</li> <li>5. Oficina de jornalismo televisivo</li> <li>6. Oficina de ciberjornalismo</li> <li>7. Jornalismo especializado</li> </ul>
<p><b>Comunicação Social e Cultural</b> – Universidade Católica</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>1. Escrita para os media</li> </ul>	
<p><b>Comunicação Social</b> – Instituto Politécnico de Coimbra</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>1. Atelier de análise dos media</li> <li>2. Expressão escrita para a comunicação social</li> <li>3. Atelier de redação jornalística</li> <li>4. Géneros jornalísticos</li> <li>5. Jornalismo de imprensa</li> <li>6. Atelier de jornalismo radiofónico</li> <li>7. Jornalismo digital</li> <li>8. Jornalismo televisivo</li> <li>9. Fotojornalismo</li> <li>10. Técnicas de jornalismo radiofónico</li> </ul>
<p><b>Comunicação Social</b> – Instituto Politécnico de Setúbal</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>1. Atualidade nos media</li> <li>2. Géneros jornalísticos</li> <li>3. Cinema e televisão</li> </ul>	

<p><b>Comunicação Social</b> – Instituto Politécnico de Tomar</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Fotojornalismo</li> <li>2. Discurso dos media</li> <li>3. Géneros jornalísticos</li> <li>4. Francês aplicado ao jornalismo</li> <li>5. Alemão aplicado ao jornalismo</li> <li>6. Realização e produção televisiva</li> <li>7. Realização e produção radiofónica</li> <li>8. Discursos e formatos televisivos</li> <li>9. Discursos e formatos radiofónicos</li> <li>10. Laboratório de jornalismo</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Espanhol aplicado ao jornalismo</li> <li>2. Jornalismo económico</li> <li>3. Jornalismo desportivo</li> </ol>
<p><b>Comunicação Social</b> – Instituto Politécnico de Viseu</p>		<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Géneros jornalísticos</li> <li>2. Atelier de jornalismo</li> <li>3. Atelier de rádio</li> <li>4. Realização televisiva</li> <li>5. Atelier de TV/Cinema</li> <li>6. Ciberjornalismo</li> <li>7. Jornalismo especializado</li> </ol>

**Tabela 2 - Disciplinas de prática jornalística por curso/instituição**

Ao reparar na tabela, compreende-se que todas as universidades apresentam disciplinas ligadas à especificidade do jornalismo. Assim, muitos cursos abrangem vários ensinamentos que vão desde os diferentes meios de comunicação social, como a rádio, a imprensa, a televisão e o online. As disciplinas de redação ou técnicas de expressão escrita também não são esquecidas, bem como os vários ateliers oferecidos, ou a atenção dada aos diferentes géneros jornalísticos. De acordo com Jorge Pedro Sousa (Apêndice 4), “sem dúvida que há instituições que realizam essa tarefa de forma mais competente e com meios mais adequados do que outras. Há inegavelmente instituições, inclusivamente financiadas pelo Estado, que tiveram e têm muito dinheiro para investir em laboratórios, em pessoal técnico especializado e docentes exclusivamente contratados para assegurar essa componente de ensino técnico”. Assim, é possível perceber que, de acordo com a tabela, há cursos que oferecem mais disciplinas práticas de jornalismo que outras. Por exemplo, o curso de Comunicação e Jornalismo, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias contempla um total de 15 disciplinas, revelando-se o curso com maior número de cadeiras de jornalismo. Segue-se o curso de Jornalismo do Instituto Politécnico de Lisboa que oferece um total de 12 cadeiras. Depois vem o curso de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Coimbra que apresenta um total de 10

disciplinas. Por outro lado, há também cursos em que o número destas disciplinas é diminuto. Assim, existe o de Ciências da Comunicação, da Universidade Nova de Lisboa que apresenta apenas uma disciplina, assim como o curso de Ciências da Comunicação da Universidade do Algarve e ainda o de Comunicação Social e Cultural da Universidade Católica. Seguidamente, aparece o curso de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior com duas disciplinas, bem como o de Ciências da Comunicação da universidade do Minho.

Após concluída a licenciatura, o antigo aluno e agora futuro jornalista prepara-se para entrar no mercado de trabalho. Seja em forma de primeiro emprego, seja através da realização de um estágio, será que este se sente 100% preparado para o fazer? A resposta é negativa, tanto do lado dos recém-licenciados, como do lado de quem ensina, como também de quem contrata. Maria Ferreira (Apêndice 6), estagiária de jornalismo na Agência Lusa, acredita que os alunos que saem hoje das universidades não estão devidamente preparados, pois “os recém-licenciados precisam de mais aulas práticas durante a licenciatura de modo a que não sintam tanta dificuldade quando entram no mercado de trabalho.” No entanto, afirma que “por outro lado saem com noções de jornalismo impresso, radiofónico, televisivo, e online, bem como ferramentas para edições de vídeo e áudio”. Já Sara Campos (Apêndice 7), também estagiária da Agência Lusa, diz que foi através da realização da pós-graduação e da sua licenciatura que também adquiriu conhecimentos em jornalismo. Jorge Pedro Sousa (Apêndice 4) e Luís Loureiro (Apêndice 5) partilham a mesma opinião. Os professores universitários de jornalismo defendem que “nunca ninguém está 100% preparado, até porque há coisas que só o mercado de trabalho se encarrega de aprimorar”. Também no lado das entidades empregadoras a resposta parece ser a mesma. Vanessa Rodrigues (Apêndice 3) confessa que “nunca nenhum estudante, independentemente da área que estudou, está 100% preparado para ingressar no mercado de trabalho”. Também Miguel Conde Coutinho (Apêndice 1) é da opinião de que “não é suposto as aulas prepararem o aluno para tudo o que ele vai encontrar”. Por outro lado, Hélder Silva (Apêndice 2) acredita que os futuros jornalistas não estão preparados “porque muitos deles não fazem por isso”.

Por fim, questionados sobre qual seria o principal conselho para qualquer estudante de jornalismo que queira trabalhar na profissão, as entidades empregadoras são unânimes na resposta: preparem-se, adquirindo cultura jornalística. Desta forma, Miguel Conde Coutinho (Apêndice 1) acredita que “a pior coisa que pode acontecer é o candidato a jornalista ter uma oportunidade e não estar preparado para a aproveitar. Há

oportunidades que escapam porque o candidato não acompanha a atualidade, porque não lê jornais, porque não sabe trabalhar com determinada ferramenta ou porque não aprenderam nada do que foi ensinado na cadeira de ética na universidade”. Também Hélder Silva (Apêndice 2) confessa que um conselho que passa aos alunos é “o de lerem jornais com muita frequência. E depois, outro conselho passa por dominar todas as narrativas, até porque a narrativa da televisão é diferente da narrativa da rádio ou da imprensa”. Já Vanessa Rodrigues (Apêndice 3) partilha a mesma opinião e é direta, dizendo: “adquire cultura jornalística, informa-te do que se passa no país e no mundo, lê muito sobre tudo, analisa como se produz notícias, como se estruturam os géneros jornalísticos para a rádio, a televisão, um *website*, um jornal.”

## **CONCLUSÃO**

Após a realização deste trabalho, e obtidas as conclusões referidas no capítulo anterior, é agora importante dizer que existiu, de facto, uma evolução do ensino do jornalismo que se pratica em Portugal. Comparativamente aos primeiros anos de ensino, percebe-se de imediato que houve uma grande evolução do que é ensinado, de como é ensinado e da abrangência que estes cursos oferecem aos seus estudantes, maioritariamente após a instauração do processo de Bolonha. Desta forma, comprova-se uma evolução desde 1979, data da primeira licenciatura em Comunicação Social, até aos dias de hoje.

No que à nomeação dos cursos diz respeito, é rapidamente perceptível que o curso em maioria é o de Ciências da Comunicação, comparativamente aos de Jornalismo e Comunicação Social.

Com a realização deste trabalho, é importante abordar o sistema de ensino praticado em Portugal. Com a conclusão de que a Universidade é um local de pensamento e reflexão, deve ser também aliado a ela, uma forte componente prática. No entanto, a universidade não pode nem deve andar constantemente atrás daquilo que as entidades empregadoras querem e procuram. Quem reparar na atualidade informativa do país e do mundo, sabe que existem diversos temas importantes todos os dias. No entanto, a universidade e os cursos de jornalismo não podem oferecer uma disciplina aos seus alunos que aborde cada um desses temas. Ou seja, não pode existir uma disciplina que explique e ensine, por exemplo, a guerra na Síria. Desta forma, a universidade deve fornecer as ferramentas para que o aluno procure investigar por si, que se motive a pesquisar e a

compreender o mundo que o rodeia. Desta forma, a universidade e, de maneira geral, o ensino deve continuar a corresponder a esta intenção, fomentando sempre a reflexão, o ensinamento dos fundamentos teóricos, mas sempre aliado a uma vertente prática que dê experiência e bases para o futuro.

Independentemente da valorização da teoria, é igualmente importante abordar em todos os planos curriculares um lado prático. Desta forma, todos os cursos deveriam procurar respeitar esse equilíbrio. Ou seja, é fundamental todos os cursos darem ferramentas, seja de edição em programas, seja de prática de reportagem televisiva, ou até de edição de áudio para um programa de rádio. Pois, muitos alunos irão necessitar destes ensinamentos mais tarde, seja num estágio que realizem, seja na possibilidade de emprego.

A importância de saber fazer uma notícia de início ao fim torna-se num fator também de discussão, pois nem todos os cursos analisados apresentam disciplinas relacionadas com a imprensa escrita. Ora, isto torna-se em algo um pouco apreensivo, visto que a elaboração de uma notícia cumpre um aspeto basilar num curso de comunicação e jornalismo e que acaba por ser chamado à atenção por vários profissionais do meio. Desta forma, esta é sem dúvida uma das questões que se impõe. Para quando a integração de disciplinas de técnicas de redação, televisão e rádio em todos os cursos do país? Será esta uma realidade ainda distante? Talvez não, visto que a maioria já demonstra essa preocupação.

Numa época em que os cursos de comunicação e jornalismo estão repletos de alunos e apaixonados pelo mundo da comunicação, torna-se essencial estar atento, ser preocupado e estar preparado para um futuro incerto e com poucas oportunidades. Assim, é fundamental aproveitar o curso universitário ao máximo, reunir ferramentas e capacidades para uma oportunidade de trabalho em comunicação e jornalismo.

No que diz respeito às restrições encontradas, é de realçar a falta de informação em algumas páginas de universidades e institutos que não disponibilizam informações basilares e que dificultaram a elaboração deste trabalho. Seguidamente, destacar a impossibilidade de obter uma entrevista do meio jornalístico online, a única que não foi possível realizar.

Por fim, deixar a certeza de que este trabalho não se esgota aqui. Há ainda vários caminhos para percorrer e estudar no que diz respeito ao ensino do jornalismo ou à forma como ele evolui. Esta dissertação deixa espaço para que se continue a investigar, seja sobre os docentes universitários, a experiência profissional destes, ou até uma pesquisa

mais profunda relativamente aos planos curriculares. Este é um tema sempre importante e que se revela pertinente de estudo, pois o futuro do jornalismo passa pelo que é ensinado nas universidades e institutos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Canavilhas, J. (2009). O ensino do jornalismo em Portugal. [Em linha] Disponível em <http://www.ec.ubi.pt/ec/06/pdf/canavilhas-ensino-webjornalismo.pdf> [Consultado em 10 de Março de 2018].
- Cascais, F. (2008). Ensino do jornalismo em Portugal. História de um fracasso dos jornalistas. [Em linha] Disponível em <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocidigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/04/13artigo5.pdf> [Consultado em 14 de Março de 2018].
- Cascais, F. (2004). O ensino do/para o jornalismo e a formação profissional. *Comunicação e Sociedade*, 5, pp. 85-93.
- Correia, F. e Baptista, C. (2007). *Jornalistas: do ofício à profissão. Mudanças no jornalismo português*. Lisboa, Editorial Caminho.
- Correia, J. (1998). Algumas reflexões sobre a importância da formação universitária dos jornalistas. [Em linha] Disponível em <http://www.bocc.uff.br/pag/correia-joao-formacao-universitaria-jornalistas.pdf> [Consultado em 5 de Março de 2018].
- Crespo, M. *et alii* (2017). Jornalistas e condições laborais: retrato de uma profissão em transformação. [Em linha] Disponível em [https://obercom.pt/wp-content/uploads/2017/03/2017\\_OBERCOM\\_Jornalistas\\_Condicoes\\_Laborais.pdf](https://obercom.pt/wp-content/uploads/2017/03/2017_OBERCOM_Jornalistas_Condicoes_Laborais.pdf) [Consultado em 10 de Maio de 2018].
- ERC, (2010). A imprensa local e regional em Portugal. [Em linha] Disponível em <http://www.erc.pt/documentos/ERICImprensaLocaleRegionalfinal.pdf> [Consultado em 15 de Maio de 2018].
- Graça, S. (2007). *Jornalistas portugueses: dos problemas da inserção aos novos dilemas profissionais*. Coimbra, Edições Minerva Coimbra.
- Kovach, B. e Rosentiel, T. (2004). *Os elementos do jornalismo: o que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir*. Porto, Porto Editora.
- Mendes, R. (2012). *Os jornalistas e a primeira licenciatura em comunicação social em Portugal 1979*. Lisboa, Escritório Editora.
- Mesquista, M. e Ponte, C. (1996). Situação do ensino e da formação profissional na área do jornalismo. [Em linha] Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/mesquita-mario-ponte-cristina-Cursos-Com1.html> [Consultado em 12 de Março de 2018].

Sousa, J. (2009). A discussão sobre a introdução do ensino superior do jornalismo em Portugal: das primeiras menções ao primeiro curso de graduação. *Verso e reverso*, 23 (54), pp. 1-34.

Sousa, J. (2006). Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media. [Em linha] Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf> [Consultado em 23 de Março de 2018].

Sousa, J. (2008). Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril de 1974. [Em linha] Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-do-jornalismo-1974.pdf> [Consultado em 25 de Março de 2018].

Sousa, J. *et alli* (2010). *O pensamento jornalístico português: das origens a abril de 1974*. Covilhã, Labcom.

Teixeira, P. (2012). O ensino do jornalismo em Portugal: breve história e panorama curricular, ao virar da primeira década do século XXI. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 9 (2), pp. 407-424.

Traquina, N. (2007). *Jornalismo*. Coleção “O que é”. Lisboa, Quimera.

Veríssimo, H. (2003). *Os jornalistas nos anos 30/40. Elite do Estado Novo*. Coimbra, Minerva.

Curso de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior [Em linha] Disponível em <https://www.ubi.pt/curso/66> [Consultado em 10 de Fevereiro de 2018].

Curso de Ciências da Comunicação da Universidade de Lisboa [Em linha] Disponível em <https://www.iscsp.ulisboa.pt/pt/cursos/oferta-graduada/licenciaturas/ciencias-da-comunicacao> [Consultado em 10 de Fevereiro de 2018].

Curso de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho [Em linha] Disponível em <https://www.ics.uminho.pt/pt/Estudar/Licenciaturas/Ciencias-da-Comunicacao> [Consultado em 10 de Fevereiro de 2018].

Curso de Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa [Em linha] Disponível em <http://fcsh.unl.pt/ensino/licenciaturas/ciencias-da-comunicacao> [Consultado em 12 de Fevereiro de 2018].

Curso de Ciências da Comunicação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro [Em linha] Disponível em <https://www.utad.pt/estudar/cursos/ciencias-da-comunicacao/> [Consultado em 12 de Fevereiro de 2018].

Curso de Ciências da Comunicação da Universidade do Algarve [Em linha] Disponível em <https://www.ualg.pt/pt/curso/1456> [Consultado em 12 de Fevereiro de 2018].

Curso de Ciências da Comunicação do Instituto Universitário da Maia [Em linha] Disponível em <http://www.ismai.pt/pt/ensino/oferta-formativa/licenciaturas/ciencias-da-comunicacao> [Consultado em 12 de Fevereiro de 2018].

Curso de Ciências da Comunicação da Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões [Em linha] Disponível em <https://autonoma.pt/cursos/ciencias-da-comunicacao/> [Consultado em 12 de Fevereiro de 2018].

Curso de Ciências da Comunicação da Universidade Católica Portuguesa [Em linha] Disponível em [http://ffcs.braga.ucp.pt/flyers/Folheto\\_CIENCIASDACOMUNICACAO.pdf](http://ffcs.braga.ucp.pt/flyers/Folheto_CIENCIASDACOMUNICACAO.pdf) [Consultado em 13 de Fevereiro de 2018].

Curso de Ciências da Comunicação da Universidade Europeia [Em linha] Disponível em <https://www.europeia.pt/oferta-formativa/licenciaturas/licenciaturas/ciencias-da-comunicacao> [Consultado em 13 de Fevereiro de 2018].

Curso de Ciências da Comunicação da Universidade Fernando Pessoa [Em linha] Disponível em <http://www.ufp.pt/ensino/1o-ciclo-e-mestrados-integrados/ciencias-da-comunicacao> [Consultado em 15 de Fevereiro de 2018].

Curso de Ciências da Comunicação da Universidade Lusófona do porto [Em linha] Disponível em <https://www.ulp.pt/licenciatura/ciencias-da-comunicacao> [Consultado em 15 de Fevereiro de 2018].

Curso de Ciências da Comunicação e da Cultura da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias [Em linha] Disponível em <https://www.ulusofona.pt/licenciatura/ciencias-da-comunicacao-e-da-cultura> [Consultado em 15 de Fevereiro de 2018].

Curso de Comunicação e Jornalismo da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias [Em linha] Disponível em <https://www.ulusofona.pt/licenciatura/comunicacao-e-jornalismo> [Consultado em 16 de Fevereiro de 2018].

Curso de Ciências da Comunicação: jornalismo, assessoria e multimédia da Universidade do Porto [Em linha] Disponível em [https://sigarra.up.pt/fep/pt/cur\\_geral.cur\\_view?pv\\_curso\\_id=455](https://sigarra.up.pt/fep/pt/cur_geral.cur_view?pv_curso_id=455) [Consultado em 17 de Fevereiro de 2018].

Curso de Jornalismo e Comunicação da Universidade de Coimbra [Em linha] Disponível em <https://apps.uc.pt/courses/pt/course/5341> [Consultado em 18 de Fevereiro de 2018].

Curso de Jornalismo do Instituto Superior Miguel Torga [Em linha] Disponível em <https://www.ismt.pt/index.jsp?hm=0> [Consultado em 18 de Fevereiro de 2018].

Curso de Jornalismo do Instituto Politécnico de Lisboa [Em linha] Disponível em <https://www.escs.ipl.pt/cursos/licenciaturas/jornalismo> [Consultado em 2 de Março de 2018]

Curso de Jornalismo e Comunicação do Instituto Politécnico de Portalegre [Em linha] Disponível em <https://www.ipportalegre.pt/pt/oferta-formativa/jornalismo-e-comunicacao> [Consultado em 2 de Março de 2018].

Curso de Comunicação Social e Cultural da Universidade Católica Portuguesa [Em linha] Disponível em <https://fch.lisboa.ucp.pt/pt-pt/undergraduate/programs/licenciatura-em-comunicacao-social-e-cultural> [Consultado em 2 de Março de 2018].

Curso de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Coimbra [Em linha] Disponível em <https://www.esec.pt/estudar/cursos/comunicacao-social> [Consultado em 3 de Março de 2018].

Curso de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Setúbal [Em linha] Disponível em [https://www.si.ips.pt/ese\\_si/cursos\\_geral.formview?P\\_CUR\\_SIGLA=CS](https://www.si.ips.pt/ese_si/cursos_geral.formview?P_CUR_SIGLA=CS) [Consultado em 4 de Março de 2018].

Curso de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Tomar [Em linha] Disponível em <http://portal2.ipt.pt/pt/Cursos/licenciaturas/1 - cs/> [Consultado em 4 de Março de 2018].

Curso de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Viseu [Em linha] Disponível em <http://www.esev.ipv.pt/Cursos/planos.aspx?value=3> [Consultado em 4 de Março de 2018].

## APÊNDICE 1

### **Entrevista a Miguel Conde Coutinho, editor do Jornal de Notícias. Depois de uma passagem pelo jornal Expresso, Miguel Coutinho é hoje editor de cultura do JN.**

#### **1. Enquanto entidade empregadora, na hora de contratar, o que é exigido atualmente a um jornalista, ou seja, quais são os requisitos?**

Eu aqui sou editor do jornal, não contrato propriamente. Ao longo destes anos recebi muitos estagiários, por isso, a minha perceção vem daí, da capacidade que os estagiários apresentam quando chegam das universidades. Na minha opinião é essencial saber escrever, isto pode parecer estranho, uma vez que é algo tão básico, mas é verdade. Muitos jovens candidatos a jornalistas chegam cá à redação e não sabem escrever uma frase. É muito surpreendente como é que há alunos que acabam o curso sem saberem escrever uma frase de início ao fim. E isto acaba por ser transversal, eu tenho conversas com outros jornalistas que me dizem o mesmo, que eles não sabem escrever português. Depois, para além de saber escrever uma frase, é necessário saber escrever uma notícia. Há pessoas que passam anos em cursos de jornalismo sem sequer escreverem notícias, pois essa é a realidade que me chega às mãos. Acredito que isto não aconteça com todos, mas esta é a realidade que eu conheço. Acho também basilar ter alguma desenvoltura e capacidade de iniciativa. Acho importante não se atrapalhar, saber lidar com as ferramentas, é preciso saber usar o Photoshop, é preciso ter à vontade para fazer um telefonema para a polícia. É necessário todo um saber técnico que vai desde o domínio da língua, saber dominar as ferramentas, e quando digo ferramentas não é o Word, mas sim Photoshop, saber inglês, programas de edição de vídeo, áudio e imagem, imagem estática e fotografia. É fundamental estar à vontade com a linguagem habitual dos gestores de conteúdos na Web. Todas estas coisas são fundamentais. Não é aceitável, por exemplo, que não se saiba fazer um link dentro de um artigo. Isto tudo tem que fazer parte da preparação técnica de um jornalista.

#### **2. Acredita que os alunos hoje quando saem das universidades estão 100% preparados para ingressar no mercado de trabalho?**

Não. Nem pode. Não é suposto as aulas prepararem o aluno para tudo o que ele vai encontrar, mas acho importante preparar para os desafios básicos.

#### **3. Hoje em dia, no meio jornalístico, vive-se na era do “jornalista faz tudo”, ou seja, aquele jornalista que é capaz de se movimentar em todos os meios e ferramentas. Acha que os alunos que saem hoje das universidades estão preparados para isso?**

Não. Mas isso já é outro assunto.

#### **4. Considera que há compatibilidade entre aquilo que é ensinado nas universidades e aquilo que as entidades empregadoras querem e procuram?**

Tem que haver. As universidades e os cursos de formação são bastante importantes mas cabe à universidade ser relevante tendo em conta o mercado de trabalho. A velha discussão sobre se os cursos de jornalismo são necessários não faz sentido, acho que essa discussão tem que acabar. Os cursos são necessários e no meu ver são necessários cada vez mais, também muito pelas questões técnicas. É preciso que exista formação assim como em todas as profissões. Acho que cabe às

universidades serem relevantes e saberem-se adaptar. São elas que têm a responsabilidade da formação, não são os meios de comunicação. As universidades têm que estar atentas ao mundo. Acho que não podemos esgotar a formação na parte prática, tem que existir um fundamento teórico que ajude na reflexão. Há fundamentos teóricos, éticos, legais que são fundamentais. Não sou apologistas de que a formação jornalística seja só prática.

**5. Muitos alunos têm a possibilidade de realizar um estágio durante a sua formação universitária. Acredita que muitos deles se sentem desorientados durante esse estágio, ou seja, sentem-se perdidos perante aquilo que a entidade pede?**

Claro que sim. É normal e é bom. Qualquer pessoa que chega a um novo trabalho, no seu primeiro dia fica sempre desorientado. Eu próprio comecei uma nova função há pouco tempo e senti-me desorientado no primeiro dia. Eu era editor do online e agora estou na parte da cultura e claro que no primeiro dia a fazer esta nova função me senti completamente desorientado e já tenho mais de uma década de profissão. É normal, mas é preciso ter capacidade para saber lidar com esses nervos.

**6. Qual seria o principal conselho de uma entidade empregadora para um aluno que sai hoje da universidade e procura emprego para ser jornalista?**

Este conselho é o que eu digo a toda a gente que me faz essa pergunta ou em conferências em que participo. A pior coisa que pode acontecer é o candidato a jornalista ter uma oportunidade e não estar preparado para a aproveitar. Há oportunidades que escapam porque o candidato não acompanha a atualidade, porque não lê jornais, porque não sabe trabalhar com determinada ferramenta ou porque não aprenderam nada do que foi ensinado na cadeira de ética na universidade. As oportunidades são raras e por isso devem estar sempre muito bem preparados caso a oportunidade apareça. É um equívoco o candidato a jornalista pensar que a sua formação se esgota na sala de aula. É sempre preciso mais para além do que a formação na sala de aula.

## APÊNDICE 2

**Entrevista ao jornalista Hélder Silva da RTP no Porto. É jornalista há 20 anos, maioritariamente na televisão, mas teve uma passagem de 6 anos pelo mundo da rádio. Hoje é pivot e editor do Jornal da Tarde, emitido todos os dias através da redação no Porto.**

**1. Enquanto entidade empregadora, na hora de contratar, o que é exigido atualmente a um jornalista, ou seja, quais são os requisitos?**

Nós, enquanto RTP, valorizamos o domínio da atualidade, ou seja, o domínio de tudo o que se passa à nossa volta. Para qualquer jornalista que chega a uma redação de televisão este *background* é fundamental. Eu posso, a qualquer momento, pedir a um jornalista que me faça uma reportagem sobre um assunto que caiu em última hora e ele tem de saber fazê-lo de imediato, sabendo enquadrar o assunto. A cultura geral também é importante e depois no que diz respeito à televisão, é fundamental a destreza em frente à camara e a escrita televisiva.

**2. Acredita que os alunos hoje quando saem das universidades estão 100% preparados para ingressar no mercado de trabalho?**

Não. Também porque muitos deles não fazem por isso. Eu também sou professor e já tive alunos que não têm o mínimo domínio da atualidade e não querem saber. É o mesmo que querer ser médico e não acompanhar a evolução da medicina. Eu tenho de me interessar pela área em que estou, porque de outra forma não vale a pena. E, por outro lado, há universidades que não estão preparadas para dotar os alunos de capacidades como, por exemplo, a destreza em frente às camaras. Eu já dei aulas em universidades que não tinham camaras. Mas eu também sei que ninguém sai da universidade 100% preparado em jornalismo, em medicina, em biologia, em nada. Só o contacto com a profissão é que nos faz aperfeiçoar. Hoje eu tenho 20 anos de televisão, aos quais posso somar 6 anos de rádio, e ainda hoje não me sinto 100% preparado. Aprendo todos os dias, até porque morre cedo aquele que acha que sabe tudo.

**3. Hoje em dia, no meio jornalístico, vive-se na era do “jornalista faz tudo”, ou seja, aquele jornalista que é capaz de se movimentar em todos os meios e ferramentas. Acha que os alunos que saem hoje das universidades estão preparados para isso?**

Há redações que estão divididas por editorias e outras que não. Mas isso não quer dizer que um jornalista que faça parte da editoria de desporto amanhã não seja chamado a fazer uma reportagem de economia. Um jornalista é um jornalista, tem que estar preparado para tudo. E isso implica que o jornalista domine a atualidade. Claro que não digo dominar todos os assuntos de uma forma intensa, mas sim saber o básico sobre assuntos importantes para saber explicá-los, como por exemplo o conflito na Palestina, a crise nuclear no Irão, ou a guerra do Iraque. Aquilo que me preocupa quando um jornalista sai hoje da Universidade é a sua falta de capacidade e competência para assuntos básicos e para os quais não é preciso estudar. Mas também há outro lado. Um jornalista que vai parar a uma redação multimédia, por exemplo, e que tem que estar dotado de competências para saber escrever uma notícia para a imprensa, saber trabalhar ferramentas em registo multimédia ou em registo radiofónico, tem que saber fazer tudo. Eu julgo que dificilmente lhe será pedido isso. Atualmente isso ainda é difícil de acontecer. Mas no futuro não sabemos. Eu acredito que os alunos terão mais oportunidades no mercado de trabalho quanto maiores forem as competências que dominem.

**4. Considera que há compatibilidade entre aquilo que é ensinado nas universidades e aquilo que as entidades empregadoras querem e procuram?**

Embora eu também seja docente eu só posso falar da minha experiência. Eu dou aulas de jornalismo televisivo e tento dotar os meus alunos de competências para que, se um dia chegarem ao mercado de trabalho, sejam capazes de fazer uma reportagem de televisão. Se forem capazes de fazer isso eu fico extremamente satisfeito. No geral, eu posso falar do que me chega aqui à RTP. E posso dizer que chegaram cá pessoas que não tinham essas competências. Agora não sei se foram elas que falharam, se foi o ensino que falhou, o que sei é que alguma coisa falhou.

**5. Muitos alunos têm a possibilidade de realizar um estágio durante a sua formação universitária. Acredita que muitos deles se sentem desorientados durante esse estágio, ou seja, sentem-se perdidos perante aquilo que a entidade pede?**

Quando falamos de estágio temos de diferenciar o estágio curricular do estágio profissional. Neste último, o aspirante a jornalista já assina trabalhos jornalísticos, no curricular isso não acontece aqui. Na RTP, aqui no Porto, temos sempre o cuidado de denominar um jornalista sénior para acompanhar o candidato no estágio curricular. É fundamental que no fim do estágio dominem a máquina, como se costuma dizer. Quando se trata do estágio profissional já é necessária alguma competência, já que os candidatos assinam as suas reportagens. No fundo, acredito que esse fator da desorientação no início é normal e é depois ultrapassável.

**6. Qual seria o principal conselho de uma entidade empregadora para um aluno que sai hoje da universidade e procura emprego para ser jornalista?**

Passa um bocadinho por tudo aquilo que eu já disse anteriormente. Em primeiro lugar, um candidato a jornalista deve dominar os assuntos da atualidade em todas as áreas. Mesmo que não se goste de futebol, é preciso saber o básico. Um conselho que dou aos meus alunos é o de lerem jornais com muita frequência. E depois, outro conselho passa por dominar todas as narrativas, até porque a narrativa da televisão é diferente da narrativa da rádio ou da imprensa. E há outra coisa, eu acho que tem que se gostar do trabalho que se faz. Ninguém é jornalista das 9h da manhã às 18h da tarde. É-se jornalista toda a vida. Tem que haver uma predisposição muito grande para estar disponível a qualquer momento. Não estou a dizer que não temos vida própria, não é isso, mas é um bocadinho aquela coisa de estar em casa e recebermos um telefonema a dizer para daqui a 2 horas apanharmos um avião para Paris porque houve um atentado, ou então ter que ir para a Venezuela porque anda tudo aos tiros, ou ter que deixar tudo e ir para o Iraque porque começou a guerra. Isto tudo já me aconteceu. É estar em casa com a família e o telefone tocar. Por isso, eu dizer que é muito difícil estar no jornalismo quando não se gosta verdadeiramente.

## APÊNDICE 3

### **Entrevista à jornalista Vanessa Rodrigues, representando a TSF enquanto entidade empregadora. Vanessa Rodrigues é jornalista, documentarista, investigadora e consultora em comunicação. É doutorada em estudos em comunicação para o desenvolvimento e já passou por vários órgãos de comunicação social.**

#### **1. Enquanto entidade empregadora, na hora de contratar, o que é exigido atualmente a um jornalista, ou seja, quais são os requisitos?**

Na hora de contratar, no meu caso enquanto colaboradora, o que pesou foi o portfólio, a experiência e alguns trabalhos já desenvolvidos, bem como a experiência nos temas de sociedade, economia e política no Brasil. Fui referida por um colega da área que já conhecia o meu trabalho.

#### **2. Acredita que os alunos hoje quando saem das universidades estão 100% preparados para ingressar no mercado de trabalho?**

Nunca nenhum estudante, independentemente da área que estudou, está 100% preparado para ingressar no mercado de trabalho. A experiência, a bagagem e o saber-fazer só se adquirem no terreno, praticando, e estando em contacto com a rotina produtiva das notícias. No caso do Jornalismo essa questão é ainda mais pertinente, tendo em conta a natureza prática que a atividade jornalística exige: desde o terreno, ao exercício dos géneros jornalísticos, deontologia e contacto com as fontes, etc.

#### **3. Hoje em dia, no meio jornalístico, vive-se na era do “jornalista faz tudo”, ou seja, aquele jornalista que é capaz de se movimentar em todos os meios e ferramentas. Acha que os alunos que saem hoje das universidades estão preparados para isso?**

Tenho uma opinião diferente sobre esta era de Jornalismo que creio estar equivocada em geral. Não creio que vivamos na era do “jornalista faz tudo”. Houve já essa ilusão, de facto. E há, sim, algumas práticas jornalísticas cuja natureza de veiculação pedem formatos mais híbridos, como por exemplo, o contexto ciberjornalístico. No entanto, as redações têm vários profissionais e nem todos têm esse perfil, não vão ter e não há indícios de que a nova geração se vá tornar em profissionais “faz tudo”. Atualmente já se contrata de acordo com a natureza dos projetos: se são mais ciberjornalísticos, ou mais tradicionais. O Público, por exemplo, tem uma equipa de vídeo, para o online e começou agora a produzir documentários que saem da plataforma web para entrar nos cinemas. Isso tem a ver com uma aposta estratégica, numa tentativa de inovar e diversificar os produtos que oferece do ponto de vista jornalístico. Mas serve um determinado público-alvo. A natureza dos órgãos de comunicação social continua a ser demarcada: rádio, imprensa, televisão, online. No início, quando o vídeo começou a ter maior preponderância, por um lado havia essa crença de que o futuro do jornalismo era um jornalista canivete-suiço, mas hoje já se está a perceber a necessidade de especialização nas diferentes áreas para oferecer um conteúdo profissional. No entanto, não quer dizer que não exista jornalistas com esses perfis e que se vão formando outros com esse perfil, que parte sempre de um interesse pessoal do estudante. As redações que apostam mais numa estratégia online tendem a contratar profissionais com essas competências, mas esse é também um jornalismo mais lento. Algumas universidades versam a formação em várias competências, incluindo o vídeo, igualmente, nas unidades curriculares. Em geral, os estudantes que saem hoje das universidades têm uma formação versada naquela que continua a ser a essência do Jornalismo: contar histórias com um sentido e um propósito, mas já

com a percepção de que têm de tornar interessante o que é relevante, citando um dos Elementos do Jornalismo de Bill Kovach e Tom Rosenstiel, e que nesse sentido devem adaptar a mensagem com determinado valor-notícia a um formato que lhes permita transmitir essa notícia da melhor forma. Se uma história pode ser melhor contada por vídeo, então deverá ser contada via vídeo. Se, por outro lado, funciona melhor em texto e imagem, então deverá ser assim veiculada. E essa é a essência do jornalismo: tornar a história inteligível, de forma a fornecer uma informação rigorosa, plural, de interesse público, e que contribua para que o público possa tomar melhores decisões sobre determinado assunto.

**4. Considera que há compatibilidade entre aquilo que é ensinado nas universidades e aquilo que as entidades empregadoras querem e procuram?**

As universidades que apostam em aliar a componente teórica à componente prática fornecem mais ferramentas e possibilidades de o estudante poder criar portfólio e treinar competências. Apenas posso falar da Universidade Lusófona do Porto onde leciono, onde noto, que a maioria das unidades curriculares do final do ano são na grande maioria práticas. No entanto, no mesmo contexto, noto que, tendencialmente, alguns estudantes já vêm mal preparados anteriormente, mesmo do ponto de vista pessoal: quer seja na falta de espírito crítico, quer seja na falta de uma cultura jornalística, como a leitura diária de notícias sobre o que se passa no país e no mundo. Essa é, de facto, a maior incompatibilidade e a maior dificuldade para quem leciona Jornalismo. Ensinar Jornalismo a estudantes que não têm cultura jornalística, que não leem notícias, é desde logo contraproducente. Isso terá repercussões complexas do ponto de vista da formação do futuro jornalista. As entidades empregadoras procuram profissionais que tenham cultura geral, que estejam atentos às grandes questões do país e do mundo, que tenham espírito crítico e que, acima de tudo seja cidadãos envolvidos, inquietos e curiosos e, nesse enquadramento, que saibam então utilizar as ferramentas do Jornalismo para fazer bom Jornalismo. Um Jornalismo que questione, que seja escrutínio de democracia, que reflita, que pense, que contribua para uma sociedade melhor informada e mais questionadora. Por isso, o curso de Jornalismo serve para transmitir as ferramentas da atividade jornalística, partilhar as rotinas e as grandes questões, ajudar a pensar, mas o caminho será sempre pessoal. Compete ao estudante aproveitar ao máximo, exigir mais, querer evoluir. O curso, um estágio e a profissão é também aquilo que nós quisermos fazer dele. Se quisermos ir mais além, depende sempre de nós. A apatia e a anestesia nunca levam a lugar algum. Por isso aquilo que espera de um profissional de Jornalismo é que seja expedito, proativo, que tenha ideias e possa, também, ajudar a pensar a sociedade.

**5. Muitos alunos têm a possibilidade de realizar um estágio durante a sua formação universitária. Acredita que muitos deles se sentem desorientados durante esse estágio, ou seja, sentem-se perdidos perante aquilo que a entidade pede?**

Eu também já fui três vezes estagiária. Por isso, acredito que a eventual desorientação tem três razões primordiais, na minha perspetiva: a falta de cultura jornalística do estagiário/a e, desde logo, a falta de análise dos conteúdos jornalísticos, aliados ao receio de perguntar e falhar. O meu conselho é sempre: quando não se sabe não ter receio de perguntar e, depois, analisar, estudar muito o que se faz no local onde se está a estagiar: que notícias produz, como, como está estruturada a notícia. Ir falar com os jornalistas mais experientes e perguntar como se faz. Não ter receio de perguntar. Se alguém se negar a explicar, na minha ótica, é ser se um indício de um mau profissional. E aqui chegamos à terceira razão: muitas vezes as entidades empregadoras esquecem-se que a experiência jornalística se adquire fazendo, experienciando, praticando. Por isso não se pode exigir a um estagiário que esteja ao nível de um profissional que tem, na maioria dos casos, anos de experiência. É preciso dedicar tempo a ensinar, nas redações, num primeiro momento, para que o estagiário/a entenda as rotinas produtivas próprias de uma redação. O espaço

universitário não é uma redação e vice-versa, por isso, por muito que se pratique no contexto académico, nunca se alcançará a rotina de uma redação.

**6. Qual seria o principal conselho de uma entidade empregadora para um aluno que sai hoje da universidade e procura emprego para ser jornalista?**

Adquire cultura jornalística, informa-te do que se passa no país e no mundo, lê muito sobre tudo, analisa como se produz notícias, como se estruturam os géneros jornalísticos para a rádio, a televisão, um website, um jornal. Analisa o órgão de informação para onde vais trabalhar, para dominares o que se produz. Sê curioso, está atento ao teu redor e o que preocupa as pessoas ao teu redor. Sê um cidadão envolvido, mobilizado e participativo.

## APÊNDICE 4

### **Entrevista a Jorge Pedro Sousa, professor universitário e pesquisador de jornalismo na Universidade Fernando Pessoa. É profundamente interessado por teoria e história do jornalismo.**

#### **1. Tendo em conta a sua experiência enquanto professor universitário, acredita que os cursos de jornalismo portugueses estão corretamente estruturados?**

Antes de mais nada quase não há cursos que se intitulem de jornalismo em Portugal. O único que eu conheço é só o da Escola Superior de Comunicação Social em Lisboa. O jornalismo tem-se apresentado na generalidade das ofertas educativas, em termos de licenciaturas, nas Universidades como uma componente das Ciências da Comunicação. Isto representa uma certa desconsideração académica pelo jornalismo enquanto campo de conhecimento, campo de saber e campo de pesquisa. Nunca houve coragem neste país, e noutros também, pelo menos ao nível da graduação, de propor ao mercado um curso especificamente de jornalismo e que se reivindicasse de jornalismo pela sua própria designação. Para o exercício do jornalismo, muitos cursos de Ciências da Comunicação, talvez não tenham os conteúdos mais apropriados para a formação do jornalista no atual contexto de mercado.

#### **2. Na generalidade os cursos de jornalismo têm a vertente teórica equilibrada com a vertente prática ou alguma dessas partes é diminuída pela outra, na sua opinião?**

Há alguns que conseguem equilibrar as coisas. As instituições têm tentado de uma forma sistemática introduzir alguma componente técnica, prefiro designar técnica em vez de prática, nos cursos de Ciências da Comunicação. Claro que para os alunos de licenciatura parece sempre que é pouco. Mas as instituições de ensino superior têm sempre uma responsabilidade de formar as pessoas de uma forma mais consistente e de alguma maneira também mais geral. As instituições de ensino superior sejam do ensino politécnico, sejam as universidades, não podem desistir dessa formação mais abrangente que passa por transmitir alguns conceitos teóricos que são importantes para qualquer profissional da comunicação. Sem dúvida que há instituições que realizam essa tarefa de forma mais competente e com meios mais adequados do que outras. Há inegavelmente instituições, inclusivamente financiadas pelo Estado, que tiveram e têm muito dinheiro para investir em laboratórios, em pessoal técnico especializado e docentes exclusivamente contratados para assegurar essa componente de ensino técnico. Por outro lado, há outras instituições, públicas e privadas, que preferem apostar mais na questão da reflexão, da língua, mas isto também acontece à escala do país.

#### **3. Os alunos hoje quando saem das universidades estão 100% preparados para ingressar no mercado de trabalho?**

Nunca ninguém está 100% preparado, até porque há coisas que só o mercado de trabalho se encarrega de aprimorar. Os cursos superiores são sempre uma mais-valia no sentido de preparar genericamente as pessoas para o mercado de trabalho mas também para viverem em sociedade. Se considerarmos especificamente o mercado de trabalho jornalístico, existem coisas que só depois a inserção profissional vai limar. Coisas tão simples como, por exemplo, a responsabilidade, cumprir horários, etc. De uma forma geral, não tenho qualquer dúvida que os cursos de Ciências da Comunicação tentam providenciar ferramentas que são importantes para qualquer individuo que pretenda vir a exercer a profissão de jornalista.

**4. O modelo de ensino praticado atualmente prepara os alunos para serem um “jornalista faz tudo”, como hoje é exigido?**

É evidente que são exigidas competências multimédia aos jornalistas. Para um candidato a jornalista, no tempo atual, é sempre uma mais valia dominar por exemplo ferramentas de infografia, designe, webdesign, infografia fixa e animada, vídeo, audiovisual etc. As competências básicas tentam-se sempre fornecer, agora estas novas necessidades no jornalismo se calhar há mais noutras instituições que outras. Uma coisa que não posso negar, na minha opinião, é que a formação foi indevidamente encurtada. Eu preferia uma formação de cinco anos para todos os jornalistas. Para mim não faz muito sentido este ciclo de três anos. Se repararmos já quase ninguém contrata um licenciado no campo do jornalismo, preferem-se os mestres.

**5. Acha que há compatibilidade entre aquilo que é ensinado nas universidades e aquilo que as entidades empregadoras querem e procuram?**

As universidades não podem ir a reboque do que as entidades empregadoras querem. Se assim fosse estaríamos apenas a formar profissionais para um determinado momento e não pessoas que depois no futuro são capazes de se atualizar e evoluir. Assim as universidades não seriam mais do que centros de formação. As competências essenciais são exploradas, mas sempre tendo em consideração que uma instituição de ensino superior tem que ir para além daquilo que são as necessidades do mercado no momento. As Universidades têm de preparar cidadãos aptos, socialmente responsáveis, com conhecimentos e capacidade crítica. Genericamente, daquilo que eu conheço das instituições portuguesas, todas elas tentam dar as competências técnicas que as empresas necessitam.

**6. Muitos alunos têm a possibilidade de realizar um estágio durante a sua formação universitária. Acredita que muitos deles se sentem desorientados durante esse estágio, ou seja, sentem-se perdidos perante aquilo que a entidade pede?**

É possível, mas é com o tempo que as coisas se vão aprimorando. Uma pessoa vai para uma aprendizagem, é normal que nos primeiros momentos se sintam desorientados. No entanto, é essencial demonstrar conhecimentos e competências.

## APÊNDICE 5

**Entrevista a Luís Loureiro, jornalista da RTP e professor universitário. Dá aulas na Universidade Lusófona do Porto onde dirige o mestrado em Comunicação, Redes e Tecnologias, e ainda a licenciatura em Ciências da Comunicação.**

**1. Tendo em conta a sua experiência enquanto professor universitário, acredita que os cursos de jornalismo portugueses estão corretamente estruturados?**

Eu penso que nos últimos anos a estrutura dos cursos universitários se tornou mais adequada à formação do que se espera de um jornalista. Em relação ao curso que temos aqui na Lusófona do Porto, ele já estava bem estruturado, na minha opinião. Um curso universitário não deve ser um curso de formação profissional. Um curso universitário deve abrir os estudantes ao pensamento crítico, deve proporcionar um olhar que questione a sociedade.

**2. Na generalidade os cursos de jornalismo têm a vertente teórica equilibrada com a vertente prática ou alguma dessas partes é diminuída pela outra, na sua opinião?**

Os cursos de Comunicação Social anteriormente ao processo de Bolonha eram cursos na maior parte muito teóricos nas universidades públicas, que foram os que acabaram por originar nas universidades privadas. Porém, há algumas universidades privadas que acho que avançaram demasiado na componente prática. Mas, em relação às públicas, a Universidade do Porto andou primeiro, depois foi acompanhada pela Universidade do Minho. O curso da Universidade de Trás os Montes e Alto Douro penso que está um pouco mais atrás, penso que o curso precisaria de ser provido de mais especialistas e verdadeiros jornalistas. Mas na generalidade há cursos de jornalismo muito bons. Considero alguns como o da Nova de Lisboa, o da Universidade do Porto e o da UBI, da Universidade da Beira Interior. Muito porque equilibram bem a componente teórica com a prática.

**3. Os alunos hoje quando saem das universidades estão 100% preparados para ingressar no mercado de trabalho?**

Nunca estão. Mas eu acho que as pessoas não se devem assustar com isso. Eu acho que é um erro haver tanta pressão para que os cursos universitários formem pessoas para o mercado de trabalho. Um curso universitário serve para as pessoas pensarem. Se eu tiver capacidade de leitura do mundo e questionar o mundo estou muito mais capacitado para ser jornalista do que só para saber como funciona um gravador ou uma câmara de filmar. Um curso universitário serve para eu saber colocar tudo em dúvida, deve formar pessoas para se abrirem ao mundo.

**4. O modelo de ensino praticado atualmente prepara os alunos para serem um “jornalista faz tudo”, como hoje é exigido?**

Tentam preparar os alunos para se abrirem. Temos a ideia que vamos preparar um profissional para amanhã ir para o mercado de trabalho e fazer tudo, isso é falso. Nenhum consegue. A universidade é um local que prepara o futuro, mas a partir daquilo que está adquirido cientificamente. A ciência faz-se a partir do passado. Aqui não há bolas de cristal, não sabemos que tecnologias vão estar a dar daqui a uns anos. Isto está sempre a evoluir e, por isso, temos de preparar os nossos estudantes com as ferramentas para poderem vir a abordar essas tecnologias. Não podemos andar a correr atrás de uma realidade que está sempre a mudar.

**5. Acha que há compatibilidade entre aquilo que é ensinado nas universidades e aquilo que as entidades empregadoras querem e procuram?**

As entidades empregadoras têm, muitas vezes, um discurso sobre essa incompatibilidade. Muitas vezes dizem “as pessoas chegam aqui e não sabem nada”, muito porque as entidades empregadoras não são locais de produção de ciência. E esse é um bocadinho o problema dos cursos demasiado profissionais, correm o risco de se fecharem e de ensinarem as tecnologias de ontem, quando as universidades preparam as pessoas para reagirem perante um problema.

**6. Muitos alunos têm a possibilidade de realizar um estágio durante a sua formação universitária. Acredita que muitos deles se sentem desorientados durante esse estágio, ou seja, sentem-se perdidos perante aquilo que a entidade pede?**

Acredito que sim, mas isso é o normal. É normal que se sintam desorientados perante algo a que não estão habituados. Mas este choque é importante. Aconteceu a mesma coisa quando chegaram à universidade pela primeira vez. Quando encontramos uma realidade nova ficamos sempre desorientados. E é aquilo que eu acredito, um curso universitário prepara as pessoas para essa nova adaptação, prepara para a inteligência.

## APÊNDICE 6

**Entrevista a Maria Fontes Ferreira, enquanto aluna estagiária na Agência Lusa. Realizou um estágio curricular em 2017/2018 a partir da Universidade Fernando Pessoa.**

**1. Sentiu-se perdido ou desorientado durante a realização do estágio? Se sim, porquê?**

Não.

**2. Sentiu uma grande discrepância entre aquilo que aprendeu na Universidade e aquilo que lhe foi pedido no estágio? Porquê?**

Não, visto que a Pós-graduação consiste numa parceria entre a Universidade Fernando Pessoa e a Agência Lusa e as aulas eram dadas por jornalistas que preparam os alunos para o ambiente de trabalho numa agência noticiosa.

**3. Tendo em conta os conhecimentos adquiridos na Universidade sentiu-se capaz de realizar o estágio sem qualquer problema? Porquê?**

Mais ou menos, uma vez que algumas das notícias redigidas eram sobre temas no desporto que não foram aprofundados durante a minha formação. Contudo, os jornalistas mostraram-se sempre disponíveis para me ajudar em qualquer dificuldade.

**4. Acredita que os jornalistas que saem hoje das universidades estão preparados para ingressar no mercado de trabalho? Acredita que estão munidos de todas as ferramentas que hoje em dia exigem as entidades empregadoras?**

Não. Os jornalistas recém-licenciados precisam de mais aulas práticas durante a licenciatura de modo a que não sintam tanta dificuldade quando entram no mercado de trabalho. Por outro lado, saem com noções de jornalismo impresso, radiofónico, televisivo e online, bem como ferramentas para edições de vídeo e áudio.

**5. Qual a sua opinião de como deveria ser o estágio ideal?**

Cada estagiário devia ter o seu próprio tutor de modo a que fosse possível uma orientação mais personalizada durante o estágio.

## APÊNDICE 7

**Entrevista a Sara Campos, enquanto aluna estagiária na Agência Lusa. Realizou um estágio curricular em 2017/2018 a partir da Universidade Fernando Pessoa.**

- 1. Sentiu-se perdido ou desorientado durante a realização do estágio? Se sim, porquê?**

Não.

- 2. Sentiu uma grande discrepância entre aquilo que aprendeu na Universidade e aquilo que lhe foi pedido no estágio? Porquê?**

Não, uma vez que durante a pós-graduação tive aulas de preparação para o estágio dadas por jornalistas da Agência Lusa.

- 3. Tendo em conta os conhecimentos adquiridos na Universidade sentiu-se capaz de realizar o estágio sem qualquer problema? Porquê?**

Sim, porque a pós-graduação que fiz deu-me as bases e os conhecimentos necessários para realizar o estágio.

- 4. Acredita que os jornalistas que saem hoje das universidades estão preparados para ingressar no mercado de trabalho? Acredita que estão munidos de todas as ferramentas que hoje em dia exigem as entidades empregadoras?**

No meu caso, foi através da pós-graduação e do estágio que adquiri as competências para ingressar no mercado de trabalho. No entanto, durante a licenciatura também adquiri conhecimentos na área do jornalismo.

- 5. Qual a sua opinião de como deveria ser o estágio ideal?**

Na minha opinião, o estágio ideal caracteriza-se pela preparação e inserção dos jovens no mercado de trabalho e também pela oportunidade em aprender com os profissionais da sua área.